



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

RIZIOMAR PINHEIRO DE OLIVEIRA

**LEITURA LITERÁRIA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL – 6º AO 9º ANO: MARGENS OPOSTAS OU TRAVESSIA?**

**SANTARÉM
2020**

RIZIOMAR PINHEIRO DE OLIVEIRA

**LEITURA LITERÁRIA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL – 6º AO 9º ANO: MARGENS OPOSTAS OU TRAVESSIA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Vieira Silva

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de pesquisa: Linguagens, Literatura e Educação

**SANTARÉM
2020**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFOPA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Unidade Rondon

Oliveira, Riziomar Pinheiro de.

Leitura literária e o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental - 6º ao 9º ano: margens opostas ou travessia / Riziomar Pinheiro de Oliveira. - Santarém, 2021.

121f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Mestrado Profissional - PROFLETRAS.

Orientador: Ana Maria Vieira Silva.

1. Língua Portuguesa. 2. Educação literária. 3. Livro didático. I. SILVA, Ana Maria Vieira. II. Título.

UFOPA/Sistema Integrado de Bibliotecas

CDD 23 ed. 469.5



Universidade Federal do Oeste do Pará

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

ATA Nº 4

Aos dois dias do mês de outubro do ano de 2020, às 09:30 horas, por meio de videoconferência RNP, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). Profa. Dra. Ana Maria Vieira Silva (orientadora e presidente), Profa. Dra. Celiane Sousa Costa (membro externo) e Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura (membro interno) a fim de arguirem a mestranda Riziomar Pinheiro de Oliveira, com a dissertação intitulada **Leitura literária e o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental - 6º ao 9º ano: margens opostas ou travessia?** Aberta a sessão pelo presidente, coube a candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(x) Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

() Reprovada

Dra. CELIANE SOUSA COSTA, UFOPA

Examinadora Externa ao Programa

Dr. HELIUD LUIS MAIA MOURA, UFOPA

Examinador Interno

Dra. ANA MARIA VIEIRA SILVA, UFOPA

Presidente

RIZIOMAR PINHEIRO DE OLIVEIRA

Mestranda

Dedico a todos que na travessia, ao se depararem com a diversidade, optam sempre pelo respeito.

RIZIOMAR PINHEIRO DE OLIVEIRA

AGRADECIMENTOS

“Em tudo dou graças, por ser a vontade de Deus.” (Apóstolo Paulo em carta aos Tessalonicenses)

Viver é agradecer, esta é uma das condições que tornam as relações humanas mais sólidas, porque faz com que, ao olharmos ao redor, certifiquemo-nos de que nenhuma conquista pessoal se realiza sem a participação de outro. Tanto pessoal quanto profissionalmente, tenho a convicção de que as conquistas celebradas me tornaram menos confiante em minhas forças próprias e mais certa de que na travessia viver é mesmo muito perigoso se não pudermos contar com um ombro amigo, com uma palavra afável. Então, estou certa de que o agradecimento é necessário sempre, esquecer de tal gesto é, também, esquecer que somos incompletos sem as interrelações; são as relações humanas que nos tornam maduros. Mas lembrar é entender que a nossa plenitude se dá quando estendemos as mãos e seguimos de mão dadas, como dizem os versos de Drummond. Logo, estendo os meus agradecimentos mais sinceros a todos(as).

A Deus, meu Pai eterno, cujos caminhos traçados, através da infinita e genuína fé que tenho em seu filho, Jesus Cristo, são os que escolhi percorrer, e os quais, nunca, deixar de trilhar. a Ele devo tudo.

A Jesus Cristo, o meu Salvador, que torna leve os meus fardos e a quem tributo o louvor e honra incansavelmente.

Ao Espírito Santo, meu conselheiro, meu ajudador, meu guia.

À minha família: minha mãe e meu pai, porque foram o meu referencial primeiro de amor, de ética e de respeito. Neles me identifico e me certifico de que Deus dá sabedoria aos simplices, toda honradez e honestidade aprendi com eles. Serei eternamente grata.

Ao meu esposo Will, por ser o meu amor, o meu parceiro, o meu amigo.

Aos meus filhos, Maurício e Maria Luísa, que são a extensão de minha alma.

Ao meu irmão, Rildo, e às minhas preferidas irmãs, Ronaide, Rízia e Leia, agradeço pelo nosso companheirismo, pela cumplicidade, pela amizade. Agradeço por vocês sonharem comigo e por serem tão leais em todos os momentos.

À Bispa Vera Almeida por ser minha intercessora e acalmar meu coração a cada momento em que ora por mim.

Ao Bispo Ademir Almeida (*in memoriam*) pelas lindas emoções que vivemos, pela alma de poeta inconfundível, por sua dignidade e por amar genuinamente sem acepções.

À CAPES pelo incentivo à pesquisa e auxílio financeiro.

À UFOPA pela formação acadêmica e pelos avanços científicos proporcionados à população da Amazônia.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Vieira Silva, que, usando a poesia de Bartolomeu Campos de Queiróz, parece mesmo ser feita de três gotas de sereno, três grãos de açúcar e uma tonelada de mansidão, meu afeto, meu respeito e minha admiração sempre.

Aos docentes do Mestrado PROFLETRAS – UFOPA, por quem tenho grande estima e respeito, Ana Maria Vieira, Andrei Moraes, Ediene Penna Ferreira, Edivaldo Bernardo, Heliud Maia Moura, Luiz Percival Leme Britto, Roberto Paiva, Zair Henrique Santos.

À Banca Examinadora pelas valiosas intervenções para a conclusão desta pesquisa, todas realizadas com ética, com segurança e com responsabilidade.

Aos meus amigos do Mestrado, Adalzinda, Andrea Nina, Alcilene Amaral, Ana Diane Vinhote, Ana Paula Barbosa, Crislane, Detimar, Hamilton Fernandes, Izaneide Bentes, Marlisson Andrade, Patricia Sardinha, Paula Grandal, os quais levarei para sempre em meu coração.

Às minhas queridas e inestimáveis amigas, Aládia Nascimento, Carla Branco, Carlina Fialho, Christiane Adele, Elani Pierre, Emília Semblano, Lia Márcia, Lilia Campos, Lucicleia Tavares, Marcia, Bitar, Rosana Silva, Siglea Sanna, Simone Figueira, Viviany Bandeira, Vita Andrade, agradeço por toda sinceridade e aconchego, em forma de afeto, dispensados a mim.

À Edna Félix pela generosidade infinita sempre dispensada a mim e pelo tempo tão precioso e impagável para a formatação do E-book.

Aos diretores, aos vice-diretores e aos coordenadores pedagógicos das escolas Pedro Álvares Cabral, Aluizio Martins e Colégio Batista por confiarem a mim a responsabilidade em educar e serem generosos todas as vezes em que precisei me afastar durante o Mestrado.

Aos meus alunos queridos pela confiança, pelo brilho nos olhos após as leituras de Literatura feitas na sala, por serem meus leitores literários prediletos, por aceitarem os desafios das declamações, das encenações, por vivenciarem a Literatura comigo. Obrigada pelo sentido novo a cada encontro na sala de aula. Vocês me ensinam demasiadamente e eu aprendo a ser uma melhor pessoa.

Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia
(Alfredo Bosi)

RESUMO

Esta Dissertação intitulada *A leitura literária e o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano: margens opostas ou travessia?* surge de uma necessidade pedagógica - a educação literária - por isso investigou onde se encontra a Literatura nas aulas de Língua Portuguesa. Para o levantamento dos dados, comparações, análise de resultados, intervenção e discussão, foi aplicado questionário semiestruturado, com perguntas fechadas e abertas a oito (08) professores de Língua Portuguesa e a duzentos e cinco alunos (205). A pesquisa foi realizada em (05) cinco escolas da Rede Pública Estadual, no município de Santarém- PA. Como parte importante da investigação, houve a verificação e a enumeração da ocorrência de textos literários nos livros didáticos de Língua Portuguesa, utilizados por alunos e por professores das referidas escolas, com o fito de verificar se esse instrumento pedagógico promove a educação literária por meio de seus textos. Os dados obtidos com a aplicação do questionário foram importantes para a realização da proposta de intervenção, pois foram socializados com os professores participantes da pesquisa, em um encontro programado onde foram feitos diversos questionamentos, dentre os quais a ausência de metodologias, de planejamento coletivo e de cursos de formação de Língua Portuguesa para o ensino de Literatura no Ensino Fundamental, além de discussões voltadas para a elaboração de estratégias, capazes de dar ao texto literário o potencial que ele tem. Os embasamentos utilizados foram Cândido (2004), Cosson (2012), Silva (1991, 2004, 2009), Zilberman (2009), Geraldi (2012), além de artigos e de dissertações que dialogam com esse tema. A análise dos resultados obtidos revela que, embora o texto literário esteja vinculado ao ensino de Língua Portuguesa, ele tem sido apenas o pretexto para o ensino de gramática normativa, para resoluções de questões de compreensão e de interpretação de textos, além de modelo para escrita de textos do mesmo gênero, não promovendo, desse modo, a educação literária. Assim, foi elaborado um E-book, intitulado “Convite à travessia”, como sugestão a professores de Língua Portuguesa do Ensino fundamental – 6º a 9º ano - a fim de tornar não apenas presente, mas contínuo e provocador, o ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa, sendo capaz de prender a atenção do aluno e, desse modo, promover a educação literária, tornando-se uma prática menos didatizada e mais humanizadora.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Educação Literária. Literatura. Livro Didático.

ABSTRACT

This Dissertation entitled *Literary reading and the teaching of Portuguese in Elementary School - 6th to 9th grade: opposite margins or crossing?* arises from a pedagogical need - literary education - so he investigated where Literature is in Portuguese Language classes. For data collection, comparisons, analysis of results, intervention and discussion, a semi-structured questionnaire was applied, with closed and opened questions to eight (08) Portuguese language teachers and two hundred and five students (205). The research was carried out in (05) five schools of the State Public Network, in the municipality of Santarém-PA. As an important part of the investigation, there was the verification and enumeration of the occurrence of literary texts in Portuguese language textbooks, used by students and teachers from those schools, in order to verify whether this pedagogical instrument promotes literary education through your texts. The data obtained with the application of the questionnaire were important for the realization of the intervention proposal, as they were socialized with the teachers participating in the research, in a scheduled meeting where several questions were asked, among which the absence of methodologies, collective planning and of Portuguese Language training courses for teaching Literature in Elementary Education, in addition to discussions aimed at developing strategies, capable of giving the literary text the potential it has. The bases used were Cândido (2004), Cosson (2012), Silva (1991,2004, 2009), Zilberman (2009), Geraldi (2012), in addition to articles and dissertations that dialogue with this theme. The analysis of the results obtained reveals that, although the literary text is linked to the teaching of the Portuguese language, it has only been the pretext for the teaching of normative grammar, for solving questions of comprehension and interpretation of texts, as well as a model for writing of texts of the same genre, thus not promoting literary education. Thus, an E-book was created, entitled “Invitation to crossing”, as a suggestion to Portuguese teachers of elementary school - 6th to 9th grade - in order to make not only present, but continuous and provocative the teaching of Literature in Portuguese language classes, being able to hold the student's attention and, thus, promote literary education, becoming a less didactic and more humanizing practice.

Keywords: Portuguese Language. Literary Education. Literature. Textbook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Relação entre o Ensino de Literatura e de Língua Portuguesa, o professor, o aluno e o Livro Didático.	39
Figura 2- Texto da coleção Projeto 6º ano. Teláris: português Ensino Fundamental	64
Figura 3– Texto do livro didático do 7º ano da coleção Português Linguagens	66
Figura 4– Atividade do livro didático do 7º ano da coleção Português Linguagens.....	67
Figura 5- Texto da coleção Projeto 8º ano. Teláris: português Ensino Fundamental	69
Figura 6- Atividade da coleção Projeto Teláris: português Ensino Fundamental 8º ano.....	70
Figura 7– Atividade do livro didático do 9º ano da coleção Português Linguagens.....	72
Figura 8– Conjunto de slides apresentados no Encontro com professoras que responderam ao questionário, Sala de leitura da Escola Aluizio Lopes Martins, (Santarém/PA).....	89
Figura 9– Conjunto de slides apresentados no Encontro com professoras que responderam ao questionário, Sala de leitura da Escola Aluizio Lopes Martins, (Santarém).	90
Figura 10– Slide apresentado no Encontro com professoras que responderam ao questionário, Sala de leitura da Escola Aluizio Lopes Martins, (Santarém).....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Você lê regularmente?	60
Gráfico 2- Após a leitura do texto literário	58
Gráfico 3 - Você lê em outros ambientes além da escola?	59
Gráfico 4 – Sua escola possui projetos de incentivo à leitura?	60
Gráfico 5 – Sua escola possui biblioteca escolar/ sala de leitura em funcionamento?.....	60
Gráfico 6- Com qual frequência você visita o espaço?	60
Gráfico 7 - Atividades de leitura de que você participa em sua escola	61
Gráfico 8 – Leitura literária que marcou sua vida	62
Gráfico 9 - O uso do LD por alunos	62
Gráfico 10 - O uso do LD por alunos	62
Gráfico 11 - Gêneros literários mais encontrados nos Livros Didáticos	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nome e endereço das escolas onde foi realizada a pesquisa, (Santarém – PA)	40
Quadro 2 – Caracterização dos professores que participaram da pesquisa em Escolas da Rede Pública Estadual, (Santarém – PA).....	40
Quadro 3- Editora, edição, coleção e série dos livros didáticos usados para coleta de dados..	43
Quadro 4 - Sobre a definição de leitura.....	45
Quadro 5 - Sobre Você considera que há diferença entre ser professor(a) de Língua e de Literatura? Por quê?.....	46
Quadro 6 - Sobre de acordo com sua formação docente, você se considera apto(a) para ensinar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental? Por quê?.....	47
Quadro 7 - Sobre como você define leitura literária?.....	48
Quadro 8 - Sobre você pode citar alguma(s) leitura(a) literária que tenha marcado sua vida?	49
Quadro 9 - O que lê com mais frequência.....	50
Quadro 10 - Atividades de que participou ou promoveu na escola.....	50
Quadro 11 - O que faz após a Leitura Literária?.....	51
Quadro 12 – Extraído do questionário respondido pelo professor: identificação, lê regularmente, indica leitura de literatura, escola possui biblioteca, frequência ao espaço, escola possui projetos de leitura?	52
Quadro 13 - Pergunta e respostas do questionário aplicado aos alunos nas cinco Escolas Públicas da Rede Estadual de Ensino, Santarém-PA	52
Quadro 14 - Pergunta e respostas do questionário aplicado aos alunos nas cinco Escolas Públicas da Rede Estadual de Ensino, Santarém-PA	55
Quadro 15 - Pergunta e respostas do questionário aplicado aos alunos nas cinco Escolas Públicas da Rede Estadual de Ensino, Santarém-PA	56
Quadro 16 – Textos literários do livro do 6º ano.....	76
Quadro 17 – Textos literários do livro do 7º ano.....	77
Quadro 18 - Textos literários do livro do 8º ano.....	80
Quadro 19 – Textos literários do livro do 9º ano.....	81
Quadro 20 - Capa do E-book, informações das autoras e link de acesso.....	95
Quadro 21 – Entrevista conduzida com a Profa. Lia Pereira a respeito do E-book “Convite à travessia”.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização do número de alunos por série/turma que responderam ao questionário na E. E. E. M. Aluízio Lopes Martins (Santarém, PA).....	41
Tabela 2 - Caracterização do número de alunos que responderam ao questionário na E. E. E. M. Onésima Pereira de Barros (Santarém, PA)	42
Tabela 3 - Caracterização do número de alunos que responderam ao questionário na E. E. E. M. Pedro Álvares Cabral (Santarém, PA).....	42
Tabela 4 - Caracterização do número de alunos que responderam ao questionário na E. E. E. M. José de Alencar (Santarém, PA).....	42
Tabela 5 - Caracterização do número de alunos que responderam ao questionário na E. E. E. M. Terezinha de Jesus Rodrigues (Santarém, PA).....	43
Tabela 6 – Faixa etária dos estudantes que responderam ao questionário nas Escolas da Rede Pública Estadual (Santarém, PA).....	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	SOBRE LITERATURA: ALGUMAS REFLEXÕES	22
2.1	A LITERATURA E O HOMEM	22
2.2	LITERATURA COMO ARTE: QUE ENGENHO É ESSE?	25
2.3	EDUCAÇÃO, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA	28
2.4	O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE LITERATURA	32
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	38
3.2	ESCOLAS AVALIADAS	40
3.3	PROFESSORES AVALIADOS.....	40
3.4	PERFIL DAS CLASSES AVALIADAS NAS ESCOLAS.....	41
3.5	O LIVRO DIDÁTICO.....	43
4	RESULTADOS E AVALIAÇÃO	45
4.1	QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PROFESSORES.....	45
4.2	QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS.....	52
4.3	RESULTADO E AVALIAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA UTILIZADOS PELOS PROFESSORES E PELOS ALUNOS.....	62
5	A INTERVENÇÃO	83
5.1	O ENCONTRO COM OS PROFESSORES	85
5.2	O E-BOOK	92
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS	100
	APÊNDICES	102
	ANEXOS	117

1 INTRODUÇÃO

TRAVESSIA: DE UMA MENINA QUE OUVIA HISTÓRIAS NA INFÂNCIA A UMA PROFESSORA QUE AMA LITERATURA

Eu sozinho menino entre mangueiras, lia a história de Robinson Crusóé. Carlos Drummond de Andrade

Eu, menina pequena, não lia as histórias de Robinson Crusóé, eu tinha um Encontro com tia Leninha¹. Riziomar Pinheiro de Oliveira

A Literatura fez parte de minha vida muito antes de eu ir à escola e sem que eu sequer tivesse consciência do quanto ela tem força sobre as pessoas que a leem. Escolhi os versos transcritos do poema Infância, do poeta itabirano, porque eles me remetem àquela fase de minha vida, sinto certa nostalgia ao lembrar de como aconteceu minha inserção no mundo da Literatura, por isso reforço: não imaginava que uma experiência infantil seria tão intensa, marcando o começo de muitas experiências inesquecíveis que tive e que continuo a ter com a Literatura.

Considero importante (re)lembrar o princípio do que hoje considero o meu mundo interior e literário. Sempre, desde a meninice, interessei-me por leituras, as mais diversas, lembro-me, mesmo antes de saber ler, de que ouvia um programa na Rádio Nacional de Brasília, Encontro com Tia Leninha. Ao ouvi-lo, eu imergia, através das histórias narradas, no mundo dos príncipes “redentores”, das fadas, dos lobos, do Patinho Feio, das crianças abandonadas, enfim, das histórias que tornaram minha infância uma época marcada pelo encanto e pela fantasia. Lembro que assim que aprendi a escrever, fiz muitas cartinhas para serem encaminhadas a esse programa de rádio, criando em mim a expectativa de que um dia seriam elas lidas.

Um pouco mais tarde, ganhei de meus pais uma coleção destas histórias, ouvidas pela emissora de rádio. Era um disco de vinil, denominado Coleção Disquinho. Desse modo, eu podia ouvi-las a hora que desejasse, e a cada audição o encantamento crescia, fazendo-me rir, sofrer, sonhar, indignar-me com certos desfechos. Interessante que a repetição das audições não interferia em minhas emoções, por isso, hoje afirmo não haver *spoiler* quanto à leitura/escuta de textos de Literatura, pois podemos ler e reler o mesmo texto e ele nos provocar diferentes emoções a cada leitura.

O acesso a essas histórias em sua forma escrita se deu nas primeiras séries escolares; eu gostava de ler e de reler muitas histórias. Sei que, por muito as ler, foi sendo construído em

¹ Programa infantil transmitido pela Rádio Nacional de Brasília entre as décadas de 70 e de 80.

mim um mundo que eu conhecia e que parecia ser unicamente meu, formando valores dos quais nunca me apartei, como o respeito às diferenças, evocado, ainda hoje, após a leitura do Patinho Feio; como a solidariedade do caçador ao poupar a vida de Branca de Neve, bem como a dos Sete anões, ao recebê-la e com ela compartilhar o afeto e o lar. As histórias de minha infância até hoje me fascinam, e o encanto permanece dentro de mim.

Assim, o contato com a Literatura em minha infância, quando eu ainda nem possuía o entendimento do que de fato ela representaria para mim, tampouco que seria determinante em minha vida profissional, despertou-me o desejo de levá-la a outros. Minhas memórias infantis são um mundo interior construído em minha alma. As histórias ouvidas e lidas fazem parte delas, todas ficaram gravadas em mim, a cada (re)leitura feita sinto um pouco do cheiro dessa infância, trazendo-me boas sensações.

Há um fato importante: as minhas cartas nunca chegaram a serem lidas no programa, porque quem poderia levá-las aos Correios talvez nunca as tenha levado. Não sei o que houve, mas o que sei é o poder que a Literatura pode exercer sobre uma criança, sendo capaz de traçar veredas pessoais e profissionais. Ela exerceu esse poder sobre mim.

Possuo muitas experiências marcantes com leituras de Literatura. Posso destacar apenas algumas, como as que vivenciei com o pequeno Miguilim, sua infância tão marcada pelas perdas dolorosas e angustiantes, e sua dolorosa travessia para o mundo dos adultos. Vivenciei com o inocente Zezé, da obra *Meu pé de laranja lima*, suas angústias infantis, que me levaram muitas vezes a muitas lágrimas. Admirei a insinuante e linda Capitu, de Machado de Assis, marcada por suas escolhas em um século onde as mulheres eram tão violadas socialmente, perdendo, dessa forma, sua identidade. No entanto, Capitu não seduziu apenas o Bentinho, mas a mim, principalmente, por vê-la uma mulher que traça seu destino, indo na contramão do que foi planejado, para a sua vida adulta. Com o Riobaldo Tatarana, nos sertões da vida, torci pelo fim de Hermógenes, senti dó da Nhorinhá, da Otacília e de Diadorim, vibrei com os argumentos de Zé Bebelo para escapar da morte, o qual escapou com “fama de glória”, e não contive as lágrimas com Riobaldo ao descobrir que Reinaldo era a sua amada Diadorim. E como não gargalhar com o empoderamento explícito da D. Baratinha, escolhendo seu próprio marido para que prevalecesse sua vontade, diante de uma sociedade patriarcal e machista? A Menina de lá, a Nininha, personagem de Guimarães Rosa, é uma das prosas poéticas mais lindas que já tive a oportunidade de ler, mostrando a leveza e a imponência de uma criança de quatro anos incompletos que, tanto viva quanto morta, traçou seu destino e nenhum adulto pode muda-lo, ainda imagino os desejos da Nininha sendo

realizados pelo poder que emanava através de suas palavras. Essas são apenas algumas das muitas experiências marcantes de um tempo em que eu não era mais menina, mas uma pessoa que enveredou, que construiu caminhos, que se encantou, acumulando um acervo literário mental, a partir de minhas próprias vivências com o texto literário, iniciado na infância e contínuo até hoje em minha vida.

Foram as experiências particulares com o texto literário que impulsionaram atividades desenvolvidas em sala de aula, a partir de leituras de poemas de autores como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Carlos Queiróz Telles, Rosana Rios, Mário Quintana, Guilherme de Almeida, Manoel de Barros, Manuel Bandeira, dentre outros autores, ou de leituras de crônicas do Veríssimo e do Moacyr Scliar, contos de Inglês de Sousa, de Machado de Assis, do Dalton Trevisan. Embora o acesso a esses textos não fosse fácil como o é agora, diversos gêneros literários, escritos por esses autores, estavam inseridos nos livros didáticos, utilizados durante as aulas, outras vezes, eram xerocados e levados aos alunos para que os lessem. As leituras algumas eram para deleite; outras vezes, para dar ao aluno a oportunidade de contemplação do texto para a experiência e para contato com a leitura de Literatura, e com essas leituras foram desenvolvidas muitas atividades nas turmas, como:

- a. Hora da poesia;
- b. Um poema puxa outro;
- c. Cantinho do poeta;
- d. Varal do poeta ou varal da poesia;
- e. Café com poesia;
- f. Minha terra tem poetas;
- g. Sou leitor literário;
- h. Vou te contar um conto;
- i. Quem não gosta de crônica bom sujeito não é;
- j. Dramatizações;
- k. Sou leitor literário.

Essas ações foram produtivas tanto para mim quanto para o aluno, uma vez que quanto mais eu tinha contato com tais textos, levando-os aos alunos ou pedindo-lhes que os trouxessem para escola, para a sala de aula, mais eu sentia certo envaidecimento, ser conhecida como a professora que amava os poemas. Ver crianças, adolescentes e jovens construírem suas experiências literárias, de fato, embevecia minha alma, sendo uma realização tanto pessoal quanto profissional.

Drummond poetizou um menino criado entre mangueiras, e eu fui a menina pequena que tinha um Encontro com Tia Leninha, cujas marcantes e doces experiências de audição e de leitura de textos literários foram o início de minha travessia profissional e pessoal.

Esta pesquisa intitulada *Leitura Literária e o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano – margens opostas ou travessia?* construiu-se a partir de indagações pessoais e profissionais. Sou professora de Língua Portuguesa na Educação Básica em turmas de Ensino Fundamental e Médio na rede pública e privada de ensino. No exercício da profissão, impossível não refletir e discutir sobre o quanto é importante que a escola promova o acesso à leitura de textos dos mais diversos gêneros, o que incluem os literários, para a formação do aluno e, neste aspecto, destaco a formação humana.

Cosson (2012, p. 17) explicita a literatura de maneira personificada ao dizer que “a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo para nós mesmos. E isso porque a literatura é uma experiência a ser realizada”; segundo o autor a Literatura é capaz de dizer (a quem a lê), de incentivar o desejo (de quem a lê) e de expressar o mundo interior (de quem a lê), feitas essas ações, o autor acrescenta que a Literatura é uma experiência para o futuro. Nesse sentido, o que seria uma experiência a ser realizada? É o ato de encontrar o texto literário e de encontrar-se nele. Afirmo isso a partir de minhas experiências com a Literatura. Existem obras literárias (romances, novelas, contos peça teatral), que já li repetidamente, por isso confirmo o argumento do autor de que sempre a nova leitura traz uma nova experiência. Afirmo, novamente, a Literatura é sim capaz de realizar tais ações, por isso não podemos deixar de evidenciar o poder que tem a Literatura sobre uma pessoa. Ademais, sendo a escola um lugar privilegiado para o acesso à leitura de literatura, consideramos importante investigar o lugar ocupado pela Literatura neste ambiente.

Queremos destacar, neste capítulo introdutório, um relato de uma de minhas experiências docentes. Vamos ao fato: a cada início de ano letivo costumo, em meus planejamentos, deixar reservado um tempo da aula para que os alunos escrevam relatos de leituras que realizaram no Ensino Fundamental. Nestes relatos escritos poderiam constar nomes de autores, nomes de poemas, de personagens, de um fato marcante lido em um romance, uma crônica, um poema, um conto, uma novela. Após as instruções, dou uma folha em branco (papel A4) para cada aluno, e os estimulo com perguntas, como:

- a. você lembra de algum personagem de alguma história que você leu que tenha marcado sua vida, feito você vibrar, sentir raiva, sentir emoções?
- b. você pode citar algum poema de que você goste?

c. quais os sentimentos você pode dizer que teve ao ler textos como conto, crônica, poema, romance?

Estas foram algumas perguntas do último ano (2019) e o que mais me chamou a atenção foi o fato de apenas dois alunos, dentre todos os alunos da turma, falarem e escreverem sobre o que propus; os demais deixaram a folha em branco, parecendo não terem quaisquer experiências para contar. E os relatos escritos eram superficiais e genéricos. Então solicitei relatos orais. Após ouvi-los, vieram as indagações, intensificaram-se as inquietações, porque muitos alunos, ao ingressarem no Ensino Médio, dizem terem tido contato com textos literários apenas nesta etapa de ensino. Diante deste cenário escolar, fazemos as seguintes indagações:

- a. as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II promovem a educação literária?
- b. o professor de Língua Portuguesa se vê como professor de Literatura?
- c. os professores têm participado de cursos de formação relacionados ao ensino de Literatura na Educação Básica?
- d. as bibliotecas escolares têm sido um lugar para que o aluno possa ter acesso às obras literárias?
- e. os livros didáticos são instrumentos pedagógicos usados para tornar viável o acesso dos alunos a textos de Literatura?
- f. existem planejamentos coletivos na escola a fim de que o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura ocorram de maneira integrada?
- g. o curso de Letras e o Mestrado Profissional dão o suporte teórico-metodológico para o ensino de Língua e de Literatura no Ensino Fundamental?

Essas foram algumas indagações, conforme relatei no início deste capítulo, que me impulsionaram a buscar respondê-las através desta pesquisa do Mestrado Profissional. Além disso, parti do princípio de que poderia iniciar a pesquisa com algo que faz parte de meu cotidiano profissional, sobre isso Tuzzo (2016, p. 133) afirma:

Ninguém pesquisa o que, pelo menos em parte, já não conhece?. Se assim fosse, não estaria apto sequer a formular as questões sobre as quais deseja conhecer as respostas. Assim, pesquisar é também aprender em um processo que avança.

O pensamento da autora revela o que passa pela mente de quem entra neste universo da pesquisa, porque, se por um lado o pesquisador conhece em parte sobre o objeto que quer investigar; por outro lado, deve reconhecer que existe a parte deste mesmo objeto que lhe é desconhecida, cujas respostas, advindas desta busca, resultarão na ampliação do conhecimento que antes possuía a respeito do objeto a que se propôs investigar. Assim sendo, as experiências

que temos com o objeto ao qual queremos pesquisar constituem-se como o ponto de partida para avanços na direção do conhecimento

O título desta pesquisa remete-nos a duas metáforas de que tanto gosto: margens e travessia, porque, carregadas de simbologia, podem significar o cruzar as fronteiras, o sair de um lugar para o outro, o não se acomodar. A escolha das metáforas do título desta dissertação foi pensada a partir da leitura do conto *A terceira margem do rio*, da obra *Primeiras histórias*, cuja primeira edição foi publicada em 1962, por João Guimarães Rosa. As margens podem ser vistas sob um aspecto paradoxal, porque são separadas pelas águas, no entanto, são as águas que poderão uni-las, porém, para tanto é necessária a travessia para cruzá-las.

No conto de Rosa, instigamo-nos, logo no início, com a vida de um homem cumpridor, ordeiro, positivo, pai do narrador da história, apresentando um comportamento que, a meu ver, muito se assemelha ao professor sem inquietações, e também ao ensino que não instiga nem o professor, tampouco o aluno a desejarem sair em busca de respostas a suas inquietações pessoais, e profissionais, permanecendo, desse modo, na ordem (pré)estabelecida, no comodismo.

No entanto, no decorrer da narrativa, somos surpreendidos quando, em meio à tranquilidade, o pai manda fazer uma canoa, cuja atitude irá romper com a tranquilidade de todos e com a própria tranquilidade do narrador, iniciando, assim, uma enigmática travessia de margem a margem, rio a rio, dia a dia, em uma incansável e solitária busca; uma viagem com início e, no transcorrer dos acontecimentos, repleta de bastantes inquietações. Assim, analogamente, também, existem professores e alunos que não se submetem à ordem estabelecida, mas que saem em busca de respostas, do novo, do desconhecido, da travessia.

A travessia pode simbolizar, no ambiente escolar, tanto ao professor quanto ao aluno, o desafio da solidão, como os dois personagens do conto – o pai e o filho. E embarcar na canoa requer, antes, coragem e ousadia. Na narrativa, o pai decidiu se aventurar, no entanto, teve, antes, de se preparar: fazer a canoa com antecedência, mobilizar um construtor particular, escolher a madeira apropriada e resistente, conforme trecho a seguir:

Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador, mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. (ROSA, 2001, p. 79)

Ademais, ele teve, ainda, de ouvir questionamentos dos entes queridos mais próximos, como da esposa: “nossa mãe jurou muito contra a ideia” (ROSA, 2001, p. 79). Desta forma, embarcar em uma canoa - neste caso, na pesquisa - é estar preparado não apenas para

encontrar respostas, mas imbricar-se em questionamentos vários que surgirão, que trarão outras indagações e assim sucessivamente. Além de, em alguns momentos, desfrutar de isolamento, que, neste caso, é tão premeditado quanto o do pai do conto, contudo, indispensável para quem quer buscar respostas. Eis a beleza da travessia: “nessa água que não para, de longas beiras” (ROSA, 2001, p. 85).

Assim como no conto de Rosa, esta pesquisa representa uma busca pessoal e profissional, que se interligam, e, conseqüentemente, trarão o meu crescimento nos dois aspectos, bem como o amadurecimento e a resiliência, imprescindíveis durante a travessia. Foi a junção dessa busca que me fez ficar atenta a respeito de questões do dia a dia em sala de aula, tornando-se, desse modo, o norte para o início desta pesquisa, para procurar refletir e entender de que maneira a leitura de Literatura ocorre no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Para tanto, a necessidade dos estudos conceituais, o levantamento bibliográfico de autores que escreveram a respeito do objeto que procurei investigar, além da leitura de artigos e de dissertações que apontavam para o fato de que as minhas inquietações também já haviam sido inquietações de outros professores como eu. Ao iniciar a travessia (a pesquisa), não tenho a pretensão de apresentar resultados e reflexões inéditos, mas uma autocrítica primeiramente.

Tenho vivenciado nas escolas onde trabalho poucos momentos, outras vezes nenhum, para discussões, para descobertas, para reflexões no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa e ao de Literatura no Ensino fundamental. Os docentes abordam o ensino de Literatura nos planejamentos que envolvem os professores do Ensino Médio. Quando se reúnem os professores, as reflexões realizadas são superficiais (tive a oportunidade de participar de muitos encontros tanto em semanas pedagógicas escolares quanto em encontros organizados pela URE do município de Santarém-PA), baseadas em preocupações para resoluções imediatas, fórmulas prontas para o ensino de Língua Portuguesa. Ao término dos encontros, a sensação de pouco avanço, e a certeza de que é necessário pensar responsabilmente a respeito do ensino de Literatura na Educação Básica em todos os seus níveis.

E, ao que tudo indica, as discussões e as inquietações a respeito do ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, nos diversos ambientes de ensino, são protagonistas há bastante tempo em grupos de pesquisa de universidades, em cursos de graduação e de pós-graduação, conforme nos fala Leite (2012, p. 20) a seguir:

Em 1977, um grupo de professores da Universidade de São Paulo, da Unicamp e do nível médio reuniu-se para analisar a desvalorização dos estudos humanísticos na

sociedade atual, as dificuldades de expressão escrita e oral dos alunos, o baixo nível das redações no vestibular e outros sintomas semelhantes da crise educacional, tal como ela se dá na nossa área específica, de professores de Letras.

Nesse sentido, podemos dizer que não é mera coincidência, nem é possível espantarmo-nos que, após 42 anos, outro grupo de professores, um pertencente ao quadro efetivo de docentes da UFOPA; outro grupo, composto por professores atuantes na Educação Básica, em municípios dos Estados do Pará, Amapá e Amazonas, reúne-se, através do Programa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS/UFOPA - também, para construir um espaço de discussão e de reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, por meio da pesquisa, de análises e de intervenções.

Ressalto que o meu ingresso no Mestrado Profissional-PROFLETRAS trouxe-me experiências marcantes sob vários aspectos, uma vez que o contato com novas teorias fez-me refletir sobre minha atuação na Educação Básica, porque pude encarar minha prática docente sob outra perspectiva, a de professora que não apenas ensina, mas que reflete sobre o que ensina, como ensina, por que ensina, além de poder pesquisar sobre o que ensina; essa experiência traz crescimento e amadurecimento, conforme destaquei, pessoal e profissional. Nesse sentido, a sala de aula é vista como um lugar de experimentos, de acertos, de erros, de aprendizagem, da troca de experiência.

Não considerei fácil a delimitação do objeto de pesquisa, porque existem muitos caminhos a serem percorridos, além de minha inexperiência como pesquisadora, o que confesso ter me amedrontado, contudo, me desafiado a entender como de fato é ser uma professora pesquisadora.

Então, ser professora de Língua Portuguesa requer, constantes reflexões da prática docente, além de considerar que para os alunos, que passam cerca de 12 anos na Educação Básica, a Língua Portuguesa deveria não representar apenas uma disciplina escolar, que ensina regras, que impõe o certo e o errado, usando para alcançar tais objetivos os textos. Nesse sentido e, para resumir, tudo o que eles devem é saber ler e escrever em sua língua materna com proficiência, para tanto devem desenvolver competências e habilidades que os farão chegar a tal objetivo. Nessa perspectiva, os textos literários são utilizados para tais fins, isto é, pretexto para o ensino-aprendizagem de questões gramaticais, conduzindo cada vez menos os alunos à educação literária. Apesar deste descompasso, os documentos oficiais deixam claro que o ensino de Literatura deve estar contemplado na Educação Básica. conforme se constata a seguir:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas na sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.

Essa variável de constituição de experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica do texto literário (BRASIL, 1988, p. 29).

Os PCNs defendem a incorporação do texto literário ao cotidiano escolar, indo para além de uma simples prática, elevando-o ao patamar de experiência humana, cujas propriedades precisam ser mostradas e discutidas. Tais atitudes remetem ao ensino em que o professor tem ciência desta responsabilidade, cabendo-lhe, pois, fazer tal condução de maneira que o texto literário ganhe o lugar que lhe é devido nas aulas de Língua Portuguesa.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) faz abordagem que difere da abordagem dos PCNs, conforme se observa:

Durante toda a Educação Básica, deve-se favorecer a formação literária, de modo a garantir a continuidade do letramento literário, iniciado na Educação Infantil. Esse tipo de letramento é entendido como o processo de apropriação da Literatura como linguagem que oferece uma experiência estética (BRASIL, 2017, p. 39).

O documento faz referência ao tempo em que deve haver a formação literária – durante toda a Educação Básica. cujo início deve ocorrer na Educação Infantil, denominando este processo de letramento literário.

Os documentos deixam evidente que a Educação Básica deve ser o tempo, para a educação literária (12 anos é um tempo razoável), havendo de forma progressiva e contínua a apropriação do texto literário pelos educandos, para além do didático-pedagógico, mas para uma experiência individual e coletiva, como também estética e humana. Logo, é atribuição da escola a formação literária do aluno. Porém, conforme apontei antes, diante dessas diretrizes, observei que os planejamentos no início de cada ano letivo, elaborado por professores e, posteriormente, socializados, usavam os textos literários para fins práticos, como o ensino de gramática normativa, por exemplo, limitando, ou até mesmo eliminando o potencial formador do texto literário, transformando-o em pretexto para muitas práticas escolares não formadoras.

Esta pesquisa, sob o ponto de vista pedagógico e social, apresenta-se como um estudo no qual traçamos uma abordagem conceitual, além de crítica e reflexiva sobre o objeto de estudo. No entanto, reitero que a pesquisa precisa ir além do seu objeto, precisa considerar o contexto no qual os sujeitos que dela participam vivenciam, precisa alcançar a formação dos sujeitos, incluindo a formação do próprio pesquisador, por isso as pesquisas que são desenvolvidas, no contexto escolar, devem instigar debates de práticas escolares consolidadas, traçando rumos novos no ambiente de ensino. Considerando todos os aspectos outrora abordados, organizamos este estudo em seções, todas são iniciadas com uma citação relacionada com a temática que será abordada.

Ao iniciar este trabalho, busquei fazer uma abordagem em que se relacionassem o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, sob a perspectiva dos sujeitos que são professores de Língua Portuguesa da Educação Básica (6º ao 9º ano) e seus respectivos alunos, além do Livro Didático por eles utilizados, argumentando que é preciso pensar em um ensino que não compartimenta saberes, pelo contrário, relaciona-os. Para tanto, objetivo geral desta pesquisa consistiu em investigar como ocorre o ensino de Literatura na disciplina Língua Portuguesa em turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e no Livro didático, e os objetivos específicos foram os seguintes:

- a. investigar o ensino de Literatura sob a perspectiva de professores, de alunos, e de 4 livros didáticos;
- b. mostrar a relevância da mediação da leitura literária dentro e fora da sala
- c. refletir sobre o papel do professor de Língua Portuguesa como mediador de leitura de Literatura;
- d. defender a presença da Literatura no ensino de Língua Portuguesa no Ensino fundamental;
- e. analisar como o livro didático pode ser um instrumento pedagógico para o letramento literário;
- f. apontar caminhos para o letramento literário no Ensino Fundamental II;
- g. demonstrar a importância de a leitura de Literatura ser cultivada na escola.

Esta pesquisa simboliza uma travessia , no sentido de que as descobertas me farão enfrentar o desafio de cruzar as margens no ensino de Língua Portuguesa, sem a pretensão das fórmulas, dos caminhos prontos, mas um fazer pedagógico mais consistente, teoricamente embasado, crendo que em um contínuo aprendizado, como o rio do conto roseano, “nessa água que não para, de longas beiras” (Rosa, 2001, p. 85).

O título da pesquisa, em forma de pergunta, reiteramos, estabelece um diálogo com o conto A terceira margem do rio, de João Guimarães Rosa, da obra *Primeiras Estórias* para, a partir de então, levantar a seguinte questão científica: o ensino de Língua e de Literatura ocorre de maneira integrada ou de maneira separada sob a perspectiva de professores, de alunos e do Livro Didático de Língua Portuguesa?

2 SOBRE LITERATURA: ALGUMAS REFLEXÕES

2.1 A Literatura e o homem

Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (Antonio Cândido).

Considero importante, antes de discorrer sobre o que proponho nesta seção, evidenciar os conceitos de Literatura e de humanização na perspectiva de Cândido (2004, p. 176), o qual faz a seguinte abordagem:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações

Quanto à humanização, ele diz ser

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (Ibidem, p. 182).

Desse modo, toda referência à Literatura e à humanização que consta neste trabalho, estará pautada nos dois conceitos definidos pelo autor, por serem os conceitos que mais possuem aproximação com a perspectiva que proponho. Logo, entendida como um processo, a humanização do homem perpassa de um encontro consigo, ao convívio social, sendo que destas ações resultam outras, gerando a cada encontro do homem com o texto literário um certo refinamento de sua capacidade de ser humano, de desfrutar de sua humanidade e enfrentar situações adversas de forma mais resiliente. Então, humanizar pela Literatura é muito mais que um privilégio, constitui-se um direito, conforme Cândido (2004, p. 182), e para esse autor “fruí-la é um direito de pessoas de qualquer sociedade”, muito embora as pessoas sequer tenham a consciência dele (do direito) e, desse modo, vivam ou sobrevivam e até mesmo morram sem tê-lo usufruído.

Ademais, para discorrer sobre Literatura e homem, convém mostrar que esses dois conceitos, entrelaçam-se na vivência do homem, podendo iniciar em qualquer fase da vida de uma pessoa e, quando se dá na infância e se prolonga em todas as etapas da vida, corrobora o desenvolvimento pessoal. Diversos estudos apontam que a criança passa por diversas fases em seu desenvolvimento e em uma dessas etapas está o ouvir histórias, contadas por familiares e, na escola, pelos professores das séries iniciais; é nesta fase que ocorre a inserção da criança no universo da Literatura, mesmo sem que ela sequer tenha a consciência do que acontece ao

seu redor, esses primeiros contatos, na maioria das vezes, ocorrem com a mediação de um adulto, os argumentos de Machado (2011, p. 37) ratificam tal pensamento, ao afirmar que

A criança, portanto, merece ter contato com a literatura –seja com narrativa, seja com poesia. Precisa ter condições de tomar posse de seu quinhão dessa herança. É seu direito. A educação tem o dever correspondente: a obrigação de capacitar o aluno a um dia se aproximar de qualquer obra e fazê-la sua.

Primeiramente, é conveniente observar que a autora fala em direito da criança, que é ter o contato com a Literatura, podendo ser feito através de leitura/escuta de fábulas, de contos infantis, de poemas, de lendas, de parlendas, dentre outros gêneros; por outro lado, discorre sobre o dever da educação, a quem atribui a obrigação de levar a Literatura aos pequenos, essa ação se materializa em ações da família e da escola, dois agentes importantes para criar as condições a fim de que a criança tome posse desse quinhão de que fala a autora. Logo, a criança, cujo contato com a Literatura ocorre tanto em casa quanto na escola, será bem mais capaz de construir autonomia para fazer escolhas de obras, de vivenciá-las, comparar personagens, fazer relações entre eles e fatos, criticar, ampliar horizontes, refletir sobre a realidade, sua existência. Então, quando a educação cria as condições para que a criança tenha seu direito à Literatura não negado, ela estará dando a criança também o direito à humanização.

Ressalto, ainda, que levar a Literatura à criança contribui para seu desenvolvimento emocional e cognitivo, além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades como a criatividade, inclusive empatia. Acerca disso, Souza (2011) diz que a literatura infantil, em especial a contação de histórias, contribui para o desenvolvimento. Crianças que crescem ouvindo histórias, constroem uma memória recheada de fantasias, do imaginário e, a respeito dessa construção, Cândido (1999) diz que “as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente operando espécie de inculcamento que não percebemos”. Entendo que esse inculcamento do qual nos fala o autor, quando ocorre na infância, fará com que as crianças levem para toda a vida as recordações desse encontro com a Literatura.

A epígrafe que escolhi para iniciar esta seção é para mostrar que a Literatura em sua essência é capaz de humanizar. E o que seria então a humanização pela Literatura? O acesso à Literatura é fator de humanização, porque pode fazer com que o homem – criança, jovem, adulto, idoso - veja a si mesmo, com seus desejos, suas angústias, suas alegrias e tristezas, suas desconfianças, seus prazeres, seu amor e ódio, suas certezas e seus medos, construindo individualmente e coletivamente sentimentos como empatia e repulsa, confiança e descrédito, permitindo-lhe, ainda, ver o seu mundo e o mundo de outrem, sob uma perspectiva que não é sua, mas da qual ele pode se apropriar

Outro fator de humanização concernente à Literatura corresponde ao fato de que ela oportuniza o homem a enfrentar situações que sozinho não poderia enfrentar, como se fosse transportado a uma vivência que não é a sua, mas nela encontrasse razões para sua própria vida. Ao se deparar na ficção com situações inusitadas e imprevisíveis de personagens desconhecidos, vivendo em mundos diversos e distantes, ocorre uma transposição do seu eu para o eu desconhecido, e pode surgir a empatia, sendo que esse sentimento, provocado pela Literatura, é uma manifestação de humanidade, como afirma Cândido (2004, p. 176) “a literatura desenvolve em nós quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e aberto para a natureza, a sociedade, o semelhante”, de maneira que solidarizarmo-nos com o semelhante torna-se natural, tornando-se uma atitude a ser cultivada em um cenário tão competitivo, marcado por interesses pessoais, conflitos diversos, desrespeito ao diferente como também às diferenças, de modo que entre as pessoas erguem-se barreiras de individualismos.

Reafirmando esse pensamento, Machado (2011, p. 27) declarou:

Se para nada servisse a leitura de literatura, se não trouxesse nenhum benefício a cada um de nós individualmente, apenas isso já bastaria para entendermos a importância dessa leitura: ela pode nos tornar mais humanos e mais irmãos.

Logo, existe o reconhecimento sobre o poder humanizador da Literatura, daí a importância de a lermos, porque é com a leitura que nos apropriamos dela, de maneira que não é possível que essa atitude não traga benefícios individuais e também coletivos. Desse modo, a vivência com a Literatura é benéfica, é inovadora, é construtora de identidades, é instigadora, é instigante, é humanizadora.

Corroborando, ainda, o pensamento acerca da humanização pela Literatura, Cosson (2012, p. 17) afirma:

No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Nesse sentido, o autor evidencia o poder que tem a Literatura de agir com intensidade sobre o interior da própria pessoa sem, no entanto, deixar de a pessoa ser ela mesma, através de experiências inusitadas, transpondo limites de espaço e de tempo. Essas ações provocadas pela leitura de Literatura mostram ser ela capaz de, através da ficção, apresentar verdades que talvez a vida real não o possa fazer.

É deste caráter humanizador que falamos, perceptível cada vez que o texto provoca sensações no leitor a ponto de fazê-lo sonhar, chorar, sofrer, desconfiar, amar perdoar, odiar, viajar por outros mundos, enfim, tornar o homem mais sensível consigo e com os outros.

Cosson. (2012) explicita seu pensamento, a respeito do poder humanizador que tem a Literatura afirmando que “todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos de sua escolarização.” Logo por si só a Literatura não poderá exercer o papel de que nos adverte o autor, será necessário que existam ações no âmbito educacional que visem tal objetivo; sem mudanças, o cenário continuará o mesmo e a Literatura continuará ser apenas o apêndice nas aulas de Língua Portuguesa, ou penduricalho conforme Machado (2011, p. 229) descreve:

Cobrir de penduricalhos a leitura de literatura até que ela suma ou se torne irreconhecível. Ou diluí-la até que desapareça. Durante um bom tempo, os penduricalhos tradicionais foram a gramática, a análise sintática, as regras de ortografia, a preocupação didática com o uso da língua. Os textos literários vinham como pretexto para lições de gramática.

Interessante essa abordagem, porque, ao que parece, muito do que a autora considerava como penduricalho, utilizado após a leitura de Literatura, continua sendo utilizado, cuja consequência é a diluição do texto literário, a transformação do mesmo em um instrumento didático-pedagógico para o ensino de gramática, de regras, contrapondo-o, portanto, ao caráter humanizador que possui a Literatura o qual, além de esquecido, é também menosprezado.

2.2 Literatura como Arte: que engenho é esse?

Se a tanto me ajudar o engenho e arte (Camões).

É importante, antes de discorrer a respeito de Literatura como arte da palavra, abordar, primeiramente, sobre o conceito de arte. Embora não seja uma definição nem simples nem consensual. Em *A necessidade da Arte*, Fischer (2002, p. 11) conceituou arte como “substituto da vida”, a arte concebida como o meio de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio circundante”. Esta acepção revela uma dentre as atribuições da arte que é a de proporcionar ao homem equilíbrio com o meio no qual vive, para que desse modo, ambos, arte e homem, vivam uma interrelação na qual a criação da arte pelo homem provenha da própria necessidade deste de buscar através dela (arte) um estado de harmonia.

Fischer (2002, p. 13), a respeito do conceito de arte, ainda, acrescenta:

A arte é como o meio de tornar-se um com o todo da realidade, como o caminho do indivíduo para a plenitude, para o mundo em geral, como a expressão do desejo do indivíduo no sentido de se identificar com aquilo que ele não é.

O que se observa, de acordo com o autor, é que o conceito de arte se encontra vinculado à função que a mesma tem, de maneira que arte e função não devam ser vistas separadamente. Logo, por meio dela, o homem é capaz de alcançar estágios superiores, os

quais são consequência de um desejo interior expresso, inclusive, da identificação com o outro. Então, se vivemos em um mundo onde impera o lado utilitário das pessoas e das coisas, parecendo que tudo precisa ser visto para ser utilizado, usado, consumido, medido, a Arte deve seguir na contramão do utilitarismo, porque, mesmo alcançando o homem individualmente e coletivamente, não é criada para tal fim, se essa fosse a finalidade da arte, o homem não alcançaria a plenitude, compreendida como completude.

Importa evidenciar que a Arte se concretiza sempre por meio de um objeto artístico, a saber a escultura, a pintura, a arquitetura, a música. Assim sendo, quando uma pessoa contempla uma escultura ou uma pintura, por exemplo, ela não tem dúvidas de que entrou em contato com Arte, uma vez que tais objetos são obras de arte. Importante destacar que o contato visual se dava, antes, por meio da reprodução dessas obras pelas imagens impressas em livros, ou em revistas; hoje, a contemplação do objeto artístico dá-se por meio da Internet, trazendo para perto as manifestações artísticas com apenas um clique na tela do computador ou na tela de um smartphone, por exemplo.

No entanto, apesar de hoje haver mais possibilidades de contemplar a Arte, não é obvio que ao ler um poema, uma crônica, um conto, uma novela, um romance, uma peça teatral, por exemplo, a pessoa – aqui quero fazer destaque ao aluno - tenha a certeza de que está em contato com uma obra de arte, com uma criação. Sendo essa uma das razões pela qual a Literatura seja vista na escola apenas como um gênero textual, mas não como Arte.

Sendo arte da palavra, a Literatura não pode ser negada em sua essência, tampouco negada aos que vivem em classes desprivilegiadas, por isso, se faz necessário que os alunos tenham a oportunidade de acesso à Literatura, e a escola constitui-se, desse modo, o lugar do privilégio dos desprivilegiados, precisando chegar ao aluno, para que o texto literário ganhe um lugar e um valor inconfundível e inestimável. Fazer com que isso ocorra é dever da escola, proporcionando momentos para esse encontro aconteça e com frequência, embora saibamos que nem sempre a Literatura tem tido esse lugar privilegiado. Explico o porquê do lugar privilegiado, enumerando com respostas à pergunta para que serve a Literatura, feita por Machado (2011, p. 27), segundo a qual a Literatura serve para:

- a. abrir os horizontes mentais de uma forma fantástica;
- b. fazer a inteligência crescer e permitir que nossa passagem pelo mundo seja mais útil para nós mesmos e para toda espécie humana;
- c. vivenciar experiências que não são nossas;
- d. ajudar a enfrentar situações existenciais muito difíceis;

- e. ensinar a ver e respeitar as diferenças;
- f. ensinar a tolerância a cada indivíduo;
- g. facilitar o convívio com a diversidade cultural e social.

Pelo que se constata, as funções atribuídas, pela autora, à Literatura como Arte não têm relação alguma com o caráter utilitário que lhe é dado; pelo contrário, proporciona experiência estética, a ser realizada individualmente. Por isso, as funções acima elencadas remetem ao privilégio de todos os que leem Literatura possuem, indo ao encontro da formação humana, tornando as pessoas mais conscientes de si e do outro.

Diante das considerações feitas pelos autores, chegamos a uma conclusão acerca do que foi abordado: Arte e Literatura possuem pontos em comum, ambas remetem à criação, à criatividade, de modo que para construí-las requer engenho, cujo sentido do termo remete à habilidade, à criação. A Literatura como arte é engenho também, portanto tais acepções se apresentam de maneira sinonímica, uma vez que os conceitos ora se entrelaçam ora se confundem.

Quem realiza a leitura de Literatura, posiciona-se diante de um objeto estético, aguçando o gosto pela arte literária, e esse gosto vai sendo desenvolvido à medida em que o contato com a arte é proporcionado; então, entendemos que a disciplina Língua Portuguesa, por meio de ações pedagógicas eficazes, propicia o encontro do aluno com a arte literária, como defendem Bernardes e Mateus (2013, p. 102) ao afirmarem que:

a disciplina de Português assume um papel fundamental na formação estética do aluno. Se particularizarmos, no contexto dessa formação, a educação do gosto literário, então o papel que cabe à disciplina de Língua Materna torna-se insubstituível.

De fato, os autores defendem que o gosto literário pode ser desenvolvido, no âmbito do ensino de Língua Portuguesa, porque o texto literário possui potencialidades que, se bem exploradas pelo professor, trarão oportunidades aos alunos de contato constante com a Literatura. Então, a formação estética do aluno não pode ser esquecida, nem minimizada, mas garantida no ensino de Língua, sendo, segundo os autores, uma tarefa insubstituível. aos que lecionam a língua materna.

Portanto, as aulas de Língua Portuguesa são o lugar onde deve ocorrer o encontro do aluno com a arte literária, por isso os gêneros literários que são lidos na sala de aula precisam ser vistos como uma manifestação artística de quem o escreveu. E, talvez, nisto consista o engenho do educador, não desistir de levar aos alunos a Língua em sua manifestação artística, mostrar-lhes a arte da palavra como um poderoso instrumento de transformação e de educação. O que não pode acontecer é o aluno ler um poema como um texto apenas, para com

ele resolver questões, mas lê-lo reconhecendo a capacidade criativa do autor, o trabalho realizado com a linguagem, através da sonoridade, do ritmo, sem esquecer dos múltiplos sentidos que um texto pode ter. Quando um aluno lê um texto de Literatura, para extrair dele lições para sua vida, leva o texto para longe de sua função estética, da fruição que a arte literária pode proporcionar.

2.3 Educação, ensino de Língua Portuguesa e de Literatura

A educação é do tamanho da vida. Não há começo. Não há fim. Só há travessia. E se queremos descobrir a verdade da educação, ela terá que ser descoberta no meio da travessia (RODRIGUES, 1992, p. 39).

A educação brasileira enfrenta em todos os níveis de ensino, mais que antes, uma espécie de medida, e os índices para tal medição muito ultrapassam as paredes das salas de aula e os muros da escola. Muito comum, em reuniões pedagógicas, organizadas tanto pelas Secretarias de Educação quanto pela equipe de técnicos e de gestores das escolas, exposições contendo dados estatísticos para mostrar que a educação que ora se apresenta está em um nível não desejado no que se refere a habilidades relacionadas à leitura e à escrita de textos.

Desse modo, ao realizarem leitura para fazerem atividades como interpretar, identificar informações implícitas, identificar os objetivos ou a tese em texto dos mais variados gêneros, os alunos, segundo mostram os referidos medidores, não têm alcançado êxito. Por conta disso, ao serem avaliados em provas como o SAEB, o SISPAE e o ENEM, também incluem as avaliações bimestrais escolares, os alunos sequer têm a noção de por que estão sendo avaliados, ou para que serve esta ou aquela avaliação. Após a aplicação de uma dessas avaliações externas, é muito comum serem ouvidos questionamentos de muitos alunos, dentre eles o mais recorrente é “Pra quê essa prova?” A resposta sempre vem de forma objetiva: “Para medir a aprendizagem de vocês”.

Enfim, existe mesmo a medida, e ela tem servido, ao que parece, cada vez menos para formar, mas para ser um parâmetro de comparação, relacionado ao bom ou aos ruins desempenhos de alunos e de professores. Então, partamos à reflexão que encerra esta pesquisa: a educação é do tamanho da vida. Ora, se a educação é do tamanho da vida, é preciso entender que, de alguma maneira, não é possível educar sem medir. Mas não me refiro à medida que se materializa em dados estatísticos, porém a que mensura a dimensão da própria vida, que mede a existência humana e para isso outros são os parâmetros. No entanto, destaco, não ser uma tarefa fácil, porque não existem fórmulas, cabendo, desse modo, ao professor da Educação

Básica a árdua tarefa de medir, de educar e de formar. Dentre as inseridas em suas ações diárias e desenvolvidas na sala de aula destaco a que está relacionada ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II.

O ensino de Língua Portuguesa, embora tenha havido certo avanço, prioriza, sobretudo, o ensino da gramática normativa, pautado em regras e responsável por trazer uma régua para o ensino, cujo objetivo é medir o aluno acerca do certo e do errado, da escrita correta, parecendo ser a ordem maior ensinar para corrigir, ensinar para ditar regras, ensinar para não pensar, ensinar para não formar. Desse modo, ensinar o português padrão parece ainda ser um dos objetivos das aulas de Língua Portuguesa, e sobre esta questão Possenti (2002, p. 20) observa que “o objetivo da escola é ensinar o português padrão ou, talvez, criar condições para que ele seja aprendido”.

A respeito do que o autor discorre, destacamos ensinar e criar condições. Qual ensino seria e quais seriam as condições para a criação? Na crítica feita pelo autor, fica claro que a escola tem o dever de criar as condições para o ensino da Gramática Normativa, para que, assim, o ensino do português padrão seja o norte das aulas de Língua Portuguesa, porque tal ensino gera desconforto. Entretanto, é interessante evidenciar que não são poucas as reflexões realizadas por docentes, por pesquisadores sobre o que de fato o professor deve ensinar nas aulas de Língua Portuguesa. De todo modo, as reflexões são responsáveis pela medida e pela formação de professores e de alunos. Se a educação estiver apenas vinculada a medir com os números, não promovendo ações que favoreçam a eficácia do ensino, jamais chegaremos a contemplar a verdade da educação, muito menos descobri-la.

E em meio a tantas discussões, evidencia-se que o ensino da Gramática Normativa parece muito distante de perder seu suntuoso e histórico trono nas aulas de Língua Portuguesa: Se o aluno lê um texto, por exemplo, o que fará após a leitura? Quais serão os encaminhamentos dados pelo professor? De que forma esse texto contribuirá para a formação cidadã? Quais contribuições trarão para sua vida? Nesse aspecto, a prática docente, concernente ao ensino de Língua Portuguesa, requer atitudes reflexivas daqueles que são os mediadores no processo de ensino e de aprendizagem e, sobre como o professor deve agir, Paulino (1999, p. 57) faz a seguinte abordagem:

Destaco que o professor deve fazer constantes reflexões acerca de sua prática pedagógica, e tais reflexões não podem ocorrer de forma isolada, mas de maneira integrada às ações da escola. Dessa forma, para ensinar Língua requer, sem dúvidas, ao professor fazer reflexões sobre sua prática. Requer, também, um Projeto Político Pedagógico que contemple momentos de formação – muitos momentos mesmo - para o professor, para fazê-lo melhor, mais seguro de sua ação diária, envolvido em práticas menos imitadoras e mais consistentes, para tanto importa ao professor de Língua Portuguesa, antes, medir a si mesmo, medir sua formação, verificar as (in)coerências

de sua ação didática antes de medir o aluno. E afirmo, sim, que ensinar Língua Portuguesa, com menos certezas e mais temor, não é tarefa simples, muito menos fácil.

Sobre o que destaca o autor, consideramos ser o cerne da educação a integração de ações pedagógicas, porque, mesmo que o professor esteja ciente de suas atribuições, fazendo reflexões constantes sobre o que ensina, ou faça, ainda, como sugere o autor, autorreflexões, análises, tais ações, por ele realizadas, de nada adiantarão se não estiverem vinculadas às ações da escola. Para isso, a importância, conforme observou o autor, das formações estarem inseridas, porque planejadas, no Projeto Político Pedagógico, garantindo, desse modo, ao professor, não apenas ao de Língua Portuguesa, ações mais consistentes.

Outro aspecto de que nos fala o autor é o fato de que o professor precisa continuamente exercitar a prática de medir a si mesmo, e não medir unicamente o aluno, do contrário teríamos um ensino pautado em atitudes pedagogicamente incoerentes, praticadas pelo docente que, entendendo não ser uma ação simples, mas desafiadora e constante, e que trará resultados para que o ensino de Língua Portuguesa seja não normativo, não prescritivo, e mais produtivo, levando o aluno à construção de conhecimento sólido e duradouro.

Logo, não é possível formar sem enfrentar desafios diversos, dentre os que destacamos é o que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa e de Literatura, sobre o qual Paulino (199, p. 57) discorre:

Há quem ainda julgue impossível um trabalho sério na área da linguagem com a leitura literária. Mas a literatura é uma das variações da língua, uma das que compõem esse conjunto heterogêneo e histórico chamado língua, que fica no singular nas gramáticas normativas.

Somos mais otimistas em relação aos que fazem o julgamento da impossibilidade da realização do ensino em que Língua e Literatura ocorra de maneira integrada. Sendo a Literatura a manifestação da linguagem, o ensino de Língua Portuguesa deve, não eventualmente, mas de maneira constante, incluir o ensino de Literatura. Nesse sentido, a Literatura e o ensino de Língua deixam de ser dois pontos distantes, dissociados, independentes. Logo, o ensino de Literatura configuraria o que Cosson (2011, p. 10) afirmou “quando a matéria é literatura, alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário”; felizmente, há os que acreditam que a Literatura é necessária no ensino de língua, constituindo-se em um saber indispensável à formação cidadã e humana. O autor, ainda, observa:

Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas. Eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa. Essa postura, arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como um apêndice da disciplina Língua Portuguesa.

Cosson (2011) faz uma abordagem metaforizando o pensamento daqueles para quem a literatura é um “verniz burguês” e ultrapassado, devendo, portanto, ser abolida nas escolas. O autor ainda evidencia o desprezo e a não necessidade em aprender essa área do conhecimento, sobressaindo, diante disso, um pensamento pretensioso e arrogante, que, infelizmente, vivenciamos nas escolas. Desse modo, embora possa representar um pensamento radical, não é distante a realidade vivenciada no ensino, uma vez que a Literatura não ocupa o lugar devido tampouco definido nas aulas de Língua Portuguesa, ocupando um lugar de onde surge a expressão que o autor denominou de “apêndice”, isto é, um lugar secundário no ensino, construindo um distanciamento entre essas duas áreas do conhecimento.

Falar e refletir sobre a leitura parece ser uma prática unicamente dos meios acadêmicos e, nas escolas, a responsabilidade da leitura é atribuída aos professores de Língua Portuguesa, como se os demais professores das outras áreas do conhecimento não realizassem leitura. No entanto, a leitura está ligada ao ensino em todos os níveis, da Educação Básica ao Ensino Superior, e dela os professores não podem se afastar, e nem devem, porque, ao praticarem-na, certamente, encontrarão bases teóricas para seu fazer pedagógico, desfazendo o ensino fragmentado, no qual cada um permaneça dentro de seu departamento. No entanto, caso ocorra o contrário, tem-se o início de uma caminhada responsável e menos individualizada, sobre isso adverte Ezequiel Silva (1986, p. 45):

É animadora a prática de professores de outras disciplinas exercitarem leitura: o ensino de ler deixa de ser território restrito do professor de Língua Portuguesa. Tal ação rompe com a fragmentação do ensino e dos campos dos saberes exclusivos tão cristalizados em nossa sociedade.

Mais do que uma simples questão de quantidade, o principal problema que se coloca ao ensino da Literatura é a forma como ele é levado à prática nas salas de aula. Para que a literatura seja ensinada de forma produtiva é necessário investir na formação contínua de professores. De todo modo, no entanto, é imprescindível que quem ensina literatura também goste de ler literatura, ou cairíamos em uma grande incoerência, além de mostrar interesse por obras literárias constantemente, se não for assim, o professor não poderá cumprir a árdua e prazerosa tarefa que está em causa: induzir nos alunos o gosto e o hábito de conviver com os livros.

Ademais, não podemos esquecer que a escola, como centro de formação cidadã, precisa que seu currículo contemple aulas nas quais a Literatura tenha seu espaço, mas aqui defendemos um espaço não pequeno, disfarçado em um faz de conta que ensina Literatura aos alunos, porque ler um poema aqui e outro ali, uma crônica, um conto não se caracteriza como

ensino de Literatura. A respeito desta questão, Lajolo (2008, p. 106-107) argumenta sobre a importância da Literatura no currículo escolar porque

a literatura é importante no currículo escolar: cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. Cada leitor, na individualidade da sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando.

Diante disso, o argumento da autora é o de que a linguagem literária precisa ser apropriada pelo indivíduo, o que não ocorre de uma hora para outra, mas avançando à medida que lê. Logo, a leitura é uma atividade que precede o exercício da cidadania: quem não lê não a exerce plenamente. No caso específico, defendido pela autora, a leitura de Literatura será um instrumento para cidadania, além de ser cheia de significados pessoais, resultando em um cidadão consciente, podendo medir-se, ponderar suas escolhas e construir sua própria história, sua identidade, sua cidadania. Importa, para isso, que o ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa seja de acordo como aborda Dalvi (2013, p. 78), ao afirmar que

texto literário não deve ser considerado como uma área apêndicular ou como uma área periféricamente aristocrática da disciplina português, mas como núcleo da disciplina, como manifestação da memória e da criatividade da língua portuguesa.

Diante disso, reforçamos o argumento do autor e reivindicamos que no ensino de Língua Portuguesa o texto literário não seja um mero acessório desta disciplina, mas que ocupe o lugar que lhe é devido com toda sua dimensão estética, formadora e essencial a todo o homem. que tem o privilégio de ler, e a escola é, conforme defendemos, o lugar para que isto ocorra e para tal. Outro aspecto a ser destacado refere-se ao livro didático e seu uso nas aulas de Língua Portuguesa, sobre o qual iremos abordar a seguir.

2.4 O Livro Didático e o ensino de Literatura

O livro didático exerce importante papel na educação escolar e, a partir da década de 70, para muitos professores, pode se apresentar como instrumento único para o desenvolvimento de atividades e de conteúdos para determinada série. É muito comum que o Planejamento anual para o ensino de Língua Portuguesa seja construído a partir da proposta metodológica da obra, escolhida de forma consensual entre os professores.

Em relação ao uso do LD como material didático-pedagógico, estudos revelam que, antes de ele chegar ao aluno, o professor tem a oportunidade de escolher a obra com a qual irá trabalhar durante 03 (três) anos. Desse modo, ao realizar a escolha, é o momento, exatamente, de o docente fazer análises sobre os conteúdos, o que inclui a concepção de Língua Portuguesa e de Literatura, além de verificar os conteúdos, os gêneros textuais inclusos na obra, sendo

importante que o faça sempre com outros professores de Língua Portuguesa, para que haja um direcionamento e análise coletivos, e a obra, ao chegar o aluno, não traga ao professor posteriores surpresas e, assim, possa ser um dos instrumentos de aprendizagem em sala de aula.

A escolha do livro é realizada pelo professor da disciplina, devendo, então, atender às expectativas do docente, nunca o contrário. Então a escolha precisa ser criteriosa para que atenda a diversos aspectos. Darei, porém, destaque a um aspecto que deve ser considerado pelo professor, instigando-o a algumas reflexões, por exemplo, como o manual de ensino aborda o ensino da Literatura? Os textos de Literatura são de que gênero? Qual o objetivo das atividades após a leitura do texto literário?

A presença do texto literário no livro didático pode ser o ponto de partida para que o professor mostre aos alunos a grandiosidade da Literatura. Se o professor, ao ler para aos alunos uma crônica, um poema, um conto, uma fábula, por exemplo, pode, a partir disto, apresentá-los o texto de maneira que o aluno queira experimentar outras leituras, pesquisar outras obras de autores cujos textos se encontram fragmentados. Atividades que incluam a leitura dos textos literários, realizadas tanto pelo professor quanto pelos alunos é possível graças à presença dos textos no livro didático. Iniciar a aula com a leitura literária, porque esta já se encontra com o próprio aluno no manual de ensino, construirá a realidade que tanto queremos como professores de Língua Portuguesa e que reconhecemos ser importante para quem tem no manual de ensino o único instrumento de acesso à Literatura.

O professor precisa ser o mediador neste processo. Se o livro didático chega ao aluno, mas se não ocorre a apresentação panorâmica da obra, do autor, da edição, além da necessidade de conservação, o aluno terá mais um *peso* para trazer e levar para casa, que um material didático capaz de lhe proporcionar aprendizagem. Então, o professor, porque foi responsável pela escolha da obra e, dessa forma, conhece seu conteúdo, pode proporcionar em suas aulas momentos em que o aluno seja conduzido ao universo da Literatura. Alguns autores, como Drummond, têm poemas publicados em volumes de uma mesma coleção didática. Mas, porque falta essa condução por parte do professor, o aluno chega ao Ensino Médio sem lembrar de um poema sequer.

Além disso, é interessante que o professor de Língua portuguesa esteja atento para observar dois fatos. Primeiramente, quais textos estão inseridos nestas obras didáticas para que os alunos os leiam, porque há uma variedade de gêneros, incluindo os que circulam fora da esfera escolar e os que têm circulação apenas neste ambiente, neste caso, os gêneros literários.

Por outro lado, a maneira como esses textos são apresentados na obra. Acerca disso, Dalvi (2017, p. 90) faz a seguinte reflexão:

Quanto à literatura, os livros didáticos, normalmente, apresentam retoricamente uma desmitificação, mas ao mesmo tempo, e com ainda mais incisividade, uma decantação do literário e, particularmente, do poético, como ligados à intuição, à individualidade e à subjetividade, em desarticulação com o campo da vida.

Nesta reflexão, a autora aponta para uma interessante questão que é a de que a Literatura precisa estar articulada à vida. Vou considerar o que ela chama de desmitificação e decantação relativa à literatura. No que tange à decantação, está relacionada ao fato de haver uma separação, conforme o sentido da palavra, entre o ensino de Língua Portuguesa e o ensino de Literatura, como uma espécie de gavetinhas, onde existem espaços determinados tanto para uma quanto para outra. Mesmo com o passar dos anos os manuais didáticos parecem não terem evoluído quando o assunto é Literatura, Silva (2006, p. 92) ressalta que

os livros e os manuais didáticos, salvo raríssimas exceções, não dizem claramente o que pretendem com as lições, ou unidades de leitura. Quando o fazem, apresentam finalidades reducionistas, do tipo “extrair a ideia central do texto”, “aumentar vocabulário”, “ler com desenvoltura”, “elaborar a ficha de leitura”, “apreciar os clássicos” etc. Porque descontextualizadas, em termos teóricos, e porque segmentadas em termos de sequenciação curricular, tais finalidades não levam a praticamente nada, ficando como que “apagadas” no quadro geral das atividades de ensino.

A respeito do pensamento exposto, percebemos que, embora apresentem nas propostas metodológicas o objetivo maior, que é a formação do leitor de literário, a realidade se mostra longe disso, o que autor diz não levar a lugar nenhum, muito menos à formação do leitor literário, sendo por ele consideradas apagadas no ensino.

Nesse sentido, a dimensão que se deve dar à Literatura é muito ampla, que deve iniciar na escola, e ir para fora dela. Entretanto, independente do ambiente, sua dimensão deve extrapolar o pragmatismo, o utilitarismo, e o manual de ensino propõe de maneira explícita a escolarização da Literatura, e Soares (2001, p. 24-25) chama a atenção para que seja uma escolarização adequada conforme se constata em seus argumentos

O que se quer deixar claro é que a literatura é sempre e inevitavelmente escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura – aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar – e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura – aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura.

Conforme o argumento acima, é mister um ensino cujas práticas de leitura de literatura alcancem uma dimensão social, e não apenas curricular, como propõem os manuais de ensino. Porque o que deve ser levado em consideração é que os textos que estão postos nos manuais de ensino devem trazer a Literatura para escola pensando na formação cidadã,

conforme discutido neste trabalho, e não apenas para transmissão de informações obsoletas e sem sentido algum para o aluno; além do mais, deve ser uma formação capaz de, antes, alcançar o professor. Então, há o perigo de uma escolarização errônea, que prejudica a leitura do texto literário, porque o torna sem sentido, sem perspectiva para a formação humana, que reiteramos ser própria da Literatura, e que deveria ser a proposta de todo manual de ensino.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é um labor artesanal (MINAYO).

Para início, é preciso deixar evidente o que é a metodologia em uma pesquisa, para tanto faço referência ao que Minayo (2001, p. 16) afirmou: “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Seguindo a acepção da autora, entendemos que o caminho do pensamento é na verdade todo o constructo teórico, realizado através de pesquisa bibliográfica, revisões bibliográficas, a fim de eleger, comparar, e até mesmo refutar, pensamentos que embasem a direção teórica que se queira seguir, e cujo objetivo é compreender o objeto de estudo; quanto à prática exercida na abordagem da realidade, entendemos ser ela primordial para traçar os caminhos a serem percorridos, com o fito de alcançar os objetivos delineados, orientando, desse modo a escolha de instrumentos a serem utilizados. Minayo (2001, p. 16) destaca que “a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para os desafios dessa prática”. Diante deste pensamento, procurei alinhar as teorias, além de elaborar instrumentos investigativos ajustados aos objetivos traçados, sem perder de vista o objeto de estudo.

O pensamento com o qual faço a abertura deste capítulo faz parte de uma seção denominada de Ciclo da pesquisa, da referida autora. De fato, este pensamento corrobora todo o processo de um trabalho investigativo, requerendo do pesquisador labor artesanal. Por isso, entende-se literalmente a expressão, da qual se extraem a responsabilidade, a concentração, a dedicação, além da renúncia, que não podem faltar a quem pesquisa, sem esquecer de que os resultados devem promover reflexão. Esclarecida a escolha da epígrafe, recorremos ao referido ciclo, denominado, conforme posto acima, por Minayo (2001, p. 26) de Ciclo da pesquisa, o qual está dividido em: 1) fase exploratória da pesquisa; 2) o trabalho de campo; 3) o tratamento do material recolhido.

Diante disso, na primeira fase, elaboramos o Pré-projeto de Pesquisa, contendo o referencial teórico, os objetivos geral e específico, o cronograma a ser seguido para a realização da segunda fase, a elaboração de questionários, contendo questões abertas e fechadas, a serem aplicados aos professores e aos alunos, a escolha de uma metodologia que se encaixasse aos objetivos traçados, além de providenciar a cópia dos documentos solicitando autorizações, dos questionários que seriam aplicados. Esta fase consideramos importante, pois nela traçamos os primeiros passos da pesquisa, e nela ocorrem diversos ajustes. Também é interessante ficarmos atento para dois fatos: nem fazer tantos ajustes, para não correr o risco de mudar o foco do objeto da pesquisa, nem inflexibilizar diante das demandas que porventura apareçam.

Esta etapa, que é o trabalho de campo, consideramos importante a reflexão feita por Neto (2001, p. 52) ao afirmar que “o trabalho de campo deve estar ligado a uma vontade e a uma identificação com o tema a ser estudado, permitindo uma melhor identificação da pesquisa proposta”. De fato, concordamos que a vontade e a identificação com o tema, de que nos fala o autor, reforçam a relação que deve existir entre elas e o pesquisadora. Dessa maneira, o que sentimos, antes de delimitar o objeto a ser pesquisado, foi uma espécie de empatia velada – nem sei se este é um termo adequado - tanto pelas teorias que abordam a temática, quanto por pesquisas outrora realizadas, de modo que, ao iniciarmos o trabalho de campo, tenhamos, em alguma medida, alguma segurança para iniciar o labor artesanal, que é a pesquisa.

A segunda fase, a pesquisa de campo, foi subdividida em duas etapas, realizadas entre os meses de abril e maio de 2019, contendo várias ações em cada uma delas.

A subdivisão da segunda fase:

1. aproximação com os sujeitos que foram selecionados para a pesquisa, através de conversa com os mesmos, para posterior apresentação da cópia do Projeto de dissertação tanto para os diretores das escolas quanto para os professores, aqueles para que autorizassem a realização da pesquisa na escola, com a aplicação do questionário aos alunos, e estes para que respondessem ao questionário, além da entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a cada um; agendamento, com o professor de Língua Portuguesa, do dia para a aplicação do questionário para o aluno; solicitação ao professor do exemplar do livro didático de Língua portuguesa com o qual fez seu planejamento;
2. aplicação dos questionários com perguntas abertas e fechadas a 8 professores e a 205 alunos (6º ao 9º ano), nas escolas onde se realizou a pesquisa, no município de Santarém-PA.

O trabalho em campo é uma das fases da pesquisa que requer que o pesquisador saiba, de antemão, os passos anteriormente delineados durante a construção do projeto de pesquisa, o que inclui a apresentação do projeto de pesquisa. Não deve o pesquisador, simplesmente entrar em campo munido dos instrumentos selecionados para coletar dados e depois sair do local com seu arsenal pronto para a outra fase do ciclo da pesquisa, deixando para trás algo grandioso que é a oportunidade de voltar ao local e apresentar aos sujeitos participantes da pesquisa os resultados coletados. Este pensamento é reiterado por Neto (2001, p. 55), ao dizer que “os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo”, o autor acrescenta ainda que “é

no processo desse trabalho que são criados e fortalecidos os laços de amizade, bem como os compromissos firmados entre o investigador e a população investigada, propiciando o retorno dos resultados alcançados para essa população”. Desse modo, não é viável que haja escolhas aleatórias, neste caso específico, dos sujeitos participantes da pesquisa, mas sim que exista razoável cordialidade entre eles e o pesquisador. Assim, quem está sendo investigado não se sentirá nem constrangido, tampouco coagido.

A última fase do ciclo da pesquisa, que Minayo (2001) denomina de tratamento do material recolhido, subdivide-se em 1) ordenação; 2) classificação; 3) análise.

Para desenvolver esta etapa, encontramos dificuldade em seguir o passo a passo, entendendo que a sequência posta em prática responderia aos questionamentos que fiz como pesquisadora. Assim, ordenar e classificar os questionários não foi uma atividade simples como eu imaginei que seria, em virtude de conter bastantes informações, todas importantes e complementares, e serem em quantidade significativa: eram 8 questionários de professores e 205 questionários de alunos, além do livro didático. Diante do material coletado, procurei seguir sempre o norte estabelecido nos objetivos traçados pela pesquisadora, bem como a pergunta explícita no título, a fim de que o material recolhido se tornasse a fonte de informações de que eu precisava, tanto para alcançar os objetivos quanto para que a pergunta posta no título desta pesquisa não fosse esquecida. Nesta fase é que se encontram e/ou se confrontam os dados levantados com a teoria, cujo intuito é contribuir de modo contextualizado, crítico e reflexivo acerca do objeto pesquisado.

Portanto, concordamos com a afirmação de que a pesquisa é um labor artesanal, no sentido de que cada fase, embora possua características inerentes, se agregue à próxima de maneira gradual, organizada e interligada. E os resultados e as reflexões advindos se comparam a um objeto artesanal, no qual as partes se integram de tal modo, assim como cada fase da pesquisa.

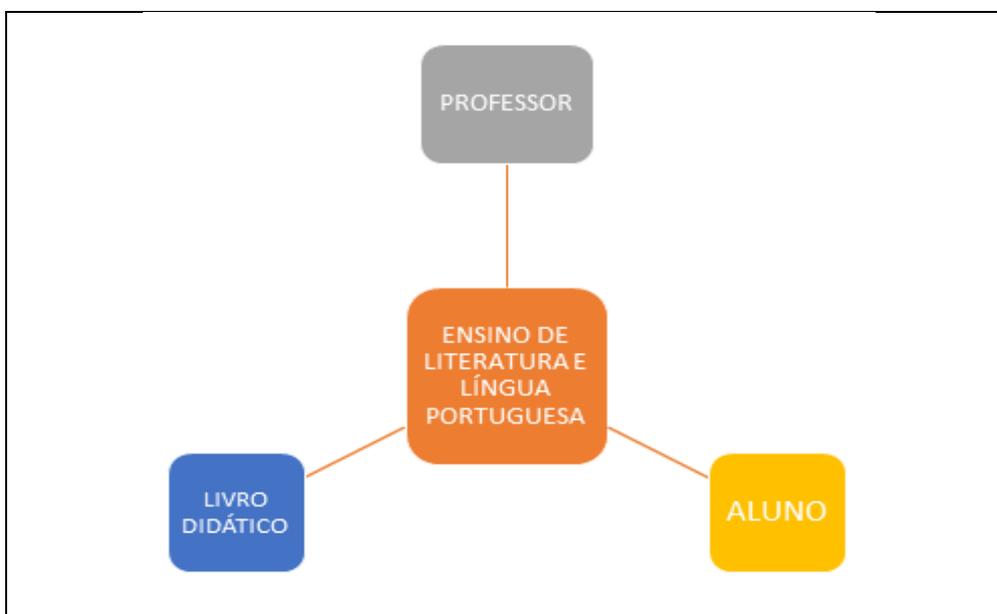
3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa cujo título é *Leitura Literária e o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano: margens opostas ou travessia?* investiga o ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa, em 8 turmas do Ensino Fundamental II (2 turmas do 6º ano, 3 turmas do 7º ano, 2 turmas do 8º ano e 1 turma do 9º ano), em 5 escolas da Rede Pública Estadual de Ensino, no município de Santarém – PA; além de investigar como ocorre o ensino de literatura no livro didático

Levando em conta o referencial teórico acerca do ensino de Língua e de Literatura, propomos uma abordagem metodológica que inclui a coleta e a análise dos dados na perspectiva da pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Quanto aos instrumentos da pesquisa, adotamos dois questionários contendo questões abertas e fechadas, um para os professores e outro para os alunos. As questões formuladas tanto para os docentes quanto para os discentes foram pensadas em conformidade com objetivos traçados, de forma que os resultados apresentados nos levassem à compreensão a respeito dos saberes sobre leitura, leitura de literatura, obras de literatura lidas, atividades desenvolvidas após a leitura de textos literários, frequência em ambientes de leitura como bibliotecas escolares e/ou salas de leitura. As indagações tanto para os professores quanto para os alunos eram as mesmas, para que a partir da coleta das informações fosse possível comparar os resultados, a respeito do objeto pesquisado.

Além do instrumento a que nos referimos acima (questionário aos professores e aos alunos) os livros didáticos, das coleções didáticas aprovadas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e utilizados pelos professores e pelos alunos serviram para a coleta de dados a fim de traçar um diagnóstico comparativo e explicitar a relação existente acerca do objeto de estudo desta pesquisa entre docentes, alunos e livros didáticos, conforme figura a seguir.

Figura 1- Relação entre o Ensino de Literatura e de Língua Portuguesa, o professor, o aluno e o Livro Didático.



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

A figura 1 representa o mesmo objeto de estudo sob diferentes ângulos. Os sujeitos desta pesquisa são os professores, os alunos e os livros didáticos utilizados pelos professores e pelos alunos investigados, desse modo, pretendemos a partir dos resultados coletados, estabelecer relações e percepções, evidenciadas a partir da análise dos dados, considerando as

especificidades de cada sujeito. Consideramos importante esboçar um contínuo entre os sujeitos pesquisados de forma que as discussões e conclusões sejam consistentes.

3.2 Escolas avaliadas

Esta pesquisa foi realizada em 5 escolas públicas da Rede Estadual de Ensino do município de Santarém, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Nome e endereço das escolas onde foi realizada a pesquisa, (Santarém – PA)

Escola	Endereço
E.E.F. M. Aluizio Lopes Martins	Rua Salvação S/N – Maracanã
E. E.F. M. Onésima Pereira de Barros	Av. Mendonça Furtado, 3103 - Fátima
E.E.F. M. Pedro Álvares Cabral	Tv. 24 de Outubro S/N – Laguiño
E. E.F. M. José de Alencar	Rua São José, 148 – Aparecida
E. E.F. M. Terezinha de Jesus Rodrigues	Alameda Trinta,132- Aeroporto Velho

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Dentre as escolas descritas, conforme observamos no Quadro 1, apenas uma fica localizada em um bairro periférico de Santarém-PA, as demais estão localizadas na região mais central da cidade. Todas funcionam com atividades nos três turnos – manhã, tarde e noite – com séries que incluem o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, além da modalidade de ensino EJA. A escolha das escolas se deu a fim de que fosse traçada uma visão ampliada sobre o objeto pesquisado.

3.3 Professores avaliados

Participaram desta pesquisa 8 professores de 5 escolas públicas da rede Estadual de ensino, do Município de Santarém-PA, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização dos professores que participaram da pesquisa em Escolas da Rede Pública Estadual, (Santarém – PA)

Professor	Formação acadêmica	Tempo de atuação na Educação Básica	Gênero
P1	Letras – Especialista	Entre 10 e 15 anos	Feminino
P2	Letras – Especialista (curso mestrado)	Entre 15 e 20 anos	Masculino
P3	Letras – Sem especialização	Entre 10 e 15 anos	Feminino
P4	Letras – Sem especialização	Entre 15 e 20 anos	Feminino
P5	Letras – Especialista	Entre 15 e 20 anos	Feminino
P6	Letras – Sem especialização	Entre 15 e 20 anos	Feminino
P7	Letras – Especialista	Entre 15 e 20 anos	Feminino
P8	Letras – Sem especialização	Entre 20 e 25 anos	Feminino

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No Quadro 2, constam dados relativos aos professores participantes da pesquisa, identificados pelas siglas P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8; ao lado da identificação, segue-se a

formação acadêmica, o tempo em que atua na Educação Básica, dentre os 08 professores, sete são mulheres e um homem.

Quanto ao tempo de atuação na prática docente, conforme observamos no Quadro 2, nenhum docente possui menos de 10 anos, todos têm acima de 10 anos e abaixo de 25 anos de exercício profissional. Logo, percebemos que todos possuem vasta experiência profissional. Acerca da formação, os dados apontam que todos possuem formação na área em que atuam. Observamos que 4 docentes, embora atuem há bastante tempo, possuem como formação apenas o curso de graduação, incluindo o que mais possui tempo na atuação docente, os demais, 3 docentes, possuem curso de especialização, e 1 está cursando o Mestrado Profissional em Letras.

3.4 Perfil das classes avaliadas nas escolas

Para realizar esta pesquisa foram avaliadas 8 turmas, de 4 diferentes escolas públicas da rede Estadual de ensino do município de Santarém-PA, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 - Caracterização do número de alunos por série/turma que responderam ao questionário na E. E. E. M. Aluizio Lopes Martins (Santarém, PA)

Série/turma	Gênero feminino	Gênero masculino	Total
	Número de estudantes		
6º ano C	15	12	27
7º ano A	12	13	25
7º ano C	14	11	25
8º ano A	10	4	14

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A Tabela 1 descreve 4 turmas da Escola Aluizio Martins. Consideramos importante, ao fazer a descrição, destacar que a quantidade de alunos que respondeu ao questionário corresponde a um número significativo em cada turma, isso é relevante porque é possível coletar dados e compará-los, principalmente porque estão em um mesmo ambiente escolar, em um mesmo cenário educacional, embora sejam professores diferentes para cada turma. A turma do 8º ano é a que tem o menor número de alunos, no entanto, não corresponde ao número de alunos matriculados, mas apenas aos presentes na hora em que o questionário foi aplicado. Para fazer a análise dos dados contidos nos questionários, escolhi 05 em cada turma, totalizando 20 alunos, portanto, deste educandário.

Tabela 2 - Caracterização do número de alunos que responderam ao questionário na E. E. E. M. Onésima Pereira de Barros (Santarém, PA)

Turma	Gênero feminino	Gênero masculino	Total
	Número de estudantes		
6° ano	11	13	24

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Conforme Tabela 2, houve um número significativo de alunos que respondeu ao questionário, totalizando 24 alunos. Para fazer análise dos dados contidos nos questionários, escolhemos 5 questionários. O número de alunos que respondeu ao questionário não corresponde ao número de alunos efetivamente matriculados na turma, mas aos que estavam presentes na hora da aplicação.

Tabela 3 - Caracterização do número de alunos que responderam ao questionário na E. E. E. M. Pedro Álvares Cabral (Santarém, PA)

Turma	Gênero feminino	Gênero masculino	Total
	Número de estudantes		
8° ano C	15	12	27

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Dados da Tabela 3 apresentam o número de alunos que responderam ao questionário, totalizando 27, desse total serão retirados 05 questionários para análise de dados, vale ressaltar que o número de alunos que respondeu ao questionário não corresponde ao número de alunos matriculados.

Tabela 4 - Caracterização do número de alunos que responderam ao questionário na E. E. E. M. José de Alencar (Santarém, PA)

Turma	Gênero feminino	Gênero masculino	Total
	Número de estudantes		
7° ano C	20	13	33

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Dados numéricos da Tabela 4 representam os números da turma onde houve o maior número de alunos respondendo ao questionário, totalizando 33 alunos, sabendo que este número não corresponde à quantidade de alunos matriculados, mas a que estava presente na sala na hora em que o questionário foi aplicado. Deste total escolhemos 5 questionários para fazer a análise dos dados.

Tabela 5 - Caracterização do número de alunos que responderam ao questionário na E. E. E. M. Terezinha de Jesus Rodrigues (Santarém, PA)

Turma	Gênero feminino	Gênero masculino	Total
	Número de estudantes		
9º ano A	13	17	30

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Os dados numéricos da Tabela 5 representam uma turma contendo 30 alunos que responderam ao questionário, desse total escolhemos 5 para fazer análise, o total de alunos não corresponde ao número de alunos matriculados

Tabela 6 – Faixa etária dos estudantes que responderam ao questionário nas Escolas da Rede Pública Estadual (Santarém, PA)

Idade	Número de alunos
11 anos	21
12 anos	61
13 anos	52
14 anos	45
15 anos	22
16 anos	15

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Os dados da Tabela 6 mostram a faixa etária dos alunos, entre 11 e 16 anos. Observamos não haver distorção série-idade, considerando que são discentes matriculados em turmas de 6º ao 9º ano. O número de alunos com 16 anos é menor, em comparação com o número de alunos que tem 13 anos, totalizando 52 alunos, que correspondem a maioria dos alunos que cursam o 7º e o 8º ano. Esse fato deve ser considerado, porque revela que um dos objetivos das escolas em seus projetos pedagógicos é evitar reprovações, então, os dados do quadro corroboram essa afirmação.

3.5 O livro didático

Como fonte de dados, esta pesquisa usou, além dos questionários, 4 Livros didáticos, das coleções didáticas de Língua Portuguesa, aprovadas pelo PNLD/2017, utilizados pelos professores e pelos alunos, conforme quadro a seguir:

Quadro 3- Editora, edição, coleção e série dos livros didáticos usados para coleta de dados

Editora	Edição	Coleção	Série
Saraiva Educação	9ª edição 2015	Português – Linguagens	6º ano
Ática	2ª edição	Projeto Teláris	7º ano
Ática	2ª edição	Projeto Teláris	8º ano

Saraiva Educação	9ª edição	Português - Linguagens	9º ano
------------------	-----------	------------------------	--------

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O Quadro 3 descreve a editora, a edição, o nome da coleção e a série, respectivamente.

Não podemos ignorar neste trabalho que o manual didático é um dos instrumentos para ensino mais utilizados nas escolas, por isso, nesta pesquisa, foi investigado. Além do mais pode, muitas vezes, ser para o aluno a única fonte de leitura quando o mesmo não tem acesso a livros, nem a bibliotecas ou quaisquer espaços para leitura.

4 RESULTADOS E AVALIAÇÃO

4.1 Questionário respondido pelos professores

Os quadros abaixo contêm as respostas extraídas dos questionários que foram aplicados aos professores.

Quadro 4 - Sobre a definição de leitura

Pergunta do questionário	Respostas dos professores
a) Como você define leitura?	<p>P1 “Há leitura e leituras. Podemos distinguir pelo menos 3 formas de leitura, ou atitudes do leitor e todo professor de Língua Portuguesa precisa conscientizar-se disso. A leitura mecânica, habilidade de decifrar códigos e sinais. Isso pode ser considerado leitura? Sim, mas ainda em nível superficial, e não seria esse tipo de leitura que o docente de Língua Portuguesa deve propor na escola”.</p> <p>P3 “Leitura é a maneira de interpretarmos um conjunto de informações dadas no determinado momento”.</p> <p>P4 “Como forma de conhecimento para (...)”</p> <p>P7 “É a capacidade de entender o que as pessoas dizem.”</p>

Fonte: Extraído do questionário (2019)

O Quadro 4 contém a pergunta 1 do questionário. Ao elaborarem o conceito para leitura, P2, P5, P6, P8 não responderam, deixando o espaço destinado à resposta em branco; as respostas dadas pelos professores 1,3,4,7. Conforme observamos nos dados, na resposta de P1, a professora usou as expressões *leitura e leituras*, no entanto não definiu nenhuma dessas expressões. Além disso, quando afirmou *podemos distinguir pelo menos três formas de leitura*, a professora cita a *leitura mecânica*, não definindo-a, e as demais formas não são citadas. Em P3, da resposta emerge um conceito superficial e vinculado àquele que realiza o ato de ler e delimita este ato no tempo, logo nota-se uma definição imprecisa. A P4 não completou a definição, dando a impressão que houve ou a supressão do pensamento ou a incerteza sobre o conceito, mas não houve definição sobre leitura pelos professores, os quais são desafiados diariamente a ensinarem os alunos a ler.

Desse modo, na tentativa de conceituar a leitura, os professores esbarram em questão que considero de ordem metalinguística, não definir um código com precisão não significa desconhecimento desta atividade tão significativa para o desenvolvimento contínuo do professor.

Quadro 5 - Sobre Você considera que há diferença entre ser professor(a) de Língua e de Literatura? Por quê?

Pergunta do questionário	Respostas dos professores
<p>b) Você considera que há diferença entre ser professor(a) de Língua e de Literatura? Por quê?</p>	<p>P1 “Não há diferença. O ato de ensinar Português deve estar atrelado ao ensino de Literatura. Para alcançar o objetivo no ensino de LP é importante pensar sobre a metodologia. A língua, acima de tudo, é um código social, um acordo de letras”.</p> <p>P2 “Não, porque ambas trabalham com a linguagem!”.</p> <p>P3 “Não, todos os professores formados em letras têm o domínio dos dois conhecimentos”.</p> <p>P4 “Não, devido as duas estarem interligadas”.</p> <p>P5 “Sim. Ao meu ver o professor de Língua Portuguesa trabalha a Língua, não só no aspecto relacionado ao texto; já o professor de Literatura precisa focar diretamente ao gênero e o período literário, uma vez que a carga horária é mínima e isso dificulta um trabalho mais completo”.</p> <p>P6 “Sinto que há uma tênue diferença. A língua portuguesa é voltada para a leitura-escrita, enquanto que a literatura, além da leitura, presta-se ao deleite ou à reflexão”.</p> <p>P7 “Não, porque o ensino de gramática fica mais fácil utilizando o texto literário como instrumento de reflexão e possibilita o aluno a se tornar um leitor”.</p> <p>P8 “Sinceramente não. Pois amo falar da língua a partir da literatura. Texto e pretexto. Mesmo que fale de forma gramaticeira (tradicional), tento ligar o que falo com o texto”.</p>

Fonte: Extraído do questionário (2019)

Segundo o Quadro 5, quando indagados, você considera que há diferença entre ser professor(a) de Língua e de Literatura? Por quê? Dentre os oito professores, seis disseram não haver diferença entre ser professor de Língua e Literatura (P1, P2, P3, P4, P7, P8) e dois (P5 e P6) disseram que há.

Esta questão nos oferece elementos a respeito de como o professor vê a si, vê a Língua e a Literatura, desse modo, quanto aos que responderam que não há diferença, vê-se pelas justificativas que ensinar língua é ensinar gramática normativa, conforme o P7 ao

justificar que “ensinar gramática fica mais fácil utilizando o texto literário”, e o P8 ao dizer que “mesmo que fale de forma gramatiquera (tradicional), tento ligar o que fala com o texto”.

Percebemos, de acordo com as respostas dos docentes algo importante, que não pode deixar de ser evidenciado, o fato de que ser professor parece ser externo a si, parecendo não terem clareza de que ser professor destas duas áreas do conhecimento garante-lhes papel formador, bem como mediador, nas aulas de Língua Portuguesa, conduzindo o aluno a experiências estéticas (inesquecíveis) que podem ocorrer quando a Literatura ocupar lugar neste ensino.

Então, para eles, o texto literário funciona como um pretexto para ensinar regras. O P6 fez uma abordagem sobre “deleite e reflexão”, possibilitando vislumbrar que este professor faz uma abordagem que aproxima o ensino de Literatura ao seu aspecto estético, sendo o que se distanciou das regras; todavia, diz que “há uma tênue diferença” entre ser professor de língua e de literatura, colocando-as em margens opostas.

Não podemos esquecer, contudo, que a literatura tem sua natureza eminentemente verbal. Eis uma das razões pela qual deve ser estudada na disciplina Língua Portuguesa.

Quadro 6 - Sobre de acordo com sua formação docente, você se considera apto(a) para ensinar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental? Por quê?

Pergunta do questionário	Respostas dos professores
De acordo com sua formação docente, você se considera apto(a) para ensinar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental? Por quê?	<p>P1 “Sim. Diante de toda a experiência adquirida ao longo desses 14 anos, no contato diário com os alunos, na avaliação e reavaliação da metodologia empregada”.</p> <p>P2 “Sim, porque minha formação acadêmica fundamenta-me para o ensino de linguagem”.</p> <p>P3 “Sim, porque tive uma boa formação acadêmica e procuro sempre atualizar-me com novas metodologias”.</p> <p>P4 “Sim, fui preparada, formada para exercer essas atividades”.</p> <p>P5 “Sim, considero-me. Pois desde o início de minha profissão procuro trabalhar em minhas aulas alguns livros e poesias e textos pertencentes aos clássicos da literatura e costumo falar um pouco sobre a obra em estudo”.</p> <p>P6 “Sinto-me apta a trabalhar no fundamental, porque quanto mais cedo o aluno passar a ter contato com a literatura este será influenciado a ler e a gostar do ato”.</p> <p>P7 “Sim. Porque quando trabalho usando as leituras literárias estou possibilitando aos meus alunos ir muito além das regras gramaticais”.</p> <p>P8 “Sim, tive uma formação tradicional. O ensino de língua está passando por transformações, a formação continuada fez total diferença na prática da sala de aula”.</p>

Fonte: Extraído do questionário (2019)

Conforme Quadro 6, ao serem indagados sobre sua formação docente e se consideravam-se aptos(as) para ensinar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental, e por quê, os professores foram unânimes, afirmando que se sentem preparados tanto para o ensino de Língua Portuguesa quanto de Literatura, fazendo uma autorreflexão, além apontarem a relevância da formação continuada para o ensino.

Destacamos que os professores P3, P4, P6 e P8, embora considerem a importância da formação docente, são professores que têm apenas a Licenciatura em Letras, não possuindo especializações na área, logo, fica evidente que a formação a que se referem é a graduação.

Uma fala interessante da P7, apesar de apontar a importância da leitura da literatura, ainda a vincula ao ensino de gramática. A P5 relata um pouco de sua experiência do trabalho com a literatura, embora faça uma afirmação que não justifica sua fala.

As respostas dos docentes dialogam entre si, porque não descartam a importância da formação, mas vinculam-na à aptidão necessária para o ensino, de maneira mais específica, para o ensino de Língua e de Literatura na Educação Básica.

Quadro 7 - Sobre como você define leitura literária?

Pergunta do questionário	Respostas dos professores
c) Como você define leitura literária?	<p>P2 “Como a que se volta às atividades de leitura de textos”.</p> <p>P3 “Leitura literária é aquela que nos leva a compreender com atenção cada detalhe que o autor quer nos dizer”.</p> <p>P4 “Como forma de ampliar o conhecimento e dominar a linguagem oral, através da leitura”.</p> <p>P5 “Ao meu ver a leitura literária consiste em fazer o leitor (o aluno) a sentir o gosto e o prazer em ler obras literárias e através destes refletir, pensar e sentir por meio da história lida, os sentimentos do autor”.</p> <p>P6 “A leitura literária é o caminho para a compreensão de outros mundos e realidades”.</p> <p>P7 “É uma leitura que possibilita ao aluno estabelecer relação com o texto lido, expressar sentimentos, compreendê-lo, interpretá-lo, descobri-lo”.</p> <p>P8 “Leitura literária é a arte, imaginação, é leitura que forma, reforma e transforma o que penso”.</p>

Fonte: Extraído do questionário (2019)

De acordo com Quadro 7, ao serem indagados sobre como você define leitura literária? o P1 não definiu, os P2, P3, P4 apresentaram conceitos que poderiam ser associados à Leitura de outros gêneros textuais, mas são conceitos vagos, genéricos, mas nenhum literário.

Os P5, P6, P7, P8 usaram expressões como “refletir”, “pensar”, “sentir”, “compreensão de outros mundos e realidades”, “expressar sentimentos, compreendê-lo, interpretá-lo, descobri-lo”, “leitura literária é a arte, imaginação, é leitura que forma, reforma e transforma o que penso”, as quais se aproximam da literatura como experiência estética, transformadora.

Quadro 8 - Sobre você pode citar alguma(s) leitura(a) literária que tenha marcado sua vida?

Pergunta do questionário	Respostas dos professores
<p>d) Você pode citar alguma(s) leitura(s) literária(s) que tenha(m) marcado sua vida?</p>	<p>P1 “Iracema, de José de Alencar; Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco, outros”.</p> <p>P2 “O olho de vidro de meu avô”.</p> <p>P3 “Menina moça, não lembro o autor”.</p> <p>P4 “A pata da gazela, de José de Alencar”.</p> <p>P5 “O juízo final, O guarani, O burrinho pedrês etc”.</p> <p>P6 “Dom Casmurro, O pequeno príncipe, Memórias de minhas putas tristes”.</p> <p>P7 “A escrava Isaura e a Moreninha”.</p> <p>P8 “Dom Casmurro e o Seminarista no ensino médio, e a Ilha perdida no fundamental”.</p>

Fonte: Extraído do questionário (2019)

Conforme o Quadro 8, ao responderem você pode citar alguma(s) leitura(s) literária(s) que tenha(m) marcado sua vida, os professores foram dos clássicos da Literatura Brasileira e também universal (O Pequeno Príncipe) à Literatura infanto-juvenil, como “O olho de vidro de meu avô”, de Bartolomeu Campos de Queiróz.

Aqui destacamos que a experiência com a leitura de literatura de fato marca a pessoa, são experiências que levamos para a vida afora, vivemos diferentes experiências mesmo que leiamos a mesma obra. Consideramos importante refletir a respeito de que o professor, ao possuir uma leitura de literatura que tenha lhe marcado, por fatores os mais diversos, de certo

quererá levar esta experiência a outros e, claro, influenciar a partir de sua própria vivência a vida de seus alunos.

Quadro 9 - O que lê com mais frequência

P1	“Jornais (impressos eletrônicos), contos, crônicas / jornais e revistas, poemas”.
P2	“Jornais (impressos / jornais e revistas eletrônicos), contos, crônicas, poemas”.
P3	“Contos”.
P4	“Jornais e revistas (impressos / eletrônicos), crônicas, poemas”.
P5	“Jornais e revistas (impressos / eletrônicos), romances, contos, crônicas, poemas”.
P6	“Jornais e revistas (impressos / eletrônicos), crônicas, poemas, outros”.
P7	“Jornais e revistas (impressos / eletrônicos), romances, contos, crônicas, poemas”.
P8	“Jornais e revistas (impressos / eletrônicos), contos, crônicas, poemas”.

Fonte: Extraído do questionário dos professores (2019).

O Quadro 9 demonstra os gêneros textuais que o professor lê com mais frequência, incluindo os literários. As respostas direcionam os professores à leitura de praticamente os mesmos textos, à exceção do P3, ao relatar que respondeu que lê mais o gênero conto.

Consideramos importante que o professor saiba claramente definir a frequência com que lê, pois sendo ele leitor de tais gêneros constrói seu acervo de leitura literária, criando sua identidade de leitor de literatura, e construindo sua própria antologia, sugerindo-a aos seus alunos.

Quadro 10 - Atividades de que participou ou promoveu na escola

P 1	“Sarau, clube de leitores, contação de histórias, roda de leitores”.
P 2	“Sarau, clube de leitores, contação de histórias, roda de leitores”.
P 4	“Contação de histórias”.
P 5	“Sarau, clube de leitores, contação de histórias, roda de leitores”.
P 6	“Sarau, clube de leitores, contação de histórias, roda de leitores”.
P 7	“Sarau, clube de leitores, contação de histórias, roda de leitores”.
P 8	“Sarau, clube de leitores, roda de leitores”.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O Quadro 10, embora não defina se o docente participou ou promoveu a atividades como sarau, clube de leitores, contação de histórias, roda de leitores, revela a presença destas atividades no ambiente escolar. Soma-se a isso, ou promovendo ou participando das atividades, o fato de que ao acontecerem tais atividades requererá do docente: planejamento, organização, divulgação, acompanhamento das atividades a serem desenvolvidas com os alunos, o que entendemos favorecer um ambiente onde os textos de literatura alcançam lugar de destaque na escola. Apenas o P3 não respondeu este item.

Quadro 11 - O que faz após a Leitura Literária?

P1	Propõe discussões entre os alunos sobre o que foi lido, sugere atividades como encenações, declamações, rodas de conversas.
P2	Propõe questões sobre o texto lido
P3	Propõe questões sobre o texto lido.
P4	Propõe questões sobre o texto lido, propõe discussões entre os alunos sobre o que foi lido
P5	Propõe questões sobre o texto lido, sugere atividades como encenações, declamações, rodas de conversas.
P6	Propõe discussões entre os alunos sobre o que foi lido, sugere atividades como encenações, declamações, rodas de conversas.
P7	Propõe questões sobre o texto lido, pede resumos aos alunos, propõe discussões entre os alunos sobre o que foi lido, sugere atividades como encenações, declamações, rodas de conversas.
P8	Propõe questões sobre o texto lido, propõe discussões entre os alunos sobre o que foi lido.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No Quadro 11, ao serem indagados sobre o que fazem após a Leitura Literária, todos os professores revelam ações do tipo: propõem questões sobre o texto lido, pedem resumos aos alunos, propõe discussões entre os alunos sobre o que foi lido, sugerem atividades como encenações, declamações, rodas de conversa.

No entanto, ao estabelecermos relação entre os Quadros 10 e 11, observamos que algumas respostas, dadas pelo mesmo professor, ao serem comparadas, mostram-se contraditórias, como a do professor P2 que, no Quadro 10, respondeu que promove “sarau, clube de leitores, contação de histórias, roda de leitores, no entanto, os dados no Quadro 11 revelam que “propõe questões sobre o texto de literatura lido”. Então, concluímos que o texto literário é usado sempre com uma finalidade que não o ensino de literatura, mas para o aluno

fazer resumos, resolver questões sobre o texto, ações que se encontram distantes de promover a educação literária.

Quadro 12 – Extraído do questionário respondido pelo professor: identificação, lê regularmente, indica leitura de literatura, escola possui biblioteca, frequência ao espaço, escola possui projetos de leitura?

Professor	Lê regularmente	Indica leitura de literatura	Escola possui biblioteca	Com que frequência vai ao espaço	Escola possui projetos de leitura
P1	Sim	Sim	Sim	Diariamente	Sim
P2	Sim	Sim	Sim	Diariamente	Sim
P3	Sim	Sim	Sim	Diariamente	Sim
P4	Sim	Sim	Sim	Semanalmente	Sim
P5	Sim	Sim	Sim	Semanalmente	Sim
P6	Sim	Sim	Não	Não frequenta	Sim
P7	Sim	Sim	Sim	Diariamente	Sim
P8	Sim	Sim	Sim	Diariamente	Sim

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O Quadro 12 contém os dados sobre a indagação feita aos docentes: você lê regularmente, indica leitura de literatura, escola possui biblioteca, frequência ao espaço, escola possui projetos de leitura? Os dados apontam que todos respondem afirmativamente a todos os questionamentos, apenas um docente respondeu negativamente quando indagado sobre a presença de biblioteca ou sala de leitura na escola onde trabalha, resultando na não frequência do docente neste espaço.

As perguntas foram agrupadas no Quadro 12 porque estão relacionadas com o desenvolvimento de atividades que envolvem leitura de Literatura.

4.2 Questionário respondido pelos alunos

Os Quadros a seguir contém a descrição das perguntas e das respostas dos questionários respondidos pelos alunos.

Quadro 13 - Pergunta e respostas do questionário aplicado aos alunos nas cinco Escolas Públicas da Rede Estadual de Ensino, Santarém-PA

Pergunta do questionário	Respostas dos alunos
1) Para mim leitura é	6º ano “É uma coisa pra estimular a gente a ler mais e ajudar na nossa fala”. “Pra mim é a gente ler é interpretar o texto e entrar dentro do texto”. “Regular”.

	<p>“A leitura fais bem para nossa cabeça e ajuda a desevou ve palavras(<i>sic</i>)”.</p> <p>“É muito bom para aprede (<i>sic</i>)”.</p> <p>“Conhecer novas palavras, conhecer novos textos”.</p> <p>“Legal essencial para todos nós”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não”.</p> <p>7º ano</p> <p>“Entrar num livro e vê a imaginação”.</p> <p>“Apreder a decifra palavras, a leitura ajudar que precisa”.</p> <p>“A leitura para mim é uma coisa que mim distrai quando não to vazendo nada leitura e uma vida para mim (<i>sic</i>)”.</p> <p>“Poder ler sentir as emoções e me sentir como se eu estivesse no texto”.</p> <p>“A importância do aprendizado o conhecimento da leitura é aprender a conjugar os verbos”.</p> <p>“Bom eu não tenho muito o que falar pq ler eu não leio muito mais é muito importante ler”.</p> <p>“Muito importante”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Uma oportuniada para aprender sobre os livros e ler uma história legal para não perder a capacidade”.</p> <p>“Uma coisa muito boa legal”.</p> <p>8º ano</p> <p>“A leitura é uma arte de imaginar, aventuras, dramas e principalmente ler, ler é sabedoria”.</p> <p>“Uma asa que me leva a lugares inimagináveis sem eu sair de onde eu estou”.</p> <p>“É muito bom ler livros porque dá pra imaginar”.</p> <p>“Um caminho que percorremos até chegar no destino ler e aprender e ganhar asas para chegar além dos sonhos etc”.</p> <p>“É aprendizado, conhecimento, diversão”.</p> <p>“Uma viagem através da imaginação”.</p> <p>“Uma forma de aprender de um jeito diferente”.</p> <p>“Não é só um livro qualquer é um livro que a gente pode meditar e se identificar”.</p> <p>“Leitura pra mim é boa fortalece a minha mente”.</p> <p>“Legal muito interessante”.</p> <p>“Aprende mais”.</p> <p>“Muito bom”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“A leitura é fundamental”.</p> <p>“É muito importante”.</p> <p>9º ano</p> <p>“Uma forma de se expressar”.</p> <p>“A arte de aprender novas palavras”.</p> <p>“Ler um livro, um poema um cartaz”.</p> <p>“Leitura é algo bom que muita gente gosta e que deve gostar”.</p> <p>“A leitura é uma coisa de viver a gente ler pra aprender mais pro nosso raciocínio”.</p>
--	---

Fonte: extraído do questionário (2019)

O Quadro 13 apresenta uma amostra, (cerca de 19,5% do universo dos participantes), totalizando 40 alunos, sendo 5 de cada série, respondendo o que para eles seria

leitura. Conforme o Quadro nos mostra, 15 alunos (representando 37,5%) relacionaram leitura à aprendizagem, 11 alunos (representando 27,5%) relacionaram o conceito de leitura a prazer, 6 alunos (representando 15%) afirmaram que leitura era importante e 8 alunos (representando 20%) não responderam.

Desses dados podemos extrair conclusões importantes. Primeiramente, notamos que 80% dos participantes, ao definirem leitura, usaram expressões de sua vivência escolar, por isso a recorrência de expressões como “aprender novas palavras, ler livro, conjugar verbos, aprender mais, interpretar texto”. Podemos observar que os alunos embora conceituem a leitura sob o aspecto utilitarista, isto é, a partir do que leem poderão utilizá-la com uma finalidade previamente definida, aproximam-se do conceito proposto por Silva (2005, p. 24), segundo o qual a leitura se caracteriza como

um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidade de transformação sociocultural futura. E por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção de conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva, dentro ou fora da escola, levantando-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar a pessoa e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida.

De fato, a concepção do autor estabelece que a leitura deve ser um ato que não despreza o aprendizado, sendo responsável pela produção de conhecimento, no entanto, deve ir além dele, construindo, libertando, transformando o homem tanto individualmente quanto socialmente, logo os dados corroboram o argumento do autor.

Em segundo lugar, destacamos, consoante os dados apresentados no Quadro 13, que os alunos, ao conceituarem leitura através de expressões como “ arte de imaginar, viagem através da imaginação, ganhar asas, diversão, sentir emoções,” relacionam o conceito à fruição o qual, segundo Maria Paula Parisi, diz ser o “aproveitamento satisfatório e prazeroso de obras literárias”. Logo, percebemos que o conceito elaborado por alguns alunos. remetem à leitura como fruição.

Enquanto para outros alunos (15%) a leitura é denominada de “importante”, outros (20%) não apresentaram definição sobre o termo; inferimos, portanto, que os dados revelam que do universo dos participantes, os alunos que não apresentaram a definição de leitura não configura neste universo um número tão expressivo (20%).

Esta questão procurou verificar quais sentidos os alunos atribuem à concepção de leitura, e percebemos que os dados apontam que os alunos conseguem traçar uma definição que parte de uma experiência pessoal e enriquecedora.

Quadro 14 - Pergunta e respostas do questionário aplicado aos alunos nas cinco Escolas Públicas da Rede Estadual de Ensino, Santarém-PA

Pergunta do questionário	Respostas dos alunos
<p>2) Para mim leitura literária é</p>	<p>6º ano</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“É ler na escola com o professor e colegas e fazer resumo completo e estudar”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>7º ano</p> <p>“O que você imagina e que também é um transporte para dentro do livro”</p> <p>“A professora de português passou varias coisa, e ajudar a onde continuar (<i>sic</i>)”.</p> <p>“A leitura literária é uma leitura super bacana a leitura literária é a coisa bacana de ser”.</p> <p>“Para mim leitura literária é legal”.</p> <p>“Uma leitura que vai transportar a outros lugares mudos que também vai fazer sentir muitas emoções”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei muito”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei como responder essa pergunta”.</p> <p>8º ano</p> <p>“Eu não sei mas com certeza é muito interessante”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei responder”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei o que leitura literária”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei o que é mas deve ser boa”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>9º ano</p> <p>“Um pensamento meu”.</p> <p>“Querer estar aprendendo mais e mais”.</p> <p>“É ler um livro frequentemente”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p>

Fonte: Extraído do questionário (2019)

O Quadro 14 apresenta uma amostra, (cerca de 19,5% do universo dos participantes), totalizando 40 alunos, sendo 5 de cada série, respondendo o que para eles seria leitura literária. O que nos chama bastante atenção nos resultados é o fato de que do universo destes participantes, 29 alunos (representando 72,5% do universo de 40 alunos), não definiram o que para eles seria leitura literária; os demais alunos (representando 27,5%); apesar de escreverem expressões do tipo “ler, aprender, imaginar, um pensamento, legal,” não conseguiram evidenciar o conceito de leitura de literatura. Isso demonstra a dificuldade de os participantes da pesquisa conceituarem-na, podendo ser explicado pelo fato de não ser uma definição simples, requerendo posicionamento dos alunos, e certo conhecimento teórico. Explica-se, dessa maneira, o porquê de os alunos do 6º ano terem sido unânimes em não saber definir o conceito de leitura literária. E ao compararmos, verificamos que os mesmos alunos, conforme os resultados do Quadro anterior fizeram definição do que era para eles leitura.

Quadro 15 - Pergunta e respostas do questionário aplicado aos alunos nas cinco Escolas Públicas da Rede Estadual de Ensino, Santarém-PA

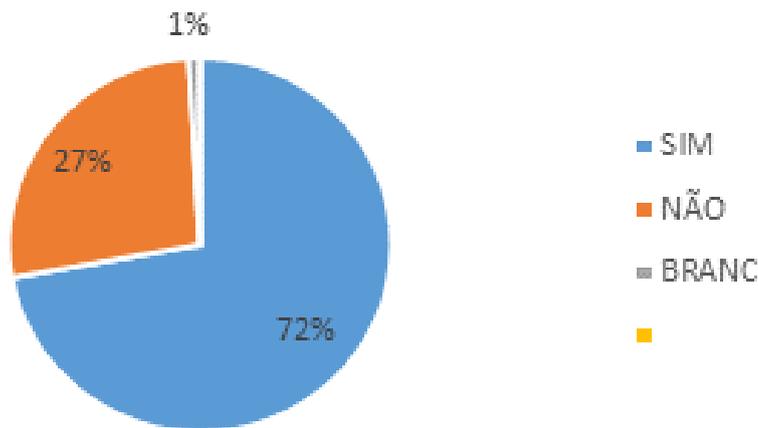
Pergunta do questionário	Respostas dos alunos
<p>3. Você pode citar alguma leitura literária que tenha marcado sua vida?</p>	<p>6º ano “Não sei”. “A culpa é das estrelas”. “Chapeuzinho Vermelho, Três porquinhos etc”. “Não sei (<i>sic</i>)”. “Não sei”. “Não sei”. “Não sei”. “Não sei”. “Não tenho”. “Fábula de Esopo Camundongo e leão”.</p> <p>7º ano “Romance”. “O salmo 23 que fala o Senhor é meu Pastor e nada me faltará”. “Romances, coisas que eu li na vida”. “O rei baladas do rei das sereias”. “O livro a culpa é das estrelas”. “Meus oito anos”. “Não sei”. “Não sei”. “Não”. “Sim, a cabana e o livro você é insubstituível”,</p> <p>8º ano “Não respondeu”. “Não respondeu”. “Não sei”. “Eu não sei”. “A pequena sereia”. “Sim muitos poemas e livros”. “Não sei”. “Não sei”.</p>

	<p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Não sei pode ser mangá”.</p> <p>“Não respondeu”.</p> <p>“O livro: a culpa é das estrelas”.</p> <p>“Não sei o que é leitura literária, mas leio bastante a Bíblia”.</p> <p>“Não sei o que é leitura literária”.</p> <p>9º ano</p> <p>“Não sei”.</p> <p>“Querido John, A última música, Morro dos ventos uivantes”.</p> <p>“Livros infantis como Papa figo, turma da Mônica”.</p> <p>“Acho que nenhum até agora”.</p> <p>“A Bíblia Sagrada, poemas e outros”.</p>
--	---

Fonte: Extraído do questionário (2019)

O Quadro 15 informa os dados retirados do questionário a respeito de qual leitura literária teria marcado a vida dos alunos. Observamos que há um número expressivo de alunos que não indicaram (representando 52,5% do universo pesquisado) nenhuma leitura, outros citaram clássicos da literatura universal como “Patinho feio, Os três porquinhos. Houve alunos que citaram gêneros literários como poema, romance e fábula, além dos que fizeram referência a obras que não constam no cânone literário, como “A culpa é das estrelas, Querido John, A cabana”, mas que fazem parte da literatura, denominada de literatura de massa, em alguns aspectos rejeitada no meio acadêmico, mas com grande aceitação entre o público adolescente. Há alunos que citaram a Bíblia Sagrada como a obra que marcou sua vida. Chamamos atenção ao fato de que em todas as séries os dados mostram que há alunos que não têm referência de obra que tenha lhe marcado.

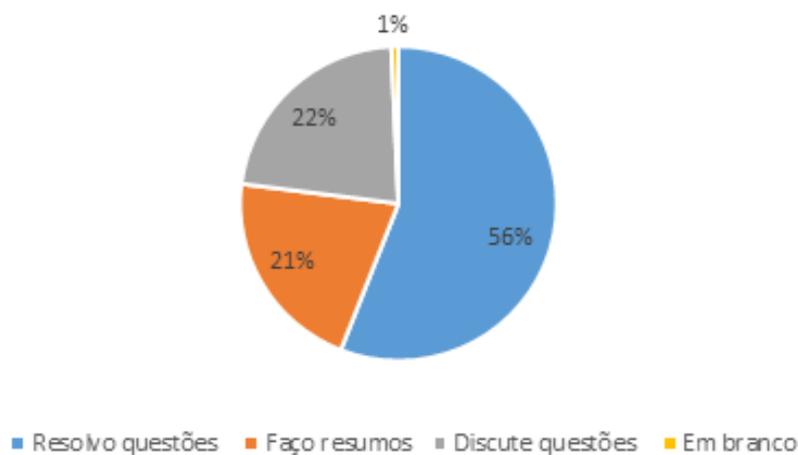
Os dados oferecem elementos importantes que queremos destacar. Um deles é a necessidade de o aluno construir, através das leituras que realiza, um repertório de leitura para que possa construir, inclusive mentalmente, seu referencial de leitura. Outro elemento, não menos importante, é o fato de alunos estarem chegando ao final do 9º ano e não citarem nenhuma obra que tenham lido.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O Gráfico 1 apresenta os dados sobre o que responderam os alunos ao serem indagados se liam regularmente, 72% dos alunos responderam que sim, enquanto 27% responderam que não leem com regularidade, apenas 1% não respondeu. Os dados revelam, portanto, que a leitura está presente na vida dos alunos, embora não se possa afirmar qual seja o tipo de leitura, infere-se, através dos dados, ser a leitura uma atividade rotineira, revelando, desse modo, informações bastante consistentes sobre leitura e alunos.

Gráfico 2- Após a leitura do texto literário



Fonte: Elaborado pela autora, 2019

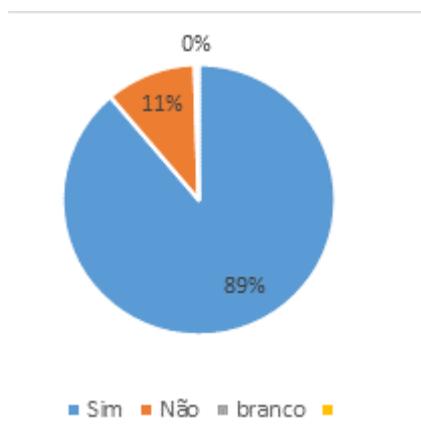
Quando perguntados sobre o que fazem após a leitura de textos literários, (representando o total de 205 alunos) 1% dos alunos não respondeu, 21% afirmou fazer resumos, 22% afirmou discutir sobre o texto literário e 56% afirmou resolver questões sobre o texto. Infere-se, pois, que a leitura do texto literário, realizada pelos alunos na escola, tem sido o pretexto para o ensino-aprendizagem de outras questões. Desse modo, o Gráfico 2 expõe práticas escolares recorrentes, abafando tanto as vozes que emanam do texto literário quanto

as vozes do próprio professor e do aluno, substituindo-as por resumos, resolução de questões. Entretanto, não se pode ignorar que o fato de o aluno ter o contato com textos literários no Ensino Fundamental, é o início do caminho a ser percorrido para a educação literária na escola. Constatado, com os dados apresentados que devemos proporcionar ao aluno a aprendizagem da leitura de literatura. A respeito dessa aprendizagem, Cosson (2011, p. 29) argumenta que

aprendemos a ler literatura do mesmo modo como aprendemos tudo o mais, isto é, ninguém nasce sabendo ler literatura. Esse aprendizado pode ser bem ou mal sucedido, dependendo da maneira como foi efetivado, mas não deixará de ter consequências para a formação do leitor. Nesse sentido quem passou pela escola preenchendo fichas de leitura meramente classificatórias terá grande dificuldade de apreciar a beleza de uma obra literária mais complexa.

De fato, o argumento do autor traz a reflexão da necessidade de ensinar o aluno a ler a literatura, pela razão de que é um aprendizado; nesse aspecto, quando as atividades que envolvem o texto literário são as do tipo resolver questões, fazer resumos, trazem consequências negativas para a formação do leitor literário. Logo, o desafio consiste na efetivação desse processo: aprender a ler a literatura para ensinar a ler. Garantimos ser o caminho para a apreciação, deleite, fruição da obra literária.

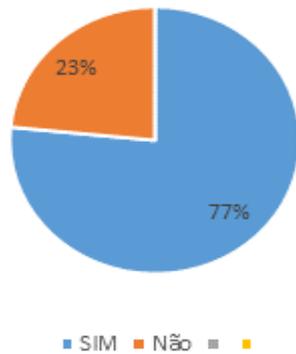
Gráfico 3 - Você lê em outros ambientes além da escola?



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

No Gráfico 3, ao responderem sobre a prática da leitura em outros ambientes, 11% dos alunos declararam que leem apenas na escola e 89% dos alunos afirmaram que leem em outros ambientes que não seja escolar. Diante desta constatação, é possível inferir que ler apenas no ambiente escolar é uma prática que não encontra tanta expressividade, embora não seja possível definir quais seriam esses ambientes, é possível definir o importante papel de mediação de leitura a ser promovido pela escola, porque, para alguns alunos, é o lugar único para tal prática.

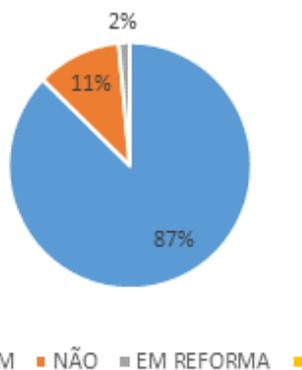
Gráfico 4 – Sua escola possui projetos de incentivo à leitura?



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

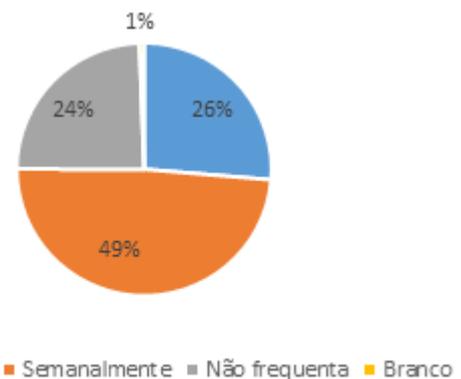
No Gráfico 4, ao responderem a pergunta sua escola possui projetos de incentivo à leitura 23% dos alunos responderam de maneira negativa, e 77% de maneira afirmativa acerca da existência de projetos de incentivo à leitura. Esses dados revelam a importância de ações como saraus, rodas de leituras, hora da poesia para a promoção da leitura no ambiente escolar. Incentivar a leitura sinaliza positivamente tanto ao professor quanto ao aluno e, conseqüentemente, à escola.

Gráfico 5 – Sua escola possui biblioteca escolar/ sala de leitura em funcionamento?



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Gráfico 6 - Com qual frequência você visita o espaço?



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

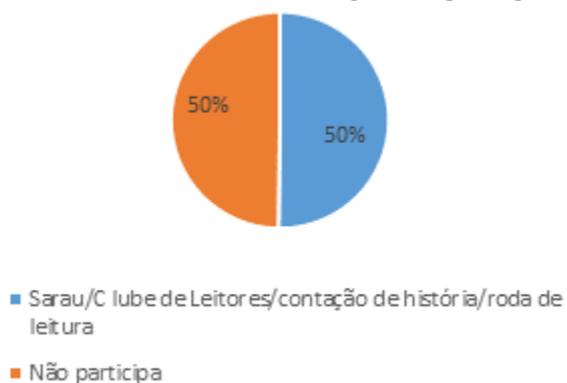
O resultado do Gráfico 5, apresenta o que os alunos responderam ao serem indagados se a escola possui Biblioteca escolar/sala de leitura, nesse caso, 2% dos alunos afirmaram que o espaço está em reforma, isto aponta para o fato de o espaço existir na escola, embora não esteja sendo utilizado, 87% dos alunos afirmaram que o espaço exista, e 11% que

o espaço não existe. É expressivo o número de escolas com o referido espaço, sendo nele o lugar apropriado para o desenvolvimento de práticas leitoras.

Quando tal ambiente existe, alunos e professores podem ter acesso a obras, explorando o acervo, além de desfrutarem momentos de fruição e de entretenimento. Ademais, a existência da Biblioteca em uma escola contribui para integração do ensino em uma escola, para tanto é bom que exista neste espaço um profissional dinâmico, capaz de promover a interação entre professores e alunos, entre as obras e seus leitores. Este deve ser um espaço que deve colaborar com as ações da escola. Convém observar que, embora as escolas possuam biblioteca, esse espaço não é usado adequadamente pelos alunos e pelos professores. Daí que alguns alunos nem saibam que existe.

Quanto ao Gráfico 6, ao responderem com qual frequência os alunos visitam o espaço, 1% dos alunos deixou em branco, 24% dos alunos disseram visitar semanalmente, 26% afirmaram não visitar o espaço, e 49% deles disseram que frequentam diariamente.

Gráfico 7 - Atividades de leitura de que você participa em sua escola

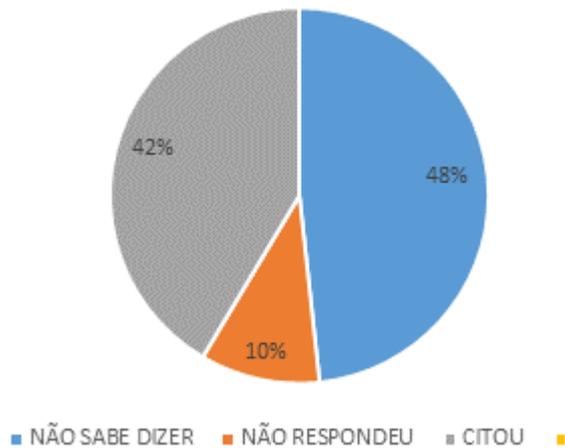


Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Conforme Gráfico 7, ao serem indagados sobre a participação em atividades de leitura na escola, 50% dos alunos dizem que não participam, e 50% dizem que participam de atividades como saraus, clube de leitores, contação de histórias, roda de leitura. Essas atividades, geralmente, são programadas pelo professor, mas é importante que sejam programadas com os alunos, para que haja maior envolvimento. O número de alunos que não participa de quaisquer atividades promotoras de leitura no ambiente escolar é bastante significativo, correspondendo cerca de 103 alunos. Diante dos resultados, entendemos que são necessárias ações que deem aos alunos a oportunidade de estarem inseridos nestas atividades, por isso é importante a mediação do professor de Língua Portuguesa. Conforme dissemos, essas atividades podem ser programadas com os alunos, e não organizadas para eles, porque,

quando são planejadas pelos docentes e os alunos são meros expectadores, os resultados podem não ser positivos.

Gráfico 8 – Leitura literária que marcou sua vida

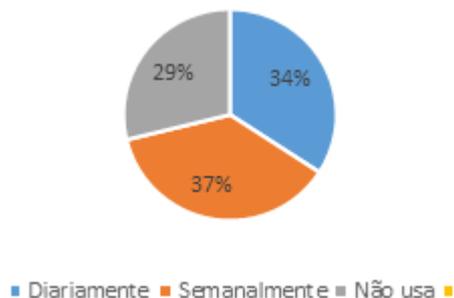


Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

No Gráfico 8, quando indagados sobre a Leitura literária que marcou sua vida, apenas 10% dos alunos responderam, 42% soube dizer, mas 48% não souberam dizer. Os dados revelam que os alunos que não conseguem citar leituras marcantes em sua vida corresponde a um número bastante elevado, totalizando 58%. Desse modo, é muito viável fazer anotações sobre leituras, além de dar sempre as impressões pessoais sobre o que se lê, essa prática poderá ser muito útil para alunos que ainda não têm o hábito de pensar acerca do que leem.

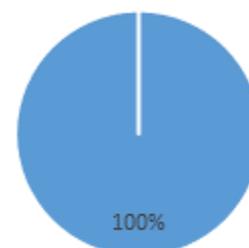
4.3 Resultado e avaliação dos livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados pelos professores e pelos alunos

Gráfico 9 - O uso do LD por alunos



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Gráfico 10 - O uso do LD por professores



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Os Gráficos 9 e 10 revelam que, dentre os professores e os alunos entrevistados, os docentes foram unânimes em responder que usam o LD; dentre os alunos (29%) cerca de 58,

afirmam não usarem o LD. Então, se não usam o livro didático, infere-se que os mesmos não têm acesso aos textos literários inseridos nestas referidas obras. Os dados apontam que 71% usam diariamente e/ou semanalmente, o que corresponde a 147 alunos, sendo, então, um número expressivo

Quero, a partir dos dados dos Gráficos 9 e 10, fazer alguns apontamentos, a respeito do uso do livro didático de Língua Portuguesa tanto pelo professor quanto pelos alunos. nas escolas. Primeiramente, atendo-me ao fato de que não é possível desconsiderar a importância que possui uma obra didática na sala de aula, porque para a maioria dos professores, é quase impossível deixar de lado o uso do livro didático dada as condições de trabalho da maioria dos professores com excessiva carga horária, os quais não possuem condições de preparar o próprio material. Ademais, o fato de uma obra ser válida pelo período de três anos faz com que o professor reflita acerca de como a obra aborda questões como leitura, e leitura de literatura, de modo que o docente possa traçar sua metodologia de ensino, significando, então, que, ao adotar um manual de ensino, não deve o professor ficar unicamente preso aos textos da referida obra, ao invés disso analisá-la para ver se a formação do leitor não seja apenas um objetivo, seja também um desafio aos professores e aos alunos que fazem uso dos manuais didáticos de ensino.

Um dos objetivos desta pesquisa foi verificar no livro didático se os textos literários promoviam a educação literária ou não. Em busca de alcançar tal objetivo, selecionamos um texto literário de cada obra, sendo, portanto, 4 textos escolhidos, e, a partir de então, comparar aos dados apresentados, conforme veremos adiante.

Figura 2- Texto da coleção Projeto 6º ano. Teláris: português Ensino Fundamental

Criando poemas

Você já ouviu e leu muitos poemas. Também já “esquentou” a imaginação. Então, agora, tente fazer como os poetas: escreva um texto em versos sobre um assunto de sua preferência. Para se inspirar, releia, se quiser, os poemas reproduzidos neste capítulo e leia o painel de poemas a seguir.

Dois e dois: quatro

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena
como é azul o oceano
e a lagoa serena

Como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

— Sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.

(Ferreira Gullar. *Os melhores poemas de Ferreira Gullar*. São Paulo: Global, 2004. p. 83.)

Sensações

Quando ouço os meus discos,
ganho asas, voo longe,
vôo longe, muito longe.

Sinto o som de minhas asas
em surdina/
E meus sentidos se aguçam tanto
que o mundo vive inteiro em mim.
Sinto perfumes de múltiplas
e invisíveis flores.

Na boca sinto o mel
e o gosto das valsas e sonhos.
Vou me deslocando fácil e leve,
até tocar as nuvens
e apanhar pedaços coloridos/
do arco-íris.

Quando ouço os meus discos,
multiplico-me, purifico-me,
sou tudo, sou mais eu.

(Elias José. *Cantiga de adolescer*. 7. ed. São Paulo: Atual, 1992. p. 49.)

A Figura 2 foi transcrita do livro Projeto Teláris: português Ensino Fundamental 6º ano; conforme observamos, há, na pág. 83, dois poemas, “Dois e dois: quatro”, do escritor Ferreira Gullar, e “Sensações”, do autor Elias José. Neste caso, a proposta de atividade a ser realizada está encaminhada antes da leitura do poema, na parte superior da página, quando o autor convoca o aluno a ler o painel de poema para ter inspiração para com ela escrever poema.

Procuramos, em relação à questão exposta, investigar como os autores dos livros didáticos propõem o ensino de literatura, após ser realizada a leitura de poemas. Se demonstram o interesse pela formação da sensibilidade poética do leitor, neste caso, especificamente, trata-se de um leitor em formação, uma vez que a obra é destinada a alunos que cursam o 6º ano. Atestamos, pela nossa própria vivência e experiência docente, que para um aluno realizar a atividade que o autor lhe propõe, requer que aquele (o aluno) possua certa autonomia para a produção do gênero poema. Ao iniciar a interlocução com o leitor do poema, o autor afirma “você já leu e ouviu poemas,” “também já esquentou a imaginação”, daí inferimos que a intenção pedagógica se volta para o exercício da escrita, impedindo que a experiência de leitura literária atinja seus fins, principalmente estéticos, afastando-se, com isso, da função fruitiva do texto literário.

Figura 3– Texto do livro didático do 7º ano da coleção Português Linguagens

Leia o poema a seguir, de Reynaldo Damazio, e responda às questões de 4 a 6.

Minha rua

A rua é pequena,
meio torta,
o carro passa rápido,
as casas ficam quietas,
janelas nem piscam.

Ninguém joga bola na rua,
nem pula corda, esconde-esconde,
bicicleta, nem pensar.

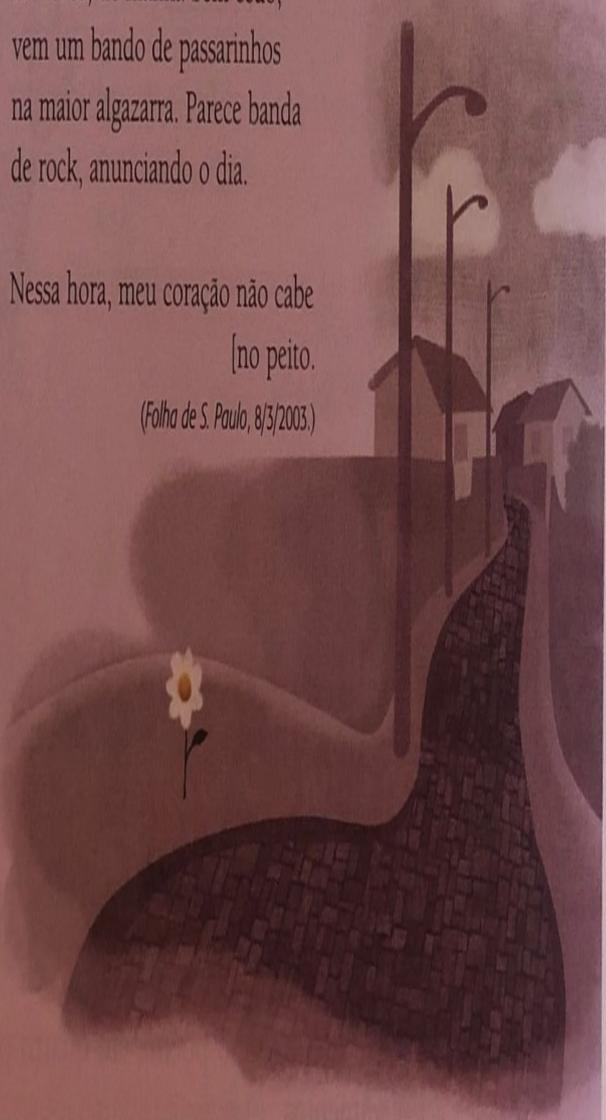
Outro dia nasceu uma flor na calçada,
fiquei olhando até enjoar.
Depois a flor secou, esqueci.

Se o robô atravessasse a rua,
quem notaria? E, se a princesa
cantasse na esquina, quem ouviria?
Se o ET fizesse xixi no poste?

Às vezes, de manhã bem cedo,
vem um bando de passarinhos
na maior algazarra. Parece banda
de rock, anunciando o dia.

Nessa hora, meu coração não cabe
[no peito.
(Folha de S. Paulo, 8/3/2003.)

Roberto Weingand



83

Fonte: Extraído do livro didático CEREJA, W., COCHAR, T. **Português: linguagens 7º ano.** São Paulo: Saraiva, p. 83, 2015.

Figura 4– Atividade do livro didático do 7º ano da coleção Português Linguagens

4. Identifique o sujeito e o predicado destas orações do poema:

a) A rua é pequena, meio torta sujeito: a rua; predicado: é pequena, meio torta

b) Ninguém joga bola na rua sujeito: ninguém; predicado: joga bola na rua

c) Às vezes, de manhã bem cedo, vem um bando de passarinhos na maior algazarra. sujeito: um bando de passarinhos; predicado: às vezes, de manhã bem cedo, vem na maior algazarra

d) Nessa hora, meu coração não cabe no peito. sujeito: meu coração; predicado: nessa hora, não cabe no peito

e) Outro dia nasceu uma flor na calçada sujeito: uma flor; predicado: outro dia nasceu na calçada

5. Apesar de ter movimento de carros, o que o poeta lamenta que não exista em sua rua?
Movimento de pessoas, brincadeiras de crianças.

6. E a rua em que você mora, como ela é? Resposta pessoal.

O sujeito e o predicado NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia este poema:

O pássaro e a pedra

O pássaro pousou na pedra uma vez
Fria
Intacta
Voou...

O pássaro pousou na pedra outra vez
Morna
Pegou sol
Voou...

O pássaro pousou na pedra outra vez
Pegou sol
Comeu semente
Voou...

O pássaro pousou na pedra outra uma vez
Pegou sol
Comeu semente
Silenciou a saudade
E cantou para a pedra dormir.

(Ana Paula David dos Santos. *Concurso nacional de poesias 94*.
Rio de Janeiro: Nacional Associação Cultural e Social. p. 13.)



1. O poema retrata um acontecimento que se repete quatro vezes.

a) Qual é esse acontecimento? O pássaro pousa na pedra.

b) Numere os versos e divida o poema em quatro partes, cada uma delas correspondente a um desses acontecimentos. 1ª parte: versos de 1 a 4; 2ª parte: versos de 5 a 8; 3ª parte: versos de 9 a 12; 4ª parte: versos de 13 a 17

84

Fonte: Extraída do livro didático CEREJA, W., COCHAR, T. **Português: linguagens 7º ano**. São Paulo: Saraiva, p. 84, 2015.

As Figuras 3 e 4 foram extraídas da obra didática *Português: linguagens*, do 7º ano, páginas 83 e 84. Na página 83, há o poema “Minha rua” de Reynaldo Damázio, e na página

seguinte os autores do manual de ensino propõem a seguinte atividade numerada de 4 a 6, conforme descrição a seguir:

- 4) Identifique o sujeito e o predicado destas orações do poema;
- 5) O que o poeta lamenta que não existia em sua rua?
- 6) E a rua onde você mora, como ela é?

E na sequência da mesma página há o poema “O pássaro e a pedra”, da autora Ana Paula David dos Santos e após o poema os autores do livro didático propõem como atividade 1 e 2:

- 1) Qual o acontecimento que se repete no poema?
- 2) Numere os versos e divida o poema em 4 partes, cada uma correspondente a um desses acontecimentos.

Os poemas, conforme observamos, são trabalhados como pretexto para o trabalho de tópicos específicos. Sendo que o primeiro enfoque, (questões 4, 5, e 6) é a análise gramatical. Desse modo, cada verso se transforma em matéria para ensinar gramática, identificar o sujeito; as demais questões são atividades de compreensão do texto e de descrição sobre a rua onde o leitor do poema (o aluno) mora.

Atividades que usam o texto literário apenas como pretexto para o ensino de gramática caminham na contramão do caráter formador e transformador inerente à literatura e, a respeito desta nociva prática, Martins (2006, p. 91) destaca que

não cabe mais privilegiando uma escolarização inadequada da literatura, encarando-se o texto literário como simples pretexto para questões de análise gramatical. Nesse sentido, há uma necessidade evidente de reavaliação das metodologias direcionadas ao ensino de literatura.

De fato, o que ocorre é exatamente o privilégio dado às questões de gramática normativa e o ensino de literatura sendo desprivilegiado nas aulas de Língua Portuguesa, e a leitura de literatura para a formação e para a transformação não chega nem a causar reflexão. A leitura dos poemas deveria conduzir o aluno à reflexão sobre suas ideias, além de sua perspectiva sobre o mundo, sobre a construção de sentidos e também sobre a linguagem.

Figura 5- Texto da coleção Projeto 8º ano. Teláris: português Ensino Fundamental

Leitura

Emergência

Luis Fernando Verissimo



É fácil identificar o passageiro de primeira viagem. É o que já entra no avião desconfiado. O cumprimento da **aeromoça**, na porta do avião, já é um desafio para a sua compreensão.

– Bom dia...

– Como assim?

Ele faz questão de sentar num banco de corredor, perto da porta. Para ser o primeiro a sair no caso de alguma coisa dar errado. Tem dificuldade com o cinto de segurança. Não consegue atá-lo. Confidencia para o passageiro ao seu lado:

– Não encontro o buraquinho. Não tem buraquinho? Acaba esquecendo a fivela e dando um nó no cinto.

Comenta, com um falso riso descontraído: "Até aqui, tudo bem". O passageiro ao lado explica que o avião ainda está parado, mas ele não ouve. A aeromoça vem lhe oferecer um jornal, mas ele recusa.

– Obrigado. Não bebo.

Quando o avião começa a correr pela pista antes de levantar voo, ele é aquele com os olhos arregalados e a expressão de Santa Mãe do Céu! no rosto. Com o avião no ar, dá uma espiada pela janela e se arrepende. É a última espiada que dará pela janela.

Mas o pior está por vir. De repente, ele ouve uma misteriosa voz **descarnada**. Olha para todos os lados para descobrir de onde sai a voz.

"Senhores passageiros, sua atenção, por favor. A seguir, nosso pessoal **de bordo** fará uma demonstração de rotina do sistema de segurança deste aparelho. Há saídas de emergência na frente, nos dois lados e atrás."

– Emergência? Que emergência? Quando eu comprei a passagem ninguém falou nada em emergência. Olha, o meu é sem emergência.

Uma das aeromoças, de pé ao seu lado, tenta acalmá-lo.

– Isto é apenas rotina, cavalheiro.

– Odeio a rotina. Aposto que você diz isso para todos. Ai, meu santo.

"No caso de **despressurização** da **cabina**, máscaras de oxigênio cairão automaticamente de seus **compartimentos**."

– Que história é essa? Que despressurização? Que cabina?

"Puxe a máscara em sua direção. Isto **acionará** o **suprimento** de oxigênio. Coloque a máscara sobre o rosto e respire normalmente."

– Respirar normalmente? A cabina de pressurizada, máscaras de oxigênio caindo sobre nossas cabeças – e ele quer que a gente respire normalmente?

A Z

aeromoça: tripulante que cuida do bem-estar e da segurança dos passageiros de uma aeronave. Hoje em dia, homens e mulheres exercem a profissão. A denominação do profissional é "comissário de bordo".

descarnado: desprovido de algo essencial.

de bordo: que fica no interior da aeronave.

despressurização: ato de interromper a pressurização, ou seja, a pressão regular mantida artificialmente em espaço fechado que funciona em grandes altitudes (por exemplo, a cabine de uma aeronave).

cabina (ou cabine): compartimento fechado dos aviões onde viajam os pilotos e copilotos e no qual se localizam os instrumentos de controle e de navegação aérea.

compartimento: cada divisão de um móvel, de um imóvel, etc.

acionar: fazer funcionar, pôr em movimento.

suprimento: reserva necessária.

CS Scanned with CamScanner

Unidade 1 • Narrativas em foco: do mito à crônica 53

Fonte: atividade extraída do livro didático BORGATTO, A.M.T., BERTIN, T.C.H., MARCHEZI, V.L.de C. Projeto Teláris: português Ensino Fundamental 8º ano. São Paulo: Ática, p. 53, 2015

Figura 6- Atividade da coleção Projeto Teláris: português Ensino Fundamental 8º ano.

●● Interpretação do texto 

Compreensão

1. A crônica lida apresenta fatos ocorridos em diferentes momentos de uma viagem de avião. Responda no caderno: quais são as reações do passageiro em destaque quando o avião:
 - a) Está parado?
 - b) Ganha velocidade para levantar voo?
 - c) Está no ar?
2. Por que o narrador afirma: "É a última espiada que dará pela janela"?
3. Que situação desencadeia o maior descontrole do passageiro? Por quê?
4. Quem narra os fatos da crônica?

a) O passageiro do lado.	c) O narrador-personagem (1ª pessoa).
b) A aeromoça.	d) Um narrador observador (3ª pessoa).
5. Releia e explique a resposta do passageiro.

[...] A aeromoça vem lhe oferecer um jornal, mas ele recusa.
– Obrigado. Não bebo.
6. A personagem da crônica é um passageiro que viaja pela primeira vez de avião.
 - a) O texto é construído de modo a dar ideia de que ele não está acostumado a esse tipo de transporte. Copie no caderno as falas do passageiro que mostram isso.

• "Odeio a rotina."	• "Olha para a frente, Araújo!"
• "Parem este troço, que eu vou descer."	• "Onde é a cordinha?"
• "Vocês estão me escondendo alguma coisa."	
 - b) Por essas falas podemos deduzir que o passageiro está acostumado a outro tipo de transporte. Qual? Justifique.
7. A exposição das instruções de segurança desencadeia reações desesperadas no passageiro. Uma delas refere-se a um equipamento que flutua se preciso. Releia:

Em caso de pouso forçado na água os assentos de suas cadeiras são flutuantes...

 Observe a imagem que ilustra o uso desse equipamento.

Fonte: atividade extraída do livro didático BORGATTO, A.M.T., BERTIN, T.C.H., MARCHEZI, V.L.de C. **Projeto Teláris: português Ensino Fundamental 8º ano.** São Paulo: Ática, p. 55, 2015

Nas Figuras 5 e 6, da coleção Projeto 8º ano. Teláris: português Ensino Fundamental, há uma crônica do Luís Fernando Veríssimo, cuja continuação se dá na página 54. No entanto, selecionamos apenas a primeira parte (p. 53) e o exercício (p. 55) que os autores propuseram após a leitura deste gênero literário. Na página onde se encontra o texto, os autores colocam ao lado do texto o vocabulário para facilitar a leitura, caso o leitor não saiba o significado da palavra. Na página 56, há uma atividade de interpretação de textos, em seguida a compreensão de textos, que incluem perguntas como:

- 1) escrever sobre as reações do passageiro em diversos momentos;
- 2) escrever quem narra os fatos da crônica;
- 3) copiar falas de personagens;
- 4) que confusão o passageiro provocou

A abordagem feita pelas autoras à crônica volta-se à compreensão e à interpretação, com certos questionamentos que sugerem respostas pessoais, contudo, nada voltado à leitura deleite, à fruição, à reflexão, ao encontro do leitor com o texto. Por isso o aluno, ao ser indagado no questionário a respeito do que fazia após a leitura do texto literário, foi assertivo ao dizer que resolvia questões sobre o texto. Logo, percebemos que os resultados ao serem comparados, de fato, revelam ser esta a perspectiva dos manuais de ensino, quando a questão é literatura e ensino.

Adiante a figura 7 apresenta o texto literário extraído da última série do Ensino Fundamental, o 9º ano.

Figura 7– Atividade do livro didático do 9º ano da coleção Português Linguagens

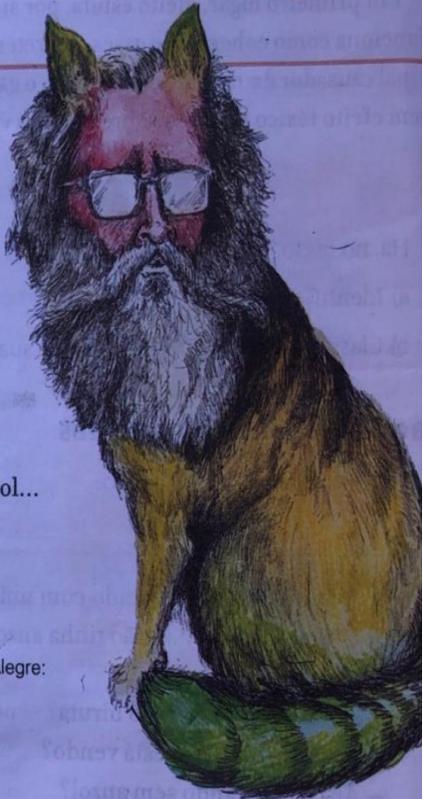
EXERCÍCIOS

1. Leia este poema, de Mário Quintana:

Se o poeta falar num gato

Se o poeta falar num gato, numa flor,
 Num vento que anda por descampados e desvios
 E nunca chegou à cidade...
 Se falar numa esquina mal e mal iluminada...
 Numa antiga sacada... num jogo de dominó...
 Se falar naqueles obedientes soldadinhos de chumbo
 [que morriam de verdade...
 Se falar na mão decepada no meio de uma escada de caracol...
 Se não falar em nada
 E disser simplesmente tralalá... Que importa?
 Todos os poemas são de amor!

(Antologia poética. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 105.)



2. Transforme as orações adjetivas desenvolvidas em reduzidas.

a) Se eu fechar os olhos tu estarás presente; se eu adormecer; serás o meu sonho; e serás, ao despertar, o sol que desponta.	b) Amar os outros é a única salvação que conheço ; ninguém estará perdido se der amor e, às vezes, receber amor em troca.
--	--

(Clarice Lispector)

CS Scanned with CamScanner

Fonte: atividade extraída do livro didático CEREJA, W., COCHAR, T. **Português: linguagens 9º ano.** São Paulo: Saraiva, p. 58, 2015.

Na figura 7, há o poema de Mário Quintana intitulado “Se o poeta falar num gato”, que consta no livro didático Português: linguagens 9º ano, cujas atividades propostas pelos autores são as seguintes:

- a) identificar orações adjetivas no poema;
- b) classificar as orações adjetivas
- c) explicar o sentido do verso “Todos os poemas são de amor!”, segundo a concepção do eu lírico;
- d) transformar as orações adjetivas desenvolvidas em reduzidas.

Fica parecendo lugar comum, no entanto, mais uma confirmação de que o texto literário, após ser lido, constitui-se como ferramenta para o ensino de gramática normativa, conforme atestamos na figura 7, o assunto está relacionado ao ensino de orações subordinadas adjetivas, imperando, pelo que atestamos, o ensino de gramática a partir dos textos literários, e ficando a leitura de literatura distante, enfadonha e, portanto, cada vez menos necessária na escola e para o aluno, e por que não dizer, também para o professor, cujo dever segundo Cosson (2011, p. 29) deveria ser o de

explorar ao máximo, com seus alunos, a potencialidade desse tipo de texto. Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em todos os níveis inseridos.

Diante desse argumento, enfatizamos que não são os exercícios de compreensão e interpretação textual, tampouco os que se baseiam no ensino de gramática que poderão explorar as potencialidades do texto literário. É válido observar que há a responsabilidade do professor, nesse sentido, ao qual cabe a responsabilidade de criar as condições para que aconteça o encontro do aluno com a literatura, caso contrário, a leitura de literatura terá cada vez menos espaço na sala de aula.

A fim de analisar como o livro didático pode ser um instrumento pedagógico para a educação literária, que se constitui como um dos objetivos desta pesquisa, além de verificar a maneira como os livros didáticos propõem o ensino de literatura por meio dos textos literários selecionados, procurei quantificá-los. Após serem encontrados nos livros didáticos, utilizados pelos professores e pelos alunos nas escolas públicas de Santarém (PA), entre os anos de 2017 a 2019, conferi, em todas as páginas das obras didáticas, o gênero literário, o título do texto, o autor e a página onde se encontrava o referido texto. Assim, todos os textos literários foram enumerados e organizados em forma de quadros, sendo o Quadro 16 correspondente ao 6º ano, o Quadro 17 correspondente ao 7º ano, o Quadro 18 correspondente ao 8º ano, e o Quadro 19 correspondente ao 9º ano, conforme organizados a seguir:

Quadro 16 – Textos literários do livro do 6º ano

Gênero literário	Título	Autor	Pág.
Conto (trecho)	O bisavô e a dentadura	Sylvia Orthof	20 a 22
Conto (poema)	A panela	Pedro Bandeira	49 a 50
Cordel	*sem nome	*sem nome	55
Cordel	Zé Matraca, o valentão de Palmares	João José da Silva	57
Trecho extraído de livro de Literatura infantil	Por que morcego só voa de noite	Rogério Andrade Barbosa	56-57
Poema	Um sapo dentro de um saco	Marcos Mairton da Silva	72-73
Conto	O sabiá e a girafa	Leo Cunha	85-86
Poema	A todos igualmente	Marina Colassanti	94
Extraído de livro de literatura infanto-juvenil	Fiapo de trapo	Ana Maria Machado	107-108
Conto	A menina e as balas	Georgina Martins	111 a 113
Extraído de livro de literatura infanto-juvenil	As luas de Luísa	Diléia Frate	127
Crônica	Homem olhando mar	Fernando Sabino	141
Diário (trecho)	Diário de uma viagem à Índia	Daniela Chindler	177-178
Poema	Infância	Carlos Drummond de Andrade	194
Poema	Eu, etiqueta	Carlos Drummond de Andrade	247
Poema	Inutilidades	José Paulo Paes	289

BORGATTO, A.M.T., BERTIN, T.C.H., MARCHEZI, V.L.de C. Projeto Teláris: português Ensino Fundamental 6º ano. São Paulo: Ática, 2015.

O Quadro 16 apresenta a descrição dos textos literários inseridos no volume do 6º ano, totalizando 16 textos. Conforme os dados, o gênero literário que mais aparece nesta série é o poema, seguido do gênero conto. Algo interessante é observarmos que a obra traz autores do cânone nacional, como Drummond, e autores que não são conhecidos, tornando a obra diversificada quanto a autores. Cosson (2011, p. 34) argumenta que

aceitar a existência do cânone como herança cultural que precisa ser trabalhada não implica prender-se ao passado em uma atitude sacralizadora das obras literárias. Assim como a adoção de obras contemporâneas não pode levar à perda da historicidade da língua e da cultura.

Concordamos com o argumento do autor, no sentido de que a literatura deve ir além do conjunto de obras já reconhecidas, devendo, portanto, a escola levar ao aluno um acervo literário múltiplo e plural, por isso é importante que os autores dos livros didáticos trabalhem sob esta perspectiva, valorizar o cânone, e não esquecer das obras contemporâneas.

Outro ponto a ser abordado é que, dentre os textos, quatro não são apresentados na íntegra, apenas fragmentos, como o “O morcego que só voa de noite” e “As luas de Luísa”, então, inferimos que o fato de uma obra ser transcrita apenas em parte no livro didático pode ser o ponto de partida para o professor ter a oportunidade de apresentá-la integralmente ao aluno, por isso argumentamos que o docente precisa construir seu repertório de leitura e de livros e levá-los ao aluno. Quando o livro didático traz textos literários em suas páginas, oportuniza tanto o professor quanto o aluno a terem contato com a literatura, de maneira constante, e, se isso acontece no 6º ano, por exemplo, e nas demais séries da Educação Básica, estaremos mais seguros quanto à formação do leitor literário. Há, ainda, que se destacar que o livro didático se constitui, em muitas realidades, como a única forma de o aluno ter acesso à arte literária, principalmente se na escola deste educando não houver Bibliotecas ou salas de leitura.

Quadro 17 – Textos literários do livro do 7º ano

Gênero literário	Título	Autor	Pág.
Poema	Canção de junto do berço	Mário Quintana	29
Poema	Herói ou heroína	Elias José	10
Conto mitológico	Asclépio	Heloísa Pietro	12 a 14
Conto mitológico	Heróis, deuses e monstros da mitologia grega.	Bernard Evslin	75 a 20
Poema	Sem saída	Ulisses Tavares	31

Poema	Biografia	Ulisses Tavares	35
Romance (trecho)	Era uma vez Dom Quixote	Miguel de Cervantes	41
Poema	Sem título	Paulo Leminsk	46
Poema	Menina, menina	Elias José	48
Poema	Lisboa: aventuras	José Paulo Paes	57
Poema	História de janela nº 2	Hein Manz	61
Romance (trecho)	Ali Babá e os 40 ladrões	Valdira Guilera	65
Conto mitológico(trecho)	As asas de Ícaro	A.S. Franchini	67
Poema	Viagem pela palavra	José Jorge Letria	72
Memória literária	Memória de um aprendiz de escritor	Moacyr Seliar	74-75
Poema	Canção do Exílio	José Paulo Paes	79
Poema	Transformação	Luis Otávio Oliani	79
Poema	Indagação	Gonçalves Dias	82
Poema	Dois e dois: quatro	Ferreira Gullar	83
Poema	Elias José	Ferreira Gullar	83
Poema	Identidade	Carlos Queiróz Telles	84
Poema	Mãe	Gilberto Mendonça Telles	84
Poema	Hortelã	Paulo Netho	91
Poema	Noite de São João	Roseana Murray	90
Poema	Trovão-coração	Maria Cândida Mendonça	93
Poema	Emergência	Mário Quintana	99
Poema	Maristela	Bartolomeu Campos de Queirós	99
Cordel	O barato da barata	Chico Salles	102
Cordel	Aprendendo a cordelisar	Chico Salles	103
Cordel	A seca do Ceará	Leandro Gomes de Barros	104

Fábula	O cão, o galo e a raposa	Esopo	108
Trecho de livro	O tigre na sombra	Lya Luft	121
Poema (trecho)	Meus oito anos	Casimiro de Abreu	124
Poema	Amigo	Alexandre O'Neill	125
Poema	Soneto desbundado	Ulisses Tavares	129
Poema	Tudo e eu	Carlos Rodrigues Brandão	136
Crônica	Bruxas não existem	Moacyr Scliar	138-139
Poema	Além da imaginação	Ulisses Tavares	143
Fábula	A toupeira	Esopo	150
Poema	Rosas	Lalau e Laurabeatriz	155
Memória literária	Cabeludinho	Manoel de Barros	157
Poema	Gangorra	Flora Figueredo	169
Poema	Trovas	Margarida Ottoni	170
Fábula	O pintor de fantasmas	Hans Feizi	184
Poema	Poema transitório	Mário Quintana	198
Romance (trecho)	Robinson Crusóe	Daniel Defôe	200-201
Poema	Robinson Crusóe	Afonso Arinos de Melo Franco	205
Poema	Autoapresentação	Elias José	212

Fonte: extraída do livro didático CEREJA, W., COCHAR, T. **Português: linguagens 7º ano.** São Paulo: Saraiva, 2015.

No Quadro 17, os dados mostram o número de textos literários no livro didático do 7º ano, totalizando 51, sendo que 32 textos são poemas, ou seja, 62% do total de textos literários da obra. Ao compararmos o Quadro 16 com o Quadro 17 percebemos que este apresenta mais que o triplo de textos literários que o livro didático do 6º ano apresenta. Percebemos que, embora o poema seja o gênero literário de maior predominância (67% dos textos literários) no

livro do 7º ano, não há variedade de outros gêneros literários, há apenas alguns contos, crônicas fábulas, cordel, memórias literárias e fragmentos de romances.

Ressaltamos que, neste volume, os textos literários que o compõem vão de autores dos clássicos universais, como Daniel Defóe, Júlio Verne, Miguel de Cervantes, aos autores da literatura contemporânea, como José Paulo Paes, Moacyr Scliar, Roseana Murray, além de outros autores. Destacamos, nesse sentido, que os textos literários, disponibilizados no livro didático, podem ser para alguns alunos o único instrumento para o acesso à leitura de literatura, e o contato dos alunos com tais textos pode favorecer à educação literária. Sobre isso Rojo (2006, p. 44) afirma que

tal como se apresenta hoje, ele tem sido o instrumento de letramento mais presente na escola brasileira, especialmente a partir da década de 1970. Atualmente, representa a principal se não a única, fonte de trabalho com o material impresso na sala de aula, ao menos na rede pública de ensino.

De fato, argumentamos, como a autora, a importância do livro didático porque ele favorece o letramento literário, além de ser material impresso do qual fazem uso os professores e os estudantes da escola pública brasileira.

Outro ponto que deve ser considerado é nos atentarmos para o fato de que, mesmo que o livro didático traga diversidade e razoável quantidade de textos literários para determinada série, no caso do quadro 17, não contemplará a diversidade do universo que é a literatura.

Quadro 18 - Textos literários do livro do 8º ano

Gênero literário	Título	Autor	Pág.
Poema	Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades	Luís de Camões	12
Narrativa Mítica	Perseu e Medusa	Thomas Bulfinch	23-24
Poema	Poeminha (bem) moderato	Millôr Fernandes	42
Miniconto	Bala perdida	Wilson Freire	45
Narrativa Mítica	Como as histórias vieram parar na Terra	Celso Cisto	49-50
Crônica	Emergência	Luís Fernando Veríssimo	53-54
Poema	Cidadezinha qualquer	Carlos Drummond de Andrade	62
Romance de aventura	Entre Feras	Flávia Lins e Silva	72
Crônica	Prova falsa	Stannislav Ponte Preta	87
Poema	Ao shopping center	José Paulo Paes	107
Poema	Ele é carioca	Telma Castro Andrade	146

Peça teatral	A família e a festa na roça	Martins Pena	233-234
Peça teatral	Auto da Compadecida	Ariano Suassuna	255-256
Poema	No meio do caminho	Carlos Drummond de Andrade	271
Poema	A vila	Marcus Accioly	275
Poema	Os poemas	Mário Quintana	289
Crônica	Diálogo difícil	Ivan Ângelo	293
Poema	O novo homem	Carlos Drummond	325

Fonte: extraída do livro didático BORGATTO, A.M.T., BERTIN, T.C.H., MARCHEZI, V.L. de C. Projeto Teláris: português Ensino Fundamental 8º ano. São Paulo: Ática, 2015.

Os resultados do Quadro 18 mostram os textos literários contidos no livro didático do 8º ano. Assim como nos quadros 16 e 17, o poema é o gênero literário que mais consta nesta obra. Observamos que os demais gêneros que aparecem listados no quadro são os pertencentes à ordem do narrar, como narrativas míticas, contos, minicontos, crônicas, peça teatral, fato que também observamos nos Quadros 16 e 17. Esta obra didática não apresenta, como nas demais, autores da literatura clássica, somente autores do cânone brasileiro e alguns autores da literatura contemporânea, como Drummond, Ariano Suassuna (fragmento de O auto da Compadecida), José Paulo Paes. Nos Quadros 16 e 17 não constava nenhum texto literário de literatura portuguesa, mas, nesta obra, conforme os dados do Quadro 18, observamos Camões, o que, a meu ver é, uma oportunidade para o professor apresentar aos alunos outras obras do autor português, bem como outros autores lusitanos.

Quadro 19 – Textos literários do livro do 9º ano

Gênero Literário	Título	Autor	Pág.
Poema	Dois e dois são quatro	Ferreira Gullar	21
Poema	Saudades	Elias José	22
Poema	Beija-flor	Roseana Murray	27
Poema	Natural retorno	Ulisses Tavares	37
Poema	Bem- querer querendo	Felipe Stucchi de Souza	43
Poema	Se o poeta falar num gato	Mário Quintana	58
Poema	Amor	Carlos Drummond de Andrade	68
Crônica	Felicidade Clandestina	Clarice Lispector	70
Poema	Fico cheio de tremeliques	Sérgio Capparelli	82
Poema	Ainda que mal	Carlos Drummond	87
Poema	Soneto da fidelidade	Vinicius de Moraes	92
Conto	Pausa	Moacyr Scliar	93-94

Poema	Uau	Ulisses Tavares	101
Crônica	A visita	Walcyr Carrasco	107-108
Conto	O homem que gritou em plena tarde	Ignácio Loyola Brandão	111-112
Poema	Soneto da fidelidade	Vinicius de Moraes	116
Poema	O mundo é grande	Carlos Drummond de Andrade	117
Poema	Ser jovem	Carlos Queiroz Telles	128
Conto	A crueldade dos jovens	Walcyr Carrasco	130-131
Crônica	Ser é tolerar a dor do saber-se	Artur da Távola	135-136
Poema	O amor é fogo	Luís de Camões	142
Poema	Fábula- o pássaro e a flor	Castro Alves	145
Poema	Anfiguri	Vinicius de Moraes	146
Poema	Sou metaléxico	José Paulo Paes	150
Poema	Receita de acordar palavras	Roseana Murray	167
Poema	Papo de índio	Chacal	170
Poema	Meditação Transcendental	Ulisses Tavares	202
Crônica	Mais louco é quem me diz...	Fernando Sabino	204-205
Crônica	Eu sei mais não devia	Marina Colassanti	208
Crônica	No trânsito, a ciranda das crianças	Ignácio de Loyola Brandão	244-245
Conto	Fantasmas, caveiras etc	Leo Cunha	255
Poema	Pronominais	Oswald de Andrade	260
Romance (trecho)	Menino pequeno	Rachel de Queiróz	261
Romance (trecho)	Sombras de reis barbudos	José J. Veiga	267

Fonte: extraída do livro didático CEREJA, W., COCHAR, T. **Português: linguagens 9º ano**. São Paulo: Saraiva, 2015.

Conforme os dados do Quadro 19, no livro do 9º ano, há 35 gêneros literários, sendo que 22 são poemas, isto é, cerca de 62% do total dos textos literários, cujos autores pertencem ao cânone literário nacional e autores de literatura contemporânea. Os demais gêneros literários são crônicas, romances, contos e fragmentos de romance.

Diante disso, consideramos que o livro didático pode ser um recurso didático, embora não seja o único, por isso defendemos que tanto o docente quanto o discente devem ir em busca de outras alternativas acerca de gêneros literários, de forma que seja ampliado seu repertório de textos literários, no ambiente escolar.

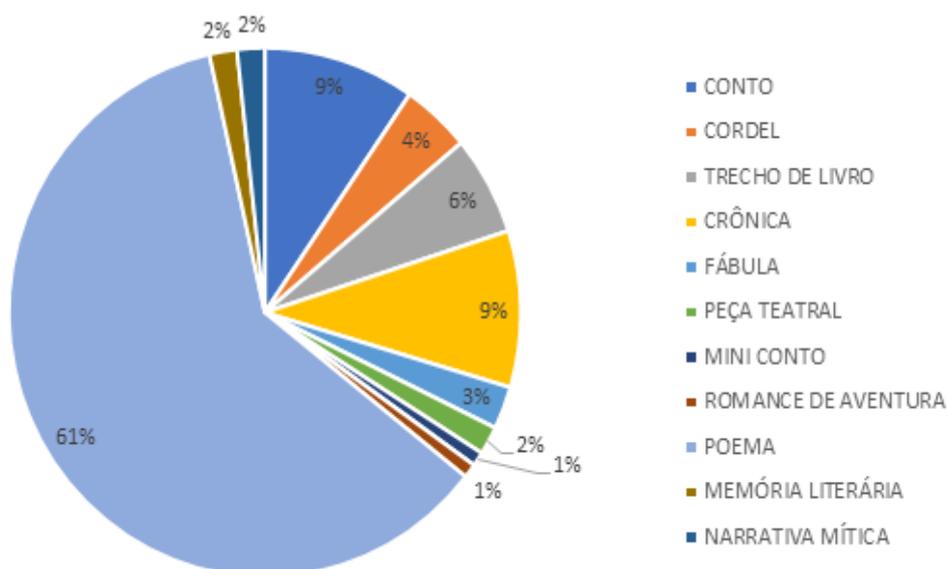
Um ponto importante a se destacar é que, ao fazermos a comparação entre os Quadros 16, 17, 18 e 19, percebemos que alguns autores (Drummond, Mário Quintana, Roseana Murray, José Paulo Paes) e suas obras constam reiteradamente nos livros didáticos pesquisados, bem como os gêneros literários. Ora, essa repetição de obras e de autores nos livros didáticos do

Ensino Fundamental II demonstra a intenção dos autores em inserir em suas obras os autores conhecidos nacionalmente, o que não impede o professor de construir outro repertório, inserindo outros autores, podendo, também, construir outro repertório com os alunos. Nesse aspecto, quando o repertório de textos literários é construído conjuntamente, os alunos têm a oportunidade de irem reconhecendo autores, fazendo suas escolhas, analisando seus gostos e preferências, para formar seu gosto literário.

Outro fato que observamos foi a respeito do gênero literário romance, que aparece fragmentado em todos os livros didáticos analisados nesta pesquisa. Nesse aspecto, consideramos que, por se tratar de um gênero cuja leitura pode iniciar, mas não terminar em sala de aula, por ser um gênero mais extenso, os autores dos manuais didáticos optaram por inserir fragmentos dos mesmos, dando ao leitor o contato com a arte literária diluída, decantada, portanto. Neste caso, surge a oportunidade de o professor apresentar aos alunos a obra integralmente.

Para a conclusão dos resultados extraídos dos manuais didáticos, elaboramos um gráfico que apresenta quais são os gêneros literários que mais estão presentes nestas obras.

Gráfico 11 - Gêneros literários mais encontrados nos Livros Didáticos



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

O Gráfico 11 apresenta o resultado dos gêneros literários que mais constam nos manuais de ensino, sendo o poema o gênero que mais consta neles, correspondendo a cerca de 61% do total dos textos literários, conforme mostrados nos Quadros anteriores (16, 17, 18 e

19), seguido do gêneros conto e crônica, com cerca de 9%. Os demais gêneros ficam entre cerca de 4% e 1% (fábula, peça teatral, memória literária, além de outros).

5 A INTERVENÇÃO

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kavakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar, estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo e gaguejando, pediu ao pai: -- Pai, me ensina a olhar! (GALEANO, 2002, p. 17).

Este texto com o qual faço abertura desta subseção é muito significativo para mim, o que explicarei a seguir. Há pouco tempo, comentei com uma amiga acerca dele e a forma de como ele tinha, através de um *insight durante* a leitura, a ver com intervenção de minha pesquisa. Achei engraçado o comentário dela: “Tu não conheces esse texto, me admiro, tem até um exercício sobre ele com umas questões interessantes, vou te mostrar.” Confesso que não senti nenhum interesse em olhar as questões, o que, é claro, não falei à amiga. De todo, modo, quero destacar alguns pontos que considere importantes nesta crônica e que se relacionam à intervenção

Quero destacar que o texto termina com um pedido: “Pai, me ensina a olhar!”, foi a súplica feita ao pai pelo filho ao se deparar com o mar. O filho foi tomado por uma espécie de alumbramento ao ver o mar com todo o seu esplendor e formosura, cuja cena não é difícil de imaginar: De um lado, Diego tão pequeno, frágil, inseguro e, de outro, o mar bravo, esplendoroso, gigantesco. Entre os dois havia uma distância não apenas física, mas uma distância afetiva, que o garoto queria eliminar, e o pai era o que faria a mediação, levaria o filho a olhar o mar, cujo sentido atribuído ao verbo seria o de conhecer, o de experimentar o novo sob a orientação de alguém por quem garoto nutria confiança.

Em que aspecto esse texto, escolhido como epígrafe para início deste capítulo, pode se relacionar com a intervenção desta pesquisa? Como professores podemos nos posicionar ora como o pai, na condução do ensino, ora como o Diego, no momento em que solicitamos para que alguém nos conduza. Ser professor com formação não é condição suficiente para que possamos desconsiderar, e até rejeitar, momentos de condução ao aprendizado.

O fato de estar há muitos anos na sala de aula, no exercício da docência, não significa para o professor total segurança, são necessárias ações em que ocorram a troca de experiências, planejamento e leituras em conjunto, discussões direcionadas para e com outros docentes de outras disciplinas inclusive, enfim, as intervenções devem acontecer de maneira que os que dela participarem consigam ter sobre si o olhar tanto de quem ensina a olhar quanto de quem aprende a olhar.

Um aspecto importante que quero destacar nesta pesquisa está ligado ao fato de não esquecermos dos sujeitos que dela participaram, o que Minayo (2001, p. 55) denomina de apresentação de proposta de estudo, isso ocorre antes de entrarmos em campo e nos aproximarmos das pessoas que irão participar da pesquisa. Isso eu procurei seguir (além de incluir no pré-projeto da pesquisa, especificamente no cronograma, a volta com os sujeitos pesquisados para apresentar os resultados da pesquisa antes de serem analisados).

Entendo que ao entrar em campo para extrair dados, convém uma boa medida de sensibilidade, porque os resultados obtidos não são apenas para serem coletados, expostos e analisados, mas para trazerem a reflexão, além de gerar repercussão positiva advinda da pesquisa.

Embora a pesquisa tenha tido como os sujeitos os professores e os alunos, e o livro didático, a intervenção foi realizada apenas com os professores, porque se os alcançássemos haveria bastante contribuição para este trabalho.

Para esta parte tão importante na pesquisa elaborei alguns objetivos, os quais foram:

- 1) mostrar os resultados, aos professores, dos questionários respondidos pelos alunos;
- 2) refletir que no ensino de Língua Portuguesa deve haver o lugar para o ensino de literatura.
- 3) mostrar as tabelas construídas contendo a descrição dos textos literários que constam nos livros, destacando o título, o autor(a), a página e o gênero literário.
- 4) ouvir relatos de experiências dos professores sobre o uso dos textos literários nas aulas de Língua Portuguesa;
- 5) ouvir experiências sobre o ensino de literatura em turmas do Ensino Fundamental II;
- 6) apontar possíveis caminhos para que a literatura seja cada vez menos didatizada e cada vez mais vista como experiência estética e humana.

Procuramos, como pesquisadora, criar objetivos que estivessem relacionados com os objetivos da pesquisa, por isso tivemos bastante cautela porque seria um encontro apenas. Havíamos programado realizar três encontros com os professores que participaram da pesquisa, os quais seriam nas segunda feiras a cada início de mês, nos meses de abril, maio e junho; estes encontros foram acordados entre os professores e a pesquisadora, no entanto nos meses de abril e maio os encontros não ocorreram, porque os professores tinham atividades agendadas, treinamentos, aulas etc., o que ia tornando-se difícil reunir.

Após os entraves que ocorreram, decidimos, em acordo com os professores, agendar o encontro. Foi encaminhado um convite, através de um aplicativo de mensagens, e enviado

aos professores que participaram da pesquisa, solicitando que confirmassem a presença, além de que levassem professores de Língua Portuguesa da escola onde trabalham. Dentre os que receberam o convite, apenas 1(um) disse que não poderia comparecer, porque estaria em viagem, os demais confirmaram a presença.

O título do encontro foi “O Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura”, ocorrido no dia 17 de junho de 2019, na Sala de leitura da Escola Estadual Aluizio Lopes Martins, Rua Salvação SN, Bairro do Maracanã, na cidade de Santarém-PA. O encontro ocorreu neste espaço por ter sido, dentre os lugares indicados, o que foi sorteado.

5.1 O Encontro com os professores

No horário combinado estavam presentes quatro professoras, aguardamos 15 min e iniciamos.

Este encontro gerou muitas expectativas em mim, porque, pela primeira vez, eu estava não sendo a professora, mas a pesquisadora diante dos sujeitos que dela participaram e, para trazer-lhes os resultados, seria necessário cautela de minha parte, para que as docentes não se sentissem constrangidas, responsabilizadas ou culpadas. acerca dos resultados. O que eu tinha em mente era que teria de ter responsabilidade para não causar quaisquer constrangimentos. Como não foi possível realizar os três encontros, conforme o cronograma, dividimos o encontro em duas partes.

Parte I que consistiu na apresentação dos resultados obtidos dos questionários dos alunos.

Parte II que consistiu em reflexões acerca do ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa.

Neste encontro, não fiz gravação das vozes das professoras, por isso, irei pontuar os aspectos que considerei relevantes nas duas partes do encontro. Logo, descreverei os acontecimentos de maneira objetiva da primeira parte do encontro.

Iniciei dando as boas-vindas às professoras, dizendo que eu estava com muita expectativa, e agradecendo o fato de elas terem dedicado um pouco do tempo para estarem ali naquele momento, visto que as quatro professoras vinham de uma jornada de trabalho, manhã e tarde, então o cansaço era inevitável. Expliquei-lhes como faríamos o encontro. Antes pontuei que o encontro era uma das etapas de minha pesquisa, mas que não estávamos apenas cumprindo cronograma, que estávamos juntas para partilhar dados importantes e fazer em conjunto alguns encaminhamentos.

A finalidade deste encontro era justamente proporcionar um ambiente de diálogo e de reflexão entre professores, porque esses momentos têm se tornado cada vez mais raros nas escolas. Para iniciar entreguei uma xérox para cada uma com o texto do Galeano, pedindo-lhes que relacionassem os personagens – Diego e o pai – consigo mesmas e fiz as perguntas seguintes:

Caso o mar representasse a sala de aula, você seria o Diego ou o pai?

O que significar ensinar a olhar, relacionado ao contexto da sala de aula?

Todas as professoras relataram gostar muito de texto que lhes foi dado para o momento de reflexão e disseram que poderiam tanto ser o pai quanto o Diego, ao relacionarem com o ensino/aprendizagem. Quanto ao contexto da sala de aula, a fala de uma das professoras foi dizer que ensinar a olhar é ser mediador e acrescentou que todo professor é mediador.

Conforme foi estabelecido, apresentei os slides² com os resultados dos questionários respondido pelos alunos, cujos títulos eram:

- 1) Você lê regularmente?
- 2) O que faz após a leitura do texto literário?
- 3) Sua escola possui projetos de incentivo à leitura?
- 4) Sua escola possui Biblioteca Escolar/sala de leitura em funcionamento?
- 5) Com qual frequência você visita o espaço?
- 6) Atividades de leitura de que você participa em sua escola?
- 7) Leitura literária que marcou sua vida

Além dos resultados das questões fechadas, às professoras também foram mostrados os resultados das questões abertas, que indagavam sobre os conceitos de leitura, de leitura literária e as obras literárias que marcaram a vida dos alunos. Quando os resultados foram mostrados, elas perceberam que as perguntas do questionário aplicado aos alunos eram as mesmas que elas haviam respondido. O que mais chamou a atenção, durante a apresentação dos resultados, foi o fato de os alunos não saberem o que era leitura literária, surgindo com isso a seguinte fala de uma das professoras: ‘Eu também não sei o conceito, por isso deixei em branco, eu poderia até pesquisar, mas preferi não colocar.

A partir dos dados, foram apontadas pelas professoras as seguintes questões:

- 1) Não lembravam de conceitos, mas achavam que deviam lembrar ou pesquisar.
- 2) Achavam que os alunos, de fato, não sabiam conceituar porque não foram ensinados;

² Foram elaborados e apresentados na seção 5.2 que traz detalhadamente os resultados em forma de gráfico.

- 3) A biblioteca escolar não é tão bem aproveitada como deveria, porque às vezes falta servidor no espaço ou, às vezes, o servidor é lotado em horário que elas não têm acesso.
- 4) Os alunos não se interessam em ler literatura mesmo que elas recomendem;
- 5) Os livros didáticos são importantes para trabalhar poemas, contos, crônicas;
- 6) Os planejamentos da disciplina Língua Portuguesa são muito individualizados, sendo que cada uma faz o planejamento e entrega no setor técnico.

Estes foram alguns apontamentos que as professoras fizeram. A princípio observamos que as professoras estavam meio tensas, com receio de que fossem revelados os resultados dos questionários que elas haviam respondido, mas ao explicar-lhes que mostraria apenas os resultados dos questionários dos alunos, observamos que elas ficaram mais tranquilas.

Apresentar os resultados de uma pesquisa, mesmo que não sejam dos sujeitos (professores), mas dos outros sujeitos (os alunos) não é simples, porque refletem o trabalho do professor, que é quem media o ensino e o aprendizado na sala de aula. O objetivo em apresentar os resultados era para em seguida irmos para o segundo momento do encontro. Antes de iniciar o segundo momento, foi distribuído um papel contendo a mesma pergunta para cada participante. A pergunta era: “Qual é o lugar ocupado pela literatura na aula de Língua Portuguesa que eu ministro?” Após cada professora receber e ler o papel, foi dado um intervalo de 10 min. para que as professoras pudessem relaxar um pouco, e tomar um breve lanche.

Após o retorno, dissemos que a pergunta não seria respondida de imediato, no entanto, após os encaminhamentos e as discussões, nós retornaríamos e faríamos uma reflexão sobre ela. Então demos início à segunda parte do encontro, e pude observar que as professoras aparentavam estar bem dispostas ainda. O primeiro slide³ continha o título do encontro “Leitura literária e o ensino de Língua Portuguesa”, e expliquei que este título foi escolhido exatamente porque eram os objetos de minha pesquisa.

Iniciamos a reflexão a respeito do quanto somos capazes de mudar, que nunca estamos iguais, e para esta reflexão usamos o aforismo dito por Riobaldo em Grande Sertão: veredas, ao afirmar que as pessoas estão sempre mudando. Uma professora relatou que conhecia essa frase e que sempre gostava de usá-la. As outras disseram que não conheciam a “citação”. Em seguida, mostrei várias imagens com várias obras de arte e lhes perguntei: Vocês sabem falar a respeito de cada obra de arte? As respostas foram unânimes, elas disseram que sabiam

³ Os slides encontram-se conforme a sequência de apresentação no encontro.

apenas os nomes, e as imagens que mais falaram os nomes foram “Abaporu” e “Monalisa” de Tarsila do Amaral e Leonardo da Vinci, respectivamente; as demais obras já haviam sido vistas em livros didáticos, apenas isto, disseram. Então, a partir dessas falas, fiz a retomada ao Diego da crônica, que queria que o pai o ensinasse a olhar o mar, ensinar a olhar é o que podemos chamar de mediação, então relatei com o ensino de literatura, nas aulas de Língua Portuguesa ao indagar: Será que nossos alunos estão como nós, querendo que nós os ensinemos a olhar para a literatura? As respostas foram as seguintes:

“Verdade, às vezes pensamos que os alunos sabem as coisas, e nem falamos”

“Nós pensamos que só tem literatura no Médio”.

“Eu não falo de texto literário, trato como texto qualquer”.

“Nunca pensei por esse lado.”

Em seguida, o slide apontava para outras reflexões:

- 1) O que se ensina quando se ensina literatura;
- 2) O professor dissocia o ensino de LP do ensino de Literatura?
- 3) O aluno vê a Literatura como arte?
- 4) Quando o aluno faz leitura de literatura, o que devo fazer após essa leitura?

Neste ponto, percebemos que as professoras ficaram bastante pensativas, e, uma delas falou que o conteúdo do slide a fez lembrar das perguntas do questionário respondido. A reflexão partilhada sobre o ensino de Língua Portuguesa e de literatura foi planejada para que as professoras de fato pudessem, além de refletir, trocar experiências sobre o ensino. Nosso objetivo era conduzir o encontro de maneira que pudessemos pensar sobre o tema do encontro; e um fato bem interessante foi como uma das professoras fez o relato, segundo ela, nunca tinha parado pra pensar sobre as questões, e que achava que a escola tinha que promover encontros com os professores de Português, porque quando se reúnem, parece que tudo fica melhor para pensar, e que nunca tinha pensado que no Ensino Fundamental tinha literatura, porque para ela, literatura era só estudar os estilos de época, os autores. Diante da sinceridade da professora, uma outra afirmou não ser fácil o professor pensar sobre essas coisas. imaginem os alunos.

À medida que avançávamos as discussões e os questionamentos aumentavam, um deles foi quando apresentei o slide contendo um poema “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias e em seguida mostrei a atividade proposta após a leitura do texto literário; logo após pedi para que cada uma refletisse a respeito da seguinte pergunta: o que faço quando levo o texto literário para o aluno? As respostas não foram divergentes, elas concordaram que achavam práticas as questões que os alunos respondiam após a leitura de poemas, de contos ou de crônicas, além de relatarem as dificuldades em elaborar questões. Uma professora disse que sempre pedia para os alunos emprestarem livros na biblioteca e recomendava para os alunos fazerem resumos do

livro que tinham lindo, e acrescentou que fazia com os alunos essa atividade porque na universidade a atividade que os professores do curso de Letras, segundo ela, mais passavam eram os resumos dos romances que indicavam.

Como o tempo do encontro já estava terminando, as professoras solicitaram que pudéssemos retornar em outros momentos e disseram lamentar que a escola não promovia encontros de professores de Língua Portuguesa, que não existem momentos para que os professores planejem juntos. Uma professora disse que não gostava de responder nenhum questionário de universidade alguma, porque se sentia apenas usada, respondia e depois nem sabia para que serviria, por isso constantemente se recusava a responder, e que às vezes até pegava o papel e não sabia onde o colocara. As outras disseram que respondiam por responder, mas que também não achavam ser importante. Então, falamos de como é importante olharmos para a nossa prática de sala de aula, onde é possível refletirmos sobre ela.

Nesse encontro, as professoras perguntaram se eu poderia disponibilizar por escrito e lhes enviar as metodologias que eu usava em aulas de Língua Portuguesa para ensinar os alunos a lerem e a gostarem de ler literatura, daí solicitaram indicações de leitura, de obras para adolescentes. Indiquei-lhes o Lelit - Ufopa⁴, que possui uma Biblioteca com vasto acervo em obras de literatura infanto-juvenil.

O encontro terminou com os agradecimentos às professoras, além de assumir a responsabilidade de lhes mostrar a maneira como eu ensinava literatura para meus alunos, surgindo, assim, a ideia de criar um material que reunisse as minhas experiências com leitura de literatura em sala de aula, que se concretizou no E-book “Literatura no Ensino fundamental II: convite à travessia”.

Figura 8– Conjunto de slides apresentados no Encontro com professoras que responderam ao questionário, Sala de leitura da Escola Aluízio Lopes Martins, (Santarém/PA).



O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegrou montão.

[Guimarães Rosa](#)

⁴ Grupo de pesquisa criado em 2011 para Estudos, intervenção, leitura, escrita e literatura na escola. O grupo é coordenado pelos Professores Doutores da UFOPA Luis Percival Leme Britto e Zair Henriques dos Santos.



Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,

Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu
morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as
palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias

PARA INÍCIO DE CONVERSA

- O que se ensina quando se ensina literatura?
- O professor dissocia o ensino de LP do ensino de Literatura?
- O aluno vê a Literatura como Arte?
- Quando o aluno faz leitura de Literatura, o que devo fazer após essa leitura?

- a) barroco
 - b) arcadismo
 - c) romantismo
 - d) parnasianismo
- O texto acima pertence ao estilo de época do:
- e) modernismo

LEITURA LITERÁRIA

“É a leitura de Literatura.” (Riziomar Oliveira)

LITERATURA E O ENSINO

O que faço quando levo o texto literário para o aluno?

Fonte : Elaborado pela autora

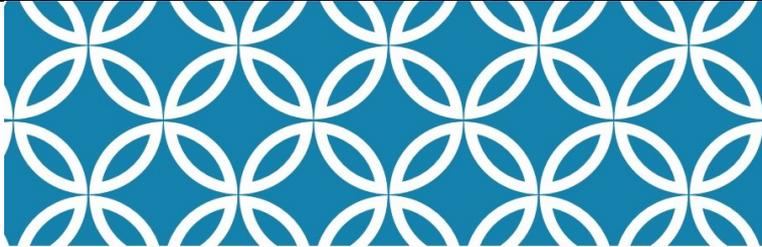
Figura 9– Conjunto de slides apresentados no Encontro com professoras que responderam ao questionário, Sala de leitura da Escola Aluizio Lopes Martins, (Santarém).

<p>TRÊS REFLEXÕES SOBRE A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO (ANA MARIA MACHADO)</p> <p>1. Uma didática da leitura do texto literário deveria passar, em primeiro lugar, pelo enfrentamento do texto pelo professor enquanto leitor;</p>	<p>2- Em segundo lugar, pela percepção de que a abertura para o texto permite que o próprio texto “fale” e indique ao professor os passos a seguir na mediação.</p>
---	---

<p>3- Em terceiro lugar, pelo reconhecimento do que se espera do nosso aluno a partir do exercício da leitura literária: uma apropriação efetiva da literatura como prática estética e social, o que envolve tanto o desenvolvimento de competências leitoras específicas, a partir de estratégias específicas, quanto a compreensão do que seja o pacto ficcional e a identificação.</p>	<p style="text-align: center;">PACTO FICCIONAL</p> <p>Quando aceitamos a leitura de uma obra de ficção, assumimos inquestionavelmente as condições propostas nesse texto, mesmo que no mundo real os parâmetros não coincidam com “essa nova realidade(irreal) proposta pelo autor. https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/6447563</p>
<p>Em uma escola onde não existe tempo para a leitura literária, a existência desta se restringe ao extracurricular, extraclasse, tarefa de casa ou período de férias. Enfim, como adorno. Quando não negada, verifica-se como desvalorizada, adiada, encomendada, vigiada, imposta, cobrada.</p>	<p style="text-align: center;">LEITURA DE LITERATURA PRECISA DE PRODUTO?</p> <p style="text-align: center;">Sim ? Não?</p>
<p style="text-align: center;">ALGUMAS PRÁTICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Disponibilize livros em PDF; ➤ Faça Sarau; ➤ Leia com os alunos; ➤ Crie um clube de leitores; ➤ Participe de formações; ➤ Leve seu aluno ao ambiente de leitura; ➤ Crie um grupo de leitores literários e disponibilize leituras; ➤ Disponibilize fichas para anotações de leitura literária; ➤ Visite o LEUT; ➤ Procure referencial teórico sobre leitura literária; ➤ Planeje atividades com outros professores; ➤ Envolver a escola, não faça nada sozinha; ➤ Decore poemas; ➤ Faça vídeos; ➤ Faça antologias; 	<p style="text-align: center;">MAIS PRÁTICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Troque experiências com colegas; ➤ Assista a filmes adaptados de obras literárias; ➤ Faça retextualização de obras literárias; ➤ Seja para seu aluno o melhor mediador de leitura literária; ➤ Promova visitas ao Salão do livro; ➤ Apresente autores e obras; ➤ Reconheça-se como professor de Literatura;

Fonte : Elaborado pela autora

Figura 10– Slide apresentado no Encontro com professoras que responderam ao questionário, Sala de leitura da Escola Aluizio Lopes Martins, (Santarém).



OBRIGADA, MENINAS !

Literatura é um direito!

Fonte : Elaborado pela autora

As Figuras 8, 9 e 10 contém os slides usados para o encontro com as professoras que participaram da pesquisa. O objetivo do encontro era apresentar os resultados dos questionários respondidos pelos alunos aos professores, para refletirmos em conjunto sobre o ensino de literatura nas aulas de Língua Portuguesa.

Este encontro como uma etapa da Intervenção da pesquisa foi muito proveitoso, pude analisar, como pesquisadora, quão importante é poder vivenciar as experiências de outras docentes e concluir que, de fato, os encontros que trazem reflexão sobre a prática dos professores, também podem revelar as diversas perspectivas para tornar o ensino de Língua Portuguesa. Ademais, as construções e as reflexões coletivas são mais produtivas e, de certo modo, mais prazerosas, porque é o momento em que paramos para olhar a nossa prática com maior equilíbrio, com mais responsabilidade. Por isso o encontro foi participativo, e os objetivos traçados evidenciaram a necessidade de mais encontros formativos como este que foi realizado

5.2 O E-book

O E-book “Convite à travessia” é uma proposta metodológica de ensino para professores de Língua Portuguesa do Ensino fundamental cujo objetivo é de tornar presente e contínuo o ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa, endossando a importância da Educação literária, indispensável fator de humanização neste mundo tão inserido em desumanidades. Para elaborar este material, destaco a prazerosa orientação e preciosas contribuições da Prof^ª Dr^ª Ana Maria Silva Vieira, cuja leveza de alma lembram o que Bartolomeu Campos de Queiróz, na obra *Sei por ouvir dizer*, poeticamente escreveu: *Parecia feita de três gotas de sereno, três grãos de açúcar e uma tonelada de mansidão*. Além da valiosa e eterna parceria, construída nas paragens e nas travessias da vida, quer seja trocando experiências e aprendizados, quer seja produzindo conhecimentos, que reuniu as professoras Ana Diane Pereira Vinhote e Riziomar Pinheiro de Oliveira, docentes de Língua Portuguesa na Educação Básica, nos municípios de Curuá e Santarém, respectivamente.

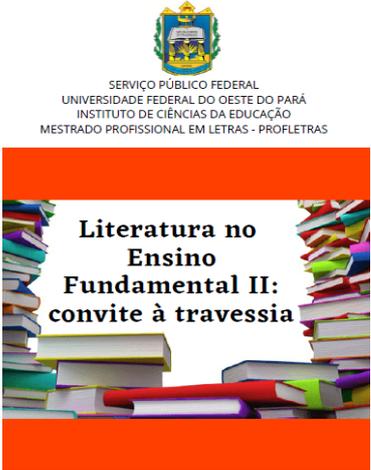
O E-book apresenta sugestões de atividades envolvendo leitura de literatura para serem desenvolvidas com alunos do 6º ao 9º ano. Lembramos que as atividades sugeridas no E-book podem ser realizadas em turmas diferentes, sendo atividades sugestivas e adaptáveis.

Quero dizer que trazer às mãos dos professores este “Convite à travessia” resulta do processo investigativo, sendo, ao meu ver, a repercussão favorável advinda dele (processo), conforme aponte ao discorrer sobre os procedimentos metodológicos. Desse modo, além

elaborar um material didático e disponibilizá-lo a todos quantos tenham por ele interesse, é uma maneira de apontar caminhos que poderão trazer benefícios à prática docente e, conseqüentemente, ao ensino de Língua Portuguesa, que não pode ser um ensino compartimentado, fragmentado, não havendo espaço nem para o ensino nem para leitura de literatura.

No Quadro 20 constam as informações sobre o E-book “Convite à travessia”, assim como o link para o acesso.

Quadro 20 - Capa do E-book, informações das autoras e link de acesso

Capa	Informações do e-book	Link para acesso
	<p>OLIVEIRA, R. P., SILVA, A.M.V., VINHOTE, A.D.P. Literatura no Ensino Fundamental II: convite à travessia. E-book, 17 páginas – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciência da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, Santarém, 2020.</p>	<p>https://drive.google.com/drive/folders/1herEK-iE_uB_m1MAIpbPMXNuxk5Y3nrO?usp=sharing</p>

Fonte : Elaborado pela autora

No Quadro 21 está o link para a entrevista feita com a professora Lia Márcia Maia Costa Pereira, após a leitura do E-book “Convite à travessia”, demonstrando de que maneira o material produzido é importante para tornar presente a literatura nas aulas de Língua Portuguesa. A docente possui formação em Letras, e atua como professora de Língua Portuguesa na Educação Básica há 22 anos.

Quadro 21 – Entrevista conduzida com a Profa. Lia Pereira a respeito do E-book “Convite à travessia”

Entrevista	Link para acesso
	<p>https://youtu.be/8iQbOueE3SKY</p>

Fonte : Elaborado pela autora

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de Literatura não pode ser esquecida sobretudo na escola, que é o canal que a sociedade privilegia para transmitir o conhecimento. É preciso que as leituras feitas na escola tenham dignidade e aproveitem o pouco tempo que é possível dedicar a elas (MACHADO, 2011, p. 34).

Para Antonio Cândido (2004), a Literatura tem sido nas sociedades onde vivemos um poderoso instrumento de instrução e de educação. O autor aborda em *O direito à literatura* a relação desta com os direitos humanos sob dois aspectos; primeiramente, o de que a Literatura corresponde a uma necessidade universal, não podendo ser negada, pelo contrário, precisa ser satisfeita, tendo o poder de transformar o caos interior do homem em um mundo organizado, sendo, portanto, capaz de humanizá-lo; e em segundo lugar o de que a Literatura pode servir como um instrumento consciente de denúncia e de revelação da insatisfação do homem na sociedade. De fato, a maneira como o autor relaciona Literatura e direitos humanos conduziu-nos à reflexão, um tanto esquecida, mas tão necessária no âmbito educacional quando tratamos de Literatura.

No cenário educacional, especificamente no Ensino Fundamental, a Literatura não possui o status de disciplina escolar, figurando como uma espécie de conteúdo que esporadicamente precisa ser lembrado a fim de ser trabalhado na disciplina Língua Portuguesa. Nesse aspecto, valemo-nos da fala de Cândido e afirmamos que, sendo a Literatura um poderoso instrumento de instrução e de educação, é no âmbito escolar que ela precisa, com constância e com urgência, ocupar lugar nas aulas de Língua Portuguesa; caso contrário, corre-se o risco de cada vez mais a Literatura não ter lugar privilegiado no ensino, e o pior, lugar nenhum.

Esta pesquisa, *Leitura literária e o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano: Margens opostas ou travessia?* investigou o lugar da Literatura no ensino de Língua. Sendo o título composto por uma pergunta, orientamo-nos no sentido de que para respondê-la, deveríamos fazer a busca sob o ponto de vista de quem não quer respostas prontas e acabadas, mas muito além disso, o desejo de que a pesquisa trouxesse reflexões pedagógicas e existenciais. E confesso que a experiência da pesquisa me trouxe muitas reflexões e questionamentos acerca de minha atuação como professora de Língua Portuguesa na Educação Básica. Fiz muitas indagações a mim mesma e obtive, ao comparar minha prática com os encaminhamentos teóricos, respostas que embasarão minha conduta profissional com muito mais responsabilidade.

A partir da análise dos dados coletados nas entrevistas com os docentes e com os alunos, e nos livros didáticos de Língua Portuguesa, destaco alguns aspectos relevantes da pesquisa que serão tratados a seguir.

Os questionários utilizados para a coleta de dados, tanto do professor como do aluno, tinham as mesmas indagações, para, a partir dos dados, comparar os resultados conforme o objetivo da pesquisa que era investigar como ocorria o ensino de Literatura na disciplina Língua Portuguesa em turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e no Livro didático. Quanto a este objetivo, iremos apontar os resultados obtidos de cada um dos sujeitos da pesquisa.

No que tange aos docentes, podemos destacar que, embora possuam mais de 10 anos no exercício da docência, alguns possuindo mais de 20 anos de experiência, quando indagados acerca do ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa, os docentes figuram como aqueles para quem o texto literário tem de ter fins práticos, utilitários, não concebendo a Literatura, conforme a atribuição de Cândido, como instrumento de instrução e de educação, mas como uma maneira rápida e prática para o ensino de questões gramaticais, elaboração de resumos, fichas de leitura etc. Outro aspecto relevante, apontado pelos resultados na pesquisa com os professores, é quanto à própria concepção de leitura e de leitura de Literatura; as respostas sugerem sempre a leitura sob o ponto de vista da decodificação, incluindo a leitura de Literatura. Destacamos a importância de o professor de Língua Portuguesa também se ver como professor de Literatura no Ensino Fundamental. De acordo com os resultados, alguns docentes disseram que ser professor de Língua Portuguesa não necessariamente é ser professor de Literatura, tal pensamento invoca uma dicotomia perigosa no Ensino de Língua uma vez que não permite ao aluno desfrutar da experiência estética proporcionada pela leitura de Literatura.

Destacamos que o encontro “O ensino de Língua Portuguesa e de Literatura”, realizado com quatro docentes, que participaram da pesquisa, foi uma maneira de voltar aos docentes, apresentando-lhes os resultados dos questionários dos alunos, refletir a respeito deles e traçar em conjunto caminhos para o letramento literário. Neste encontro, as professoras consideraram-no uma experiência exitosa, porque foram expostos seus sentimentos como a insegurança em, às vezes, não saberem como conduzir o ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa, mas assumindo um compromisso de buscar conhecer mais do poder transformador que tem a Literatura, através de encontros formativos. Esta ação, aparentemente simples, apontou a importância de os professores estarem juntos para refletir, planejar, e pensarem metodologias para o ensino de Literatura no Ensino Fundamental. No entanto, as professoras relataram que, embora saibam da existência acerca de encontros formativos para

professores da Educação Básica, promovidos pela UFOPA, disseram que não podem participar porque não podem faltar às aulas, sob pena de terem sua falta contabilizada para desconto. Então percebemos que o professor esbarra no entrave de querer a formação e entender a importância dela, mas as Secretarias de Educação estabelecem com o centro de pesquisa na área de educação no interior da Amazônia – A UFOPA- um distanciamento proposital, gerando professores com carga horária elevada e formação minimizada. Ainda consideramos que, embora existam entraves, os professores devem desejar a formação e buscá-la. Existem muitos cursos de formação de leitor literário específicos para professores da Educação Básica, com certificações promovidos pelas Universidades, inclusive na modalidade EAD.

Ademais, esta pesquisa me permitiu mostrar a relevância da mediação da leitura literária dentro e fora da sala, além de defender a presença da Literatura no ensino de Língua Portuguesa no Ensino fundamental com o objetivo da formação do leitor de literatura, cabendo ao professor o papel de mediador nesse processo, e os resultados apontaram que os professores utilizam para a formação do leitor de Literatura os espaços de leitura existentes nas escolas (Salas de leitura e Bibliotecas escolares), onde os alunos podem consultar e emprestar obras literárias para leitura fora do ambiente escolar. Outro ponto a ser destacado nesta pesquisa são os projetos de leitura, desenvolvidos pelos professores como saraus, rodas de leitura, contação de histórias, hora do conto.

Tais ações, quando programadas pelo professor com a participação de alunos (é muito importante deixá-los participar das programações com sugestões, com criações e com apresentações, dando-lhes a oportunidade do contato com textos de Literatura), dão protagonismo não apenas ao aluno, mas à Literatura, colocando-a em um lugar de destaque na aula de Língua Portuguesa. Além dessas ações, o professor de Língua Portuguesa deve ser o principal leitor de Literatura na sala de aula, e protagonizar, de fato, a Literatura em ações constantes como contar aos alunos suas experiências com a Literatura, preparar-se para a leitura de contos, de crônicas, ler trechos de romances, ler e declamar poemas, discutir sobre os textos lidos, indicar leituras para os alunos e aceitar indicações dos alunos. A constância de ações de leitura de Literatura, distante do utilitarismo, privilegiando de fato o texto literário, favorece experiências estéticas para além do ambiente escolar, configurando-se em experiência cada vez menos didática e cada vez mais humana.

A partir dos resultados obtidos, defendo, neste trabalho que o professor conheça práticas de letramento literário, e construa suas próprias práticas e ensine o aluno a ler e a gostar de ler Literatura. O que, ao meu ver, são duas ações que se entrelaçam, o ler e o gostar de ler

Literatura. Neste ponto destaco minha própria experiência como mediadora de leitura literária. As experiências que tenho em sala de aula têm resultado em relatos interessantes dos alunos acerca de algumas descobertas associadas a esse tipo de leitura.

Em relação ao questionário, respondido pelos alunos, observamos que as aulas de Língua Portuguesa, para eles, constituem-se em aulas cujo propósito é ensinar questões gramaticais, usando como instrumentos textos de Literatura. Ao serem indagados a respeito dos conceitos de leitura e de leitura literária, os alunos apontaram para conceitos como decifrar palavras, compreender e interpretar textos; no que concerne à leitura de textos literários, os resultados apontaram que 56 % dos alunos leem os textos para resolver questões sobre ele. A partir disso, concluímos que a leitura de Literatura para os alunos tem sido uma mera prática escolar, não produzindo sentido para eles, nem possibilitando-lhes viver experiências fantásticas que a leitura do texto literário produz, podendo fazê-los compreender as suas realidades, e a de outros; além de interagir com o mundo, e pensar sobre ele. Com isso, concluímos que os alunos necessitam de experiências com o texto literário, que só podem acontecer se for possível o contato deles com o texto literário. Os resultados apontam que, embora haja certas atividades como saraus, rodas de leitura, clube de leitores, são ações esporádicas, não sendo suficientes para a construção do leitor literário.

Os resultados obtidos através dos questionários respondidos pelos alunos revelam que eles frequentam espaços de promoção de leitura. No entanto, concluímos que sozinho o aluno não pode criar o ambiente de leitura, sendo responsabilidade da escola promover o acesso aos textos literários nestes ambientes, investindo, adequando e facilitando o acesso a esses espaços, para que o encontro do aluno com as obras aconteça sempre. Para tanto, é preciso um profissional capacitado para trabalhar nestes ambientes, que não seja apenas um guardador de livros; antes, seja um mediador de leitura, que promova encontros entre os professores de Língua Portuguesa para discutir questões pertinentes ao ensino de Literatura na Educação Básica

Ainda em relação aos objetivos da pesquisa, no que se reporta aos livros didáticos de Língua Portuguesa, utilizados pelos alunos e escolhidos pelos professores da disciplina, analisamos alguns aspectos. O primeiro deles é relativo ao fato de os manuais didáticos trazerem textos literários em muitas de suas páginas, como poemas, contos, crônicas etc., compreendendo desde textos canonizados até os textos de literatura contemporânea, sendo um ponto a favor do ensino de Literatura no Ensino Fundamental. Isso destrói o argumento de o aluno que, ao ingressar no Ensino Médio, diz não conhecer texto de literatura, que só nesta

etapa de ensino é que pode estudar Literatura. No entanto, outro aspecto observado está relacionado ao fato de, embora exista a presença do texto literário no manual didático de ensino, os textos não são objeto de ensino de Literatura como uma manifestação artística da língua, mas são pretexto para o ensino de regras, reconhecimento de termos sintáticos, além de questões de interpretação e de compreensão de textos, afastando o texto literário do seu caráter humanizador e transformador.

Voltamos então à pergunta que compõe o título desta pesquisa, afinal O ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa são margens opostas ou travessia? Posso afirmar pelos resultados apontados que os professores de Língua Portuguesa, os principais formadores de leitores literários dentro da escola, buscam a travessia com seus alunos no Ensino Fundamental no momento em que indicam leituras de Literatura; quando promovem ações que dão destaque ao texto literário, como saraus; quando levam alunos à Biblioteca escolar; quando contam experiências de textos literários que já leram. E considero, ainda, que a travessia deve ser realizada pelo professor de Língua com as ações já mencionadas e com a troca de experiências realizadas por outros colegas. O Eboo-k “Convite à travessia” é um exemplo desta troca de experiência docente, uma vez que as atividades sugeridas no material já foram desenvolvidas pelas docentes e foram bastante exitosas. No entanto, o ensino de Língua e de Literatura pode ocorrer em margens opostas, à medida em que o professor não busca a formação, posiciona-se passivamente diante do manual didático, aceitando que o texto literário seja o instrumento para o ensino de questões gramaticais, e quando não lê Literatura, porque se o professor não a lê, não poderá jamais formar o leitor literário.

Esta pesquisa, sugere, portanto, que o Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura não seja um ensino dicotomizado, improdutivo, mas um ensino em que professores e alunos tenham o direito de desfrutar da Literatura, de fruir a literatura em todos os seus aspectos, porque a Literatura não pode ser esquecida na escola, de modo algum, uma vez que a escola é o ambiente privilegiado para este ensino, e somente nela muitos os alunos terão acesso a este saber. Negar-lhes esse direito é tirar-lhes um bem incompressível (indispensável), conforme Cândido (2004). Nessa perspectiva, precisamos de que os docentes queiram experienciar a travessia, que se apresenta como um tempo de transformação de ações e de reflexões sobre o ensino de Língua. E a travessia não se dá sem compromisso, sem busca, sem inquietações, sem desejo do novo, do desconhecido. Assim sendo, o ensino de Língua e de Literatura não estarão em margens opostas, distantes, e encruzáveis, mas um ensino em que as margens representem

a oportunidade da travessia num contínuo aprendizado como o rio do conto roseano: “nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio”.

REFERÊNCIAS

BEACH, R.; MARSHALL, J. **Teaching Literature in the Secondary School**. Orlando: Harcourt Brace & Company, 1991.

BEVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. Vol. II. Campina: Pontes, 1976.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**—Documento final. MEC. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 20 de abril de 2020

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília - MEC: 2001.
_____. **PCN + ensino médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura como direito**. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 169 -191.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

CEREJA, William Roberto. **Português linguagens**. vol 2. 9ª Edição. São Paulo: Saraiva 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DALVI, Maria Amélia. **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

KICH, Morgana. **Mediação de Leitura Literária: O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)/2008**. Caxias do Sul, 2011. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Caxias do Sul. (Dissertação de Mestrado em Educação).

KLEIMAN, Angela B. Et. Al. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática: 2000.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Editora: Moderna, 2001.

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes Leite. **Gramática e Literatura: desencontros e esperanças**. In: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leituras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

PAULINO, G. (1999). **Para que serve a literatura infantil?** Presença pedagógica. V. 5, n.25, jan./fev, 51-57.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

QUEIROZ, Bartolomeu Campos de. **Sei por ouvir dizer.** Rio Grande do Sul: Eldebra, 2007.

RODRIGUES, Neidson. **Da Mistificação da Escola à Escola Necessária.** São Paulo, Ed. Cortez, 1992.

ROSA, João Guimarães (1908 – 1967). **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Lacerda editores Ltda, 2008.

RIOLFI, Claudia. Et. al, **Ensino de língua portuguesa.** São Paulo, Cengage Learning, 2014.

ROSA, João Guimarães. “**A terceira margem do rio**”. In: _____. **Ficção completa: volume II.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 79-85.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura.** 3. ed.. São Paulo: Martins Fontes.1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca.** 2. ed. Campinas, SP : Papyrus, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUSA, Linete Oliveira de.;BERNARDINO, Andressa Dala. **A contação de Histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** Educere et Educare, v. 6, n. 12, 2011.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto Literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

ZILBERMAM, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto.** 2. Ed. Campinas - SP: Global, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado ao aluno



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO ALUNO

Idade: _____

Série: _____

1- Para mim, leitura é

2- Para mim leitura literária

3- Você lê regularmente?

() Sim () Não

4 - Dentre os textos abaixo qual (quais) você lê com maior frequência?

() jornais e revistas (impressos / eletrônicos) () romances

() contos () crônicas () poemas outros _____

5 - As obras que você lê são geralmente

() indicadas pelo professor de Língua portuguesa

() por sua própria iniciativa

() por indicação de amigos ou outros professores

6 - Nas aulas de Língua portuguesa, o que é feito após a leitura de textos literários (conto, crônica, poema, fábula, romances, dentre outros)?

() Resolvo questões sobre o texto.

() Faço resumos .

() Discuto com outros colegas as questões relacionadas ao texto que li.

7 - Você pode citar alguma(s) leitura literária (s) que tenha marcado sua vida?

8- Além da escola, você lê em outros ambientes?

Não Sim .

Caso você tenha assinalado **SIM**, cite:

9- Sua escola possui biblioteca escolar / sala de leitura em funcionamento?

Sim

Não

10- Com qual frequência você frequenta esse espaço?

Diariamente

Semanalmente

Não frequento

11- Você pode citar alguma (s) leitura literária (s) que tenha marcado sua vida?

12- Sua escola possui projetos de incentivo à leitura?

Não

Sim

13- Caso você tenha assinalado SIM, cite:

14- Assinale a(s) atividade (s) de que você já participou em sua escola

sarau

clube de leitores

contação de histórias

roda de leitores / leitura

não participei

15- Sobre o Livro didático:

Com que frequência você usa livro didático nas aulas de Língua Portuguesa?

Diariamente Semanalmente Não uso

16- Assinale os textos contidos livro didático de Língua Portuguesa:

poema conto

tirinha/tira

charge

reportagem

trechos retirado de romance

entrevista

diário

artigo de opinião

carta ao leitor

APÊNDICE B – Questionário aplicado ao professor



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

1- Formação acadêmica

2- Há quantos anos trabalha como professor no Ensino fundamental?

() Há menos de 5 anos.

() Entre 5 e 10 anos.

() Entre 10 e 15 anos

() Entre 15 e 20 anos.

() Há mais de 20 anos.

3- Como você define leitura?

4- Você considera que há diferença entre ser professor(a) de Língua Portuguesa e de Literatura? Por quê?

5- De acordo com sua formação docente, você se considera apto(a) para ensinar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental? Por quê?

6- Como você define leitura literária?

7- Você lê regularmente?

Sim Não

8- Dentre os textos abaixo qual (quais) você lê com maior frequência?

jornais e revistas (impressos / eletrônicos) romances contos
 crônicas poemas outros _____

9- Você indica leituras literárias para seus alunos?

Não Sim

Cite: _____

10- Em suas aulas de Língua portuguesa, o que é feito após a leitura de textos literários (conto, crônica, poema, fábula, romances, dentre outros)?

- Proponho questões sobre o texto lido.
 Peço resumos aos alunos.
 Proponho discussões entre os alunos sobre o que foi lido.
 Sugiro atividades como encenações, declamações, rodas de conversas.

11- Você pode citar alguma (s) leitura literária (s) que tenha marcado sua vida?

12- Sua escola possui biblioteca escolar / sala de leitura em funcionamento?

Sim Não

13- Com qual frequência você frequenta esse espaço?

Diariamente Semanalmente Não frequento

14- Sua escola possui projetos de incentivo à leitura?

Não Sim

15- Caso você tenha assinalado SIM, cite:

16- Assinale a(s) atividade (s) de que você promoveu/participou em sua escola

Sarau Clube de leitores Contação de histórias
 Roda de leitores / leitura Não promovi/ participei

Sobre o livro didático:

17- Você usa livro didático nas aulas de Língua Portuguesa

Não Sim

18- Assinale os textos contidos livro didático de Língua Portuguesa:

poema convite conto peça teatral
 crônica charge tirinha/tira reportagem
 trechos retirado de romance entrevista artigo de opinião
 diário carta ao leitor

APÊNDICE C – Questionário aplicado aos professores (respondido – professora 1)


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO E. FUNDAMENTAL

1- Formação acadêmica
Licenciatura em Letras. Pós-graduação em Informática na Educação.

2- Há quantos anos trabalha como professor no Ensino fundamental?

() Há menos de 5 anos. () Entre 15 e 20 anos.
 () Entre 5 e 10 anos. () Há mais de 20 anos.
 (X) Entre 10 e 15 anos

3- Como você define leitura?
no verso.

4- Você considera que há diferença entre ser professor(a) de Língua Portuguesa e de Literatura? Por quê?
Não há diferença. O ato de ensinar Português deve estar atrelado ao ensino da Literatura. Para alcançar o objetivo no ensino da L.P. é importante pensar sobre a metodologia. A língua acima de tudo é um código social, um acordo de letras, que em combinação entre si adquirem

5- De acordo com sua formação docente, você se considera apto(a) para ensinar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental? Por que?
Sim. Diante de toda experiência adquirida ao longo desses 14 anos no meu maior laboratório - sala de aula, no contato diário com o aluno, na avaliação e na avaliação do método que já empregada. Além da formação básica no curso de licenciatura e das formações continuadas.

6- Como você define leitura literária?
no verso.

7- Você lê regularmente?
 (X) Sim () Não

8- Dentre os textos abaixo qual (quais) você lê com maior frequência?
 (X) jornais e revistas (impressos / eletrônicos) () romances (X) contos

Fonte: Questionário com a professora 1

3 - Há leitura e leituras. Podemos distinguir pelo menos 3 formas de leitura, as atitudes do leitor e todo professor de Língua Portuguesa precisa conscientizar-se disso. A leitura mecânica, habilidade de decifrar códigos e sinais. Isso pode ser considerado leitura? Sim, mas ainda em nível superficial, e não seria esse tipo de leitura que o docente de Língua Portuguesa deve propor na escola.

Outra forma é o que Paulo Freire denominou "leitura de mundo". Diferente da leitura mecânica, a leitura de mundo é um processo contínuo, marcado pela subjetividade de cada um. Precede a leitura mecânica e a ela deve somar-se.

A outra forma de leitura é a crítica, que alia a leitura mecânica à de mundo, numa postura avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, questionando, tirando conclusões. Para chegar a esse nível de leitor, é preciso estar com todo conhecimento - bagagem cultural, é aprendizado que se cumpre aos poucos e o professor de L.P. deve conduzir o(a) aluno(a) a esse nível mais profundo, tendo desafio de sair da margem em busca do mais profundo, águas profundas. Devemos ser um guia nessa travessia, conduzindo nosso aluno adiante nesse percurso.

continuação...
4 - significado para determinado grupo. O professor de L.P. deve contemplar os eixos: leitura (literária) / oralidade / escrita e envolver o aluno em uma série de atividades em que ele possa se posicionar e interagir perante textos que lê e ouve. Para finalizar cita o pensamento de Marta Moraes da Costa sobre a importância da literatura na nossa vida e dos nossos alunos: "O bom texto literário faz com que a língua de todos os dias apareça em roupagens mais bonitas."

crônicas poemas outros _____

9- Você indica leituras literárias para seus alunos?

Não Sim

Cite: vários gêneros: poético, crônicas, contos e outros.

10- Em suas aulas de Língua portuguesa, o que é feito após a leitura de textos literários (conto, crônica, poema, fábula, romances, dentre outros)?

Proponho questões sobre o texto lido.

Peço resumos aos alunos.

Proponho discussões entre os alunos sobre o que foi lido.

Sugiro atividades como encenações, declamações, rodas de conversas.

11- Você pode citar alguma (s) leitura literária (s) que tenha marcado sua vida?

"Anacoreta" - José de Alencar; "Amor de perdição" - Camilo Castelo Branco, outros.

12- Sua escola possui biblioteca escolar / sala de leitura em funcionamento?

Sim Não

13- Com qual frequência você frequenta esse espaço?

Diariamente Semanalmente Não frequento

14- Sua escola possui projetos de incentivo à leitura?

Não Sim

15- Caso você tenha assinalado SIM, cite:

"Portal de leitura", "Café com poesia", "Correio da leitura".

16- Assinale a(s) atividade (s) de que você promoveu/participou em sua escola

Sarau Clube de leitores Contação de histórias

Fonte: Questionário com a Professora 1

Roda de leitores / leitura

Não promovi/ participei

Sobre o livro didático:

17- Você usa livro didático nas aulas de Língua Portuguesa

Não

Sim

18- Assinale os textos contidos livro didático de Língua Portuguesa:

poema convite conto peça teatral

crônica charge tirinha/tira reportagem

trechos retirado de romance entrevista artigo de opinião

diário carta ao leitor

APÊNDICE D – Questionário aplicado aos professores (respondido – professora 2)


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 MESTRADÔ PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO E. FUNDAMENTAL

1- Formação acadêmica
Especialista em Língua Portuguesa.

2- Há quantos anos trabalha como professor no Ensino fundamental?
 Há menos de 5 anos. Entre 15 e 20 anos.
 Entre 5 e 10 anos. Há mais de 20 anos.
 Entre 10 e 15 anos

3- Como você define leitura?

4- Você considera que há diferença entre ser professor(a) de Língua Portuguesa e de Literatura? Por quê?
Sim. No meu ver, o professor de Língua Portuguesa trabalha a língua, mas no aspecto relacionado ao texto, já o professor de Literatura precisa falar diretamente os gêneros textuais e o período literário, uma vez que a carga horária é mínima e ins difícil um trabalho mais completo.

5- De acordo com sua formação docente, você se considera apto(a) para ensinar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental? Por que?
Sim, considero-me. Pois desde o início de minha profissão procuro trabalhar em minhas aulas alguns livros e poemas e textos pertinentes aos clamios da literatura e costumo falar um pouco sobre a obra em estudo.

6- Como você define leitura literária?
No meu ver, a leitura literária consiste em fazer o leitor (o aluno) a sentir o texto e o prazer em ler obras literárias e através distos refletir, pensar e sentir por meio da história lida, os sentimentos do autor.

7- Você lê regularmente?
 Sim Não

8- Dentre os textos abaixo qual (quais) você lê com maior frequência?
 jornais e revistas (impressos / eletrônicos) romances contos

Fonte: Questionário com a Professora 2

() crônicas () poemas outros Infância, Juvenil

9- Você indica leituras literárias para seus alunos?

() Não () Sim

Cite: Capitães de Areia, O Baile do judeu, O Lotis, O Berrinho Pedris, O mulato, A moça feia, O Guarani, Inocência Souza.

10- Em suas aulas de Língua portuguesa, o que é feito após a leitura de textos literários (conto, crônica, poema, fábula, romances, dentre outros)?

() Proponho questões sobre o texto lido.

() Peço resumos aos alunos.

() Proponho discussões entre os alunos sobre o que foi lido.

() Sugiro atividades como encenações, declamações, rodas de conversas.

11- Você pode citar alguma (s) leitura literária (s) que tenha marcado sua vida?

O Quilômetro, O Guarani, Berrinho Pedris, etc.

12- Sua escola possui biblioteca escolar / sala de leitura em funcionamento?

() Sim () Não

13- Com qual frequência você frequenta esse espaço?

() Diariamente () Semanalmente () Não frequento

14- Sua escola possui projetos de incentivo à leitura?

() Não () Sim

15- Caso você tenha assinalado SIM, cite:

Desvendando o mundo através da leitura (meu).

16- Assinale a(s) atividade (s) de que você promoveu/participou em sua escola

() Sarau () Clube de leitores () Contação de histórias

APÊNDICE E – Questionário aplicado aos professores (respondido – professora 3)


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO E. FUNDAMENTAL

1- Formação acadêmica
Licenciatura em Letras

2- Há quantos anos trabalha como professor no Ensino fundamental?
 Há menos de 5 anos. Entre 15 e 20 anos.
 Entre 5 e 10 anos. Há mais de 20 anos.
 Entre 10 e 15 anos

3- Como você define leitura? como forma de conhecimento para

4- Você considera que há diferença entre ser professor(a) de Língua Portuguesa e de Literatura? Por quê?
Não, devido as duas estarem interligadas

5- De acordo com sua formação docente, você se considera apto(a) para ensinar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental? Por que?
Sim, fui preparada (formada) para exercer essas atividades

6- Como você define leitura literária?
Como forma de ampliar o conhecimento e dominar a linguagem oral através da leitura.

7- Você lê regularmente?
 Sim Não

8- Dentre os textos abaixo qual (quais) você lê com maior frequência?
 jornais e revistas (impressos / eletrônicos) romances contos

Fonte: Questionário com a professora 3

(X) crônicas (X) poemas outros _____

9- Você indica leituras literárias para seus alunos?

() Não (X) Sim

Cite: poemas, crônicas

10- Em suas aulas de Língua portuguesa, o que é feito após a leitura de textos literários (conto, crônica, poema, fábula, romances, dentre outros)?

(X) Proponho questões sobre o texto lido.

() Peço resumos aos alunos.

(X) Proponho discussões entre os alunos sobre o que foi lido.

() Sugiro atividades como encenações, declamações, rodas de conversas.

11- Você pode citar alguma (s) leitura literária (s) que tenha marcado sua vida?

A pata da gazela - José de Alencar

12- Sua escola possui biblioteca escolar / sala de leitura em funcionamento?

(X) Sim () Não

13- Com qual frequência você frequenta esse espaço?

() Diariamente (X) Semanalmente () Não frequento

14- Sua escola possui projetos de incentivo à leitura?

() Não (X) Sim

15- Caso você tenha assinalado SIM, cite:

Café com poesia

16- Assinale a(s) atividade (s) de que você promoveu/participou em sua escola

() Sarau () Clube de leitores (X) Contação de histórias

Roda de leitores / leitura Não promovi/ participei

Sobre o livro didático:

17- Você usa livro didático nas aulas de Língua Portuguesa
 Não Sim

18- Assinale os textos contidos livro didático de Língua Portuguesa:

poema convite conto peça teatral
 crônica charge tirinha/tira reportagem
 trechos retirado de romance entrevista artigo de opinião
 diário carta ao leitor

Fonte: Questionário com a professora 3

ANEXOS

ANEXOS A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Leitura Literária e o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano – margens opostas ou travessia?

Nome do(a) orientador(a) da pesquisa: ANA MARIA VIEIRA SILVA

Nome dos estudantes autores: RIZIOMAR PINHEIRO DE OLIVEIRA

Você está sendo convidado a participar de um projeto de investigação.

O(s) objetivo(s) do presente estudo é/são: investigar como ocorre o ensino de Literatura na disciplina Língua Portuguesa em turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e no Livro didático.

Procedimento: Como instrumento para coleta de dados será realizada a aplicação de questionário, que servirá unicamente para fins de pesquisa.

Para qualquer dúvida ou pergunta sobre assuntos relacionados à pesquisa, o (a) orientador(a) estará disponível para esclarecê-las através do telefone (93) 99222- ou e-mail anamari1020@yahoo.com

Tendo lido, compreendido e estado suficientemente esclarecido sobre os propósitos do estudo a que foi convidado a participar, EU,

_____, autorizo que as informações prestadas sejam divulgadas no trabalho. _____ RG _____

Local e data: Santarém, ___ de _____ de 2019.

Assinatura de quem consente

Eu, Ana Maria Vieira Silva, RG: _____, comprometo-me a utilizar os dados coletados na entrevista para fins de pesquisa, mantendo o sigilo dos nomes dos participantes:

Assinatura do/a orientador/a

Esse documento deve ser assinado em duas vias. Uma via deve ser entregue à pessoa que participa da pesquisa e a outra deve ficar de posse do pesquisador.